C6 BANK | mastercard • MITSUBISHI MOTORS

UNQUIET



GROENLÂNDIA · SRI LANKA · URUGUAI

EDIÇÃO 09 | UNQUIET

CUSTOM | A SUA AGÊNCIA DE CONTEÚDO

C6 Carbon

Exclusividade com o toque humano que você precisa

Tenha um Carbon Partner
e um assessor de investimentos
sempre à sua disposição.

Baixe o app
e abra
sua conta



JUNTOS SALVAMOS VIDAS.

Tech and Soul

Dê essa chance

para você

L200TRITONSPORT.COM.BR

L200 TRITON SPORT 2023

4 you 4 a new life

MITSUBISHI MOTORS
Drive your Ambition

Sumário

018 **360º** – As novidades em hotelaria sustentável ao redor do mundo

030 **Festivais** – Música clássica no verão de Amsterdam

034 **48 Horas** – Um giro cultural e histórico por Santa Fé, no Novo México

038 **Check-in** – Tudo o que você precisa para viajar consciente

044 **Sustentabilidade** – O ecoturismo é um aliado na proteção do Cerrado

050 **Biblioteca** – Marcelo Rubens Paiva analisa a obra de Karl Ove Knausgård

054 **Brasil** – As cavernas intocadas de Terra Ronca, no coração do Brasil

064 **Cultura** – Diversidade de paisagens e de experiências no Sri Lanka

078 **Arte** – MACA, o museu que colocou o Uruguai na rota mundial da arte

088 **Esporte** – *Trekkings* em meio às paisagens extremas do norte da Argentina

098 **Bem-estar** – *Wellness* em comunhão com a natureza no Caribe panamenho

106 **Proudly** – Nova York só para meninas *queer*

110 **Ensaio** – A cultura popular brasileira pelas lentes de Akira Cravo

118 **Gastronomia** – Sabores e segredos da genuína cozinha romana

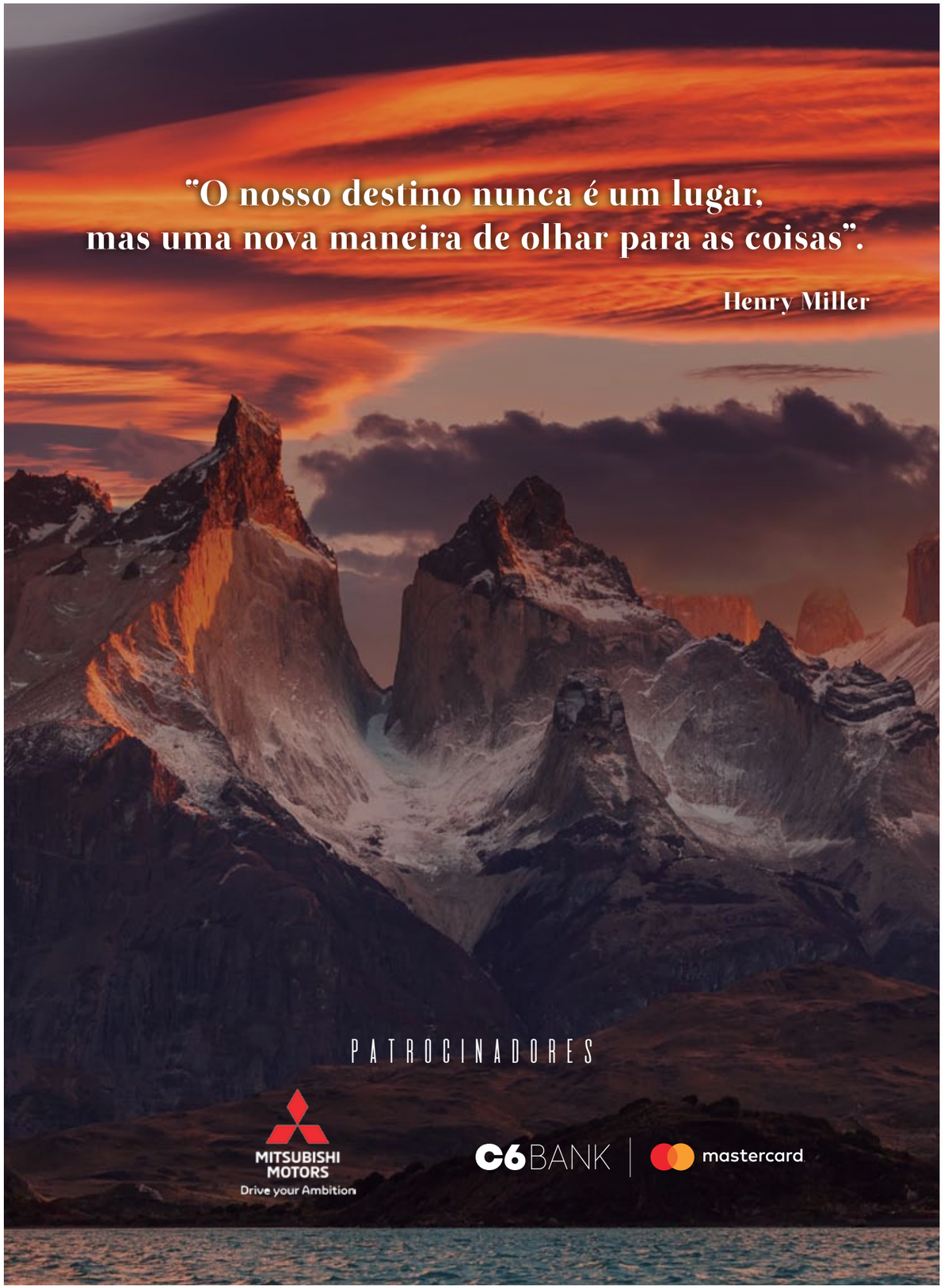
126 **Aventura** – Uma inesquecível expedição pela Groenlândia

148 **Entrevista** – Rita Soares exalta sua paixão pelo Alentejo com a Herdade da Malhadinha

152 **Crônica** – Viajar é a arte do encontro, por Emicida

154 **Inspiradores** –Zélia Gattai, uma viajante solar





UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER
Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL
Fernando Paiva *(in memoriam)*

DIRETOR EXECUTIVO
André Cheron

DIRETORA DE CONTEÚDO
Nathalia Hein

CONSULTOR
Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL
Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE
Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE
Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL
Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL
Patricia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL
Marjorie Luz

PROJETO GRÁFICO
Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS
Fernanda Espíndola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

COLABORARAM NESTE NÚMERO
Texto: Beto Pandiani, Carolina Sagesser Rodrigues, Chiara Cortez, Clarissa Schneider, Claudia Liechavicius, Emicida, Erik Sadao, Flavia Vitorino, Juliana Pinheiro Mota, Letícia Rocha, Marcelo Rubens Paiva, Marjorie Luz, Natalie Soares, Pedro Sagesser Rodrigues e Walterson Sardenberg Sº
Fotos: Akira Cravo, Beto Pandiani, Ion David, Gabriel Nunez, Nibek e Solange Souza
Ilustração: Antônio Tavares e Emicida
Revisão: Paulo Kaiser

CAPA
Getty Images

CUSTOM EDITORA LTDA.
Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

ASSINATURAS revistaunquiet.com.br/assine

revistaunquiet.com.br

@revistaunquiet
/revistaunquiet
revista unquiet
/revistaunquiet
@revistaunquiet

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C044162

Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.

Editorial

HÁ 2 ANOS CELEBRANDO O LADO UNQUIETO DO MUNDO

Contemplar paisagens de tirar o fôlego e vivenciar novas experiências em viagens inspiram nossas vidas e sempre trazem novos aprendizados.

Estamos comemorando os dois anos da UNQUIET e, nesta edição especial, mostramos a Groenlândia, um lugar mágico, que nos coloca em proporção à grandiosidade da natureza e propicia momentos de inspiração únicos.

Também convidamos o leitor a experimentar as delícias da gastronomia de Roma, eleita a melhor cidade do mundo para comer e beber em 2022. Viajamos ao Uruguai para apreciar a arte do MACA, um museu que exalta a arte latina de forma inédita. No Brasil, fomos conhecer o remoto Parque Estadual de Terra Ronca e suas cavernas coloridas.

Sempre visando o bem-estar em sintonia com a natureza, caminhamos pelo norte da Argentina, onde paisagens impactantes definem o roteiro.

Ainda sobre a pauta de autocuidado, o Panamá é a morada de um hotel-spa voltado para tratamentos holísticos e naturais em sintonia com a sustentabilidade.

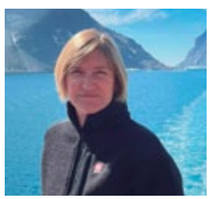
Um mergulho cultural nos leva também a um país pouco conhecido, com praias, florestas e alternativas de cuidados com o corpo e a mente: o Sri Lanka, onde estive este ano. Foi uma viagem repleta de cultura, história e de encontros com as pessoas locais, sempre com sorrisos carinhosos e gentis à nossa espera.

A "aventura extrema", a matéria especial da edição, é o relato da jornada de Beto Pandiani e Igor Bely – dois viajantes e exploradores que são a melhor tradução do espírito UNQUIET – em um catamarã na sua travessia do Ártico.

A partir de agora, temos uma nova seção: 48 Horas, que em sua estreia dá dicas sobre o que fazer em dois dias em Santa Fé, no Novo México, EUA, com o melhor da arte e cultura locais.

Que esses destinos, e tantos outros que a UNQUIET trouxe até você ao longo dos últimos dois anos, inspirem as suas próximas viagens... E proporcionem vivências inesquecíveis!

Stay alive.
Be Unquiet.



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

*Conta***Global**

Conta em dólar
e euro com
câmbio 24h

Tech and Soul

Baixe o app
e abra
sua conta

C6BANK

Colaboradores



Um dos nomes mais conhecidos da literatura brasileira contemporânea, **Marcelo Rubens Paiva** nasceu em 1959. Jornalista, romancista e dramaturgo, seu primeiro livro, *Feliz Ano Velho*, foi publicado em 1982. Nos anos seguintes, lançou, entre outros romances, *Blecaute*, *Malu de Bicicleta*, *Ainda Estou Aqui* e *Meninos em Fúria*, este em parceria com Clemente Nascimento. É colunista do jornal *O Estado de S.Paulo* e, nesta edição, assina a seção Biblioteca.



Após 14 anos como diretora de redação da *Casa Vogue* e fundadora da revista *Bamboo*, **Clarissa Schneider** se voltou para o campo das ideias e da comunicação estratégica na arquitetura e no design. Hoje ela se dedica à criação, realização e promoção de eventos culturalmente relevantes, ao desenvolvimento de projetos de arquitetura e design na função de curadora e à consultoria de tendências. Ela esteve no novo museu MACA, no Uruguai.



Por muito tempo, Leandro Roque de Oliveira encontrou nos livros e nos discos a única maneira possível de viajar. Foi apenas quando se tornou **Emicida** que as viagens em sua vida se tornaram, de fato, geográficas. Hoje, seja como um dos principais artistas do Brasil, como o pensador contemporâneo que é ou apenas como Leandro, ele entende que, mais do que o destino, a beleza das viagens mora nas possibilidades de encontros geradas por esses deslocamentos.



Beto Pandiani é velejador, palestrante e escritor. Há mais de 40 anos se aventura a bordo de catamarãs sem cabine. Como velejador, iniciou sua vida competindo na Classe Hobie cat 16 e depois se especializou em viagens oceânicas nesse mesmo tipo de embarcação. Velejou da Antártica à Groenlândia, cruzou o Oceano Pacífico e o Atlântico. Recentemente terminou a travessia da Passagem Noroeste, tema do especial Aventura Extrema.



Brasileira de coração italiano, **Letícia Rocha** é jornalista com mestrado em cultura alimentar e tradição gastronômica italiana pela Università degli Studi Tor Vergata, em Roma. Sob o curioso pseudônimo Lagartixa Roxa, ela vive em busca de sabores mundo afora, produzindo matérias sobre o tema para os principais veículos do país. Também é autora do site Rome Sweet Rome, uma plataforma voltada para quem busca as melhores informações sobre comer e beber na Cidade Eterna.



Jornalista e especialista em mídias digitais, **Marjorie Luz** já vivenciou os mais diferentes desafios em editorias diversas. Mas foi na comunicação para o turismo, área em que atua há mais de dez anos, que encontrou sua verdadeira vocação. Apaixonada por arte, tem predilação por destinos urbanos, mas topa qualquer aventura que a tire de sua zona de conforto. Ela acaba de voltar do Panamá, experiência que narra na seção Bem-Estar.



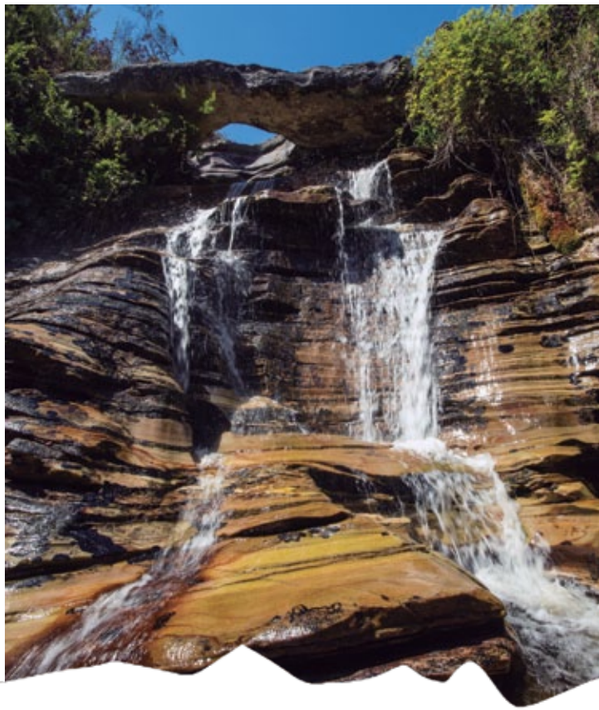
Filho de artistas plásticos, neto de escultor, é possível dizer que o fotógrafo baiano **Akira Cravo** nasceu predestinado à arte. Autodidata, define-se um artista visual que iniciou sua carreira na pintura, migrou para a escultura e finalmente para a fotografia, tendo sempre como objeto principal de seu trabalho a natureza humana e a cultura popular brasileira, mote das incríveis imagens que você encontra na seção Ensaio. Ao longo da carreira, assinou diversas exposições individuais e coletivas.



Jornadas inusitadas são um atrativo irresistível para a publicitária **Carolina Sagesser Rodrigues**. Dessa vez, o destino escolhido foi o inóspito e avassalador território da Groenlândia, cujo completo relato da viagem está na matéria de capa desta edição. Cada vez mais apaixonada por destinos de natureza, ela se aventura em mais uma experiência para a UNQUIET. Carolina tem se jogado de cabeça nas viagens e tentado trazer na mala o máximo de memórias possíveis.







SEGREDO MINEIRO

Embora seja um lugar pequeno, Ibitipoca tem diversos atrativos, a começar por um belo parque estadual

POR WALTERSON SARDENBERG Sº

Acima, novo Pajero Sport 2023 e a Cachoeira da Pedra Furada. Na página ao lado, um dos mirantes do Parque Estadual do Ibitipoca

FOTOS CREATIVE COMMONS, GETTY E DIVULGAÇÃO

Conceição de Ibitipoca tem menos de 2 mil moradores. O número diminuto pode, claro, afastar pretendentes e fazer imaginar que se trata de um lugarejo sem atrativos, escondido no sul de Minas Gerais — a 324 km de Belo Horizonte, 272 do Rio de Janeiro e 497 de São Paulo. Basta, no entanto, passar um fim de semana em Ibitipoca (do tupi-guarani, "montanha fendida") para notar as pousadas e ruazinhas apinhadas de gente. Isso ocorre sobretudo entre abril e outubro. É quando chove menos.

A intensa procura acontece, principalmente, em virtude do bem cuidado Parque Estadual do Ibitipoca, criado em 1973 e hoje tem 1.488 hectares. Suas trilhas levam a mirantes, cachoeiras, paredões rochosos e grutas. Na portaria, você receberá um mapinha com os três trajetos possíveis. Todos exigem algum preparo físico. Um deles leva à Cachoeira Janela do Céu. No caminho, destaque para o ponto culminante do parque, o Pico da Lombada (1.784 m). Também exige bastante a caminhada até o Pico do Pião (1.722 m). O trajeto menos cansativo leva à Cachoeira dos Macacos e ao Lago dos Espelhos.

Outro chamariz são os próprios moradores. Muitos passaram a viver do turismo e a ele se dedicam com empatia. O ambiente também agrada a quem gosta de fortalecer laços entre a turma do *off-road*. Entre no modo 4x4 e use as tecnologias do seu Mitsubishi para se aventurar. Há diversos trajetos *off-road*. Não à toa, os motociclistas trail prestigiam com afinco o já tradicional rali de regularidade para motos Ibitipoca Off-Road. Em julho de 2022 foi realizada a 32ª edição da prova. Mais dicas você encontrará no site mitdrivelines.com.br.

Quer mais um motivo para a visita? Pense nas cervejas artesanais Ibit Beer, produzidas na vila. São bem gostosas. Há, ainda, o Candeia Blues Bar, também chamado de Bar do Firma — embora não seja mais do folclórico e boa-praça Firma. Decorado com referências roqueiras, e fazendo rolar B. B. King sem parar, o botequim mantém um dos ardis que lhe fizeram a glória: o sistema de fios e roldanas por meio do qual chegam às mesas as cachaças artesanais.

Outro atrativo é a Casa Quitutes da Beth. Experimente o prato de resistência de Itibipoca: o pão de canela, mais pedido — acredite! — que pão de queijo. A cozinha típica mineira também atrai muitos visitantes, claro. Eles costumam ir para o restaurante Gula do Lobo Gourmet. Outro endereço? O Ibitilua. Experimente o torresmo e o pastel de angu. Ótimos.

Para se hospedar, a melhor opção é a Comuna Ibitipoca, uma imensa reserva particular. Trata-se de uma fazenda de época, com quartos belos e confortáveis, que traduzem a elegância dos idos dos barões. Uma experiência inesquecível.

Uma última recomendação: não chegue com pouco combustível. Quando passar por Lima Duarte, a cidade mais próxima – e da qual Ibitipoca é distrito –, encha o tanque. É providencial. Acontece que Ibitipoca, a 26 km de Lima Duarte, por estreita estradinha de terra, não tem posto de gasolina. Também carece de agências bancárias. Traga dinheiro vivo. Até porque o comércio não costuma aceitar cartão de crédito. Ah, melhor avisar também que o celular dificilmente "pega" por aqui. Não lhe fará muita falta.

Safra



Um parceiro de viagem

Banco Safra oferece serviço de câmbio com 20 moedas[2] estrangeiras e Sala VIP em Guarulhos

O planejamento de uma viagem de férias ou de negócios vai muito além da reserva de passagens e hotéis. O Banco Safra está atento a demandas importantes dos viajantes e oferece um leque de serviços muito útil ao viajante, que vão desde venda de moedas estrangeiras com segurança até um sala Vip exclusiva.

No aeroporto de Guarulhos, o Safra possui exclusividade de câmbio, com atendimento em 12 postos, além de quatro postos no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, e oferece um atendimento exclusivo via whatsapp. A realização da transação de câmbio pode ser feita inclusive por não correntistas[1]. Além disso, o Safra também oferece aos correntistas a possibilidade de receber ou enviar dinheiro para o exterior.

"Proporcionar uma viagem com conforto e sem preocupações, a trabalho ou lazer, passa pelo câmbio do Safra. Nossa presença maciça nos principais aeroportos do país, 24 horas por dia, e nossos canais de atendimento, com cotação e contratação via telefone e whatsapp, oferecem ao cliente toda facilidade e segurança que ele precisa na hora de viajar. Estamos atentos às mudanças de comportamento e compra de moeda estrangeira, nos adequando sempre à melhor forma de atender o cliente" afirma Edson Passarelli, diretor de Câmbio do Banco Safra.

Outra boa novidade é a Sala VIP Espaço Banco Safra, no Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo. Ao adquirir US$ 1,5 mil (ou equivalente em outra moeda[2]) exclusivamente nos postos de câmbio da instituição no aeroporto, o cliente pode utilizar a Sala VIP, na área de embarque do Terminal 3.

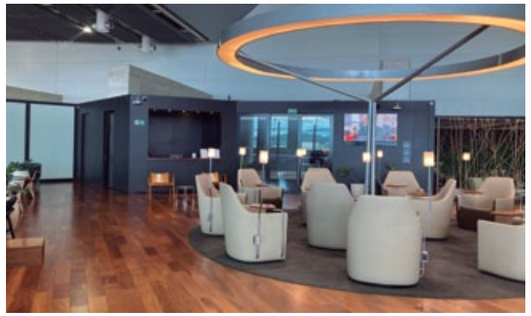
O benefício de acesso à Sala VIP também é oferecido a clientes[1] do Cartão Safra Visa Infinite, neste caso com o direito a um acompanhante[5].

Aberto 24 horas, sete dias por semana, o espaço, de 1.350 m², considerado um dos melhores lounges do Brasil, tem buffet completo, inclusive com refeições kosher. Além disso, oferece área de descanso, banheiros com chuveiros, bar, wi-fi e TV.

MOEDAS DISPONÍVEIS[2]
Dólar, Euro, Libra esterlina, Franco suíço, Dólar australiano, Dólar canadense, Dólar neozelandês, Iene, Dirham dos Emirados Árabes, Iuan, Rand, Shekel, Peso chileno, Peso argentino, Peso mexicano, Peso colombiano, Bolivianos, Peso uruguaio, Novo Sol (Peru) e o Rial, a moeda oficial do Catar.

SERVIÇOS DE CÂMBIO
- Correntistas e não correntistas
- Aeroporto Internacional de Guarulhos: 12 postos[6] com atendimento 24 horas (entre os Terminais 2 e 3)
- Aeroporto Internacional Tom Jobim/Rio de Janeiro: 4 postos[7] com atendimento 24 horas (Terminal 2)
- Agências do Banco Safra





Com 1.350 m², a Sala VIP Espaço Banco Safra oferece buffet completo, inclusive kosher, além de bar, wi-fi e área de descanso

Vale destacar também a decoração do local, que é marcada pelo uso de cordas, fibras naturais e madeira, trazendo harmonia no paisagismo e reforçando a política de sustentabilidade do Banco. As poltronas e cadeiras são elegantes, confortáveis e atribuem aconchego à sala. Além do atendimento de alto padrão.

"A Sala VIP Espaço Banco Safra é mais uma opção exclusiva na hora de viajar a negócios ou lazer e reforça o compromisso que temos em oferecer as melhores experiências, produtos e serviços para os nossos clientes[1]", afirma Beatriz Galloni, diretora de Marketing e ESG do Banco Safra.

Faça câmbio pelo WhatsApp e retire no aeroporto de Guarulhos, Galeão ou na agência mais próxima. Envie uma mensagem para (11) 2650-9991.

Saiba mais e acesse ***www.safra.com.br***

(1) A abertura da conta corrente e contratação dos produtos de crédito estão sujeitos à análise e aprovação do Banco Safra S.A. (2) Sujeito a disponibilidade da moeda. (3) Consulte as condições para pagamento no débito ou crédito nos postos de atendimento. O valor é limitado à quantia da moeda escolhida correspondente a R$10.000,00. Condição válida nos aeroportos: Cumbica – Guarulhos/SP, Tom Jobim/RJ, e nas agências dos hospitais Sírio Libanês, Albert Einstein e Oswaldo Cruz. NOTA: IOF incidente 1,10% sobre a aquisição de moeda estrangeira em espécie pelo cliente e 0,38% sobre a venda de moeda estrangeira em espécie á instituição financeira (alíquotas sujeitas a alteração conforme legislação vigente – Decreto: n°6.306 de 14/12/2007). (4) Sujeito à apresentação e assinatura da documentação exigida de acordo com os procedimentos Safra e regulamentação em vigor É obrigatória a apresentação de Declaração Eletrônica de Bens de Viajante (e-DBV), via internet no endereço eletrônico: www.edbv.receita.fazendo.gov.br, por todos aqueles que deixarem ou ingressarem no Brasil portando valores acima de R$10.000,00 (dez mil reais) ou equivalente em qualquer moeda estrangeira em espécie ou em travelers cheques (Instrução Normativa RFB n°1385, de 15/08/2013). Vide Instrução Normativa RFB n°1.645 de 30/05/2016 e alterações posteriores por ocasião de pagamentos isentos de IRRF efetuados a residentes no exterior.A sala VIP funciona com todos os cuidados e protocolos de segurança e higiene necessários, 24 horas por dia, sete dias por semana. (5) Crianças de até 11 anos podem entrar sem custo, desde que seja acompanhante de um portador do cartão Safra Visa Infinite. Consulte as agências disponíveis entrando em contato com a Mesa de Câmbio Turismo em (11) 3175-8267, no e-mail mesa.turismo@safra.com.br ou fale com seu Gerente de Relacionamento. (6) O Banco Safra possui 12 postos no aeroporto de Guarulhos, dos quais, 8 operam sob o regime 24 horas por dia e 7 dias por semana. 2 postos em horário diferenciado e 2 postos temporariamente fechados. (7) O Banco Safra possui 4 postos no aeroporto do Galeão, dos quais, 2 operam normalmente e 2 estão temporariamente fechados

C6BANK | mastercard

APRESENTA

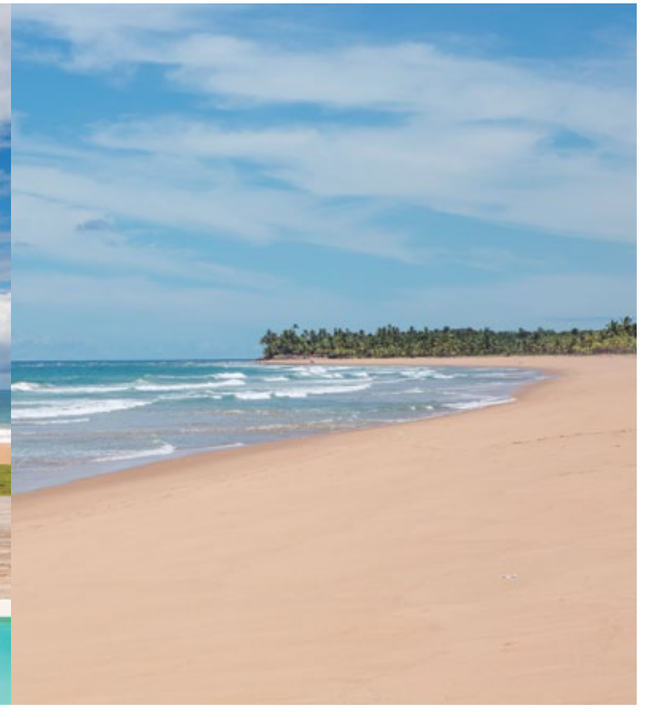
360º

Novos hotéis, grandes experiências e novidades no mundo da arte sempre em dia com o conceito de sustentabilidade

POR NATHALIA HEIN







KA BRU 1100 BOUTIQUE HOTEL

A Mata Atlântica e o mar tecem a paisagem enquanto a ideia de potencializar a natureza, mantendo muita luz natural, ambientes abertos e arejados, rege o conceito do novíssimo KA BRU 1100 Boutique Hotel, que possui outras propriedades no sul da Bahia. As áreas verdes são abundantes, emoldurando os seis amplos quartos, com vistas privilegiadas, acesso direto à praia, com decoração minimalista e contemporânea e com peças feitas por artesãos locais. Como outra forma de celebrar e enaltecer a cultura da região, o restaurante é focado em gastronomia baiana com produtos locais e orgânicos. Entre a Lagoa Cassange e o Oceano Atlântico, na Península de Maraú, a propriedade traz o conceito de hotel pop-up com previsão de funcionamento por apenas três anos, ou 1100 noites.
kabrubrazil.com

Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse *revistaunquiet.com.br/dicas*



PRIVATE JET EXPEDITION AROUND THE WORLD

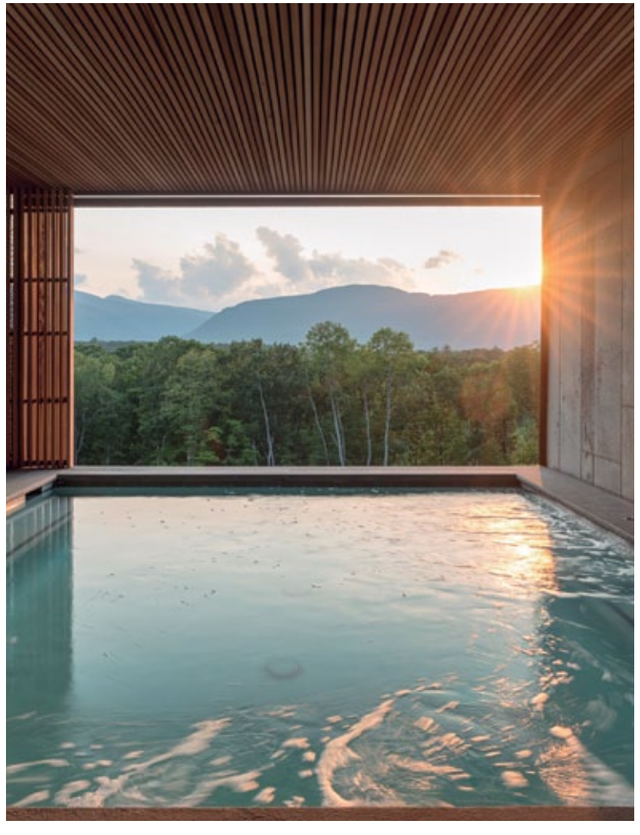
Quem nunca sonhou em dar a volta ao mundo? O programa Private Jet Expedition – Around the World, da Latitudes, propõe justamente isso. Em sua sexta edição, o roteiro levará 50 pessoas para uma viagem de 26 dias, em um jato privativo, passando por sete Patrimônios da Humanidade da Unesco e acompanhadas de especialistas de diferentes áreas, que compartilharão informações valiosas sobre cada um dos destinos, além de um chef de cozinha. Mais do que apenas conhecer lugares, a viagem tem como proposta proporcionar experiências autênticas e criar memórias para a vida toda. Previsto para outubro de 2023, o Private Jet Expedition começa em São Paulo, com pernoite no Palácio Tangará, para que o grupo se conheça. De lá a viagem segue, passando pela Ilha de Páscoa, Fiji, Sydney, Flores e Komodo Islands, na Indonésia, Hampi, na Índia, Serengeti, na Tanzânia, Al Ula, na Arábia Saudita, e Granada, na Espanha. Em todas as paradas, os viajantes ficarão hospedados em hotéis que enaltecerão as experiências, como o Explora Rapa Nui, o Six Senses Fiji Malolo Resort e os hotéis Four Seasons em Sydney e no Serengeti, além do Ayana Komodo Resort, do Evolve Back Hampi, do Banyan Tree Al Ula e do La Bobadilla.

latitudes.com.br









PIAULE CATSKILL

A tendência do escapismo elegante encontrou o refúgio perfeito no Piaule Catskill, um verdadeiro retiro de bem-estar em meio às montanhas de Catskill, no Hudson Valley. A apenas duas horas de Nova York, desde sua abertura o hotel tem funcionado como uma espécie de cura para a vida frenética na Big Apple. A propriedade, de 20 hectares, conta com apenas 24 chalés, ali chamados de "cabines", que fazem as vezes de quartos, erguidos sobre palafitas em meio a um terreno praticamente intocado e onde a natureza prevalece. Com o viés de sustentabilidade e mínimo impacto ambiental, as cabines foram construídas usando materiais como pedra, madeira e vidro, criando um ambiente ao mesmo tempo rústico, minimalista e aconchegante. Bem em frente à cama, uma parede de vidro convida a paisagem a invadir o quarto com uma vista exuberante. Basta abrir a porta para que também entrem os sons e aromas do lugar. O silêncio incita sessões de meditação, ioga e massagens no spa do hotel, além de banhos na floresta. Tudo o que se encontra no Piaule, da louça aos lençóis, passando por móveis e ingredientes locais do restaurante, foi escolhido a dedo, levando em consideração o caráter orgânico e artesanal e sempre privilegiando fornecedores da comunidade local.

piaule.com

SYDNEY MODERN PROJECT

Com a promessa de revolucionar a cena cultural de Sydney, a ampliação da New South Wales Art Gallery tem abertura prevista para dezembro. E a efervescência em torno do empreendimento, apelidado de Sydney Modern Project, assinado pelo conceituado escritório de arquitetura Sanaa, é intensa. Isso porque essa é a primeira iniciativa cultural significativa em mais de 50 anos na Austrália – a última foi a Opera House. Com a modernização, o atual museu vai dobrar de tamanho, com diversos pavilhões, de diferentes dimensões, com as galerias direcionadas ao porto. O novo campus terá dois edifícios, conectados por um jardim público, e todo o novo complexo servirá como pano de fundo para a apreciação da arte do século XXI. Entre as medidas sustentáveis da construção, além da revitalização da região, houve o aproveitamento de um tanque de petróleo naval desativado da Segunda Guerra Mundial, que servirá como espaço de arte subterrâneo. Além das novas peças, os visitantes continuarão a apreciar o impressionante acervo do New South Wales, que conta com mais de 36 mil objetos, entre obras históricas e contemporâneas, além de arte aborígine.
artgallery.nsw.gov.au





GALERIA

Itaú PrivateBank

O nosso
marketing
é o boca a boca
dos clientes.

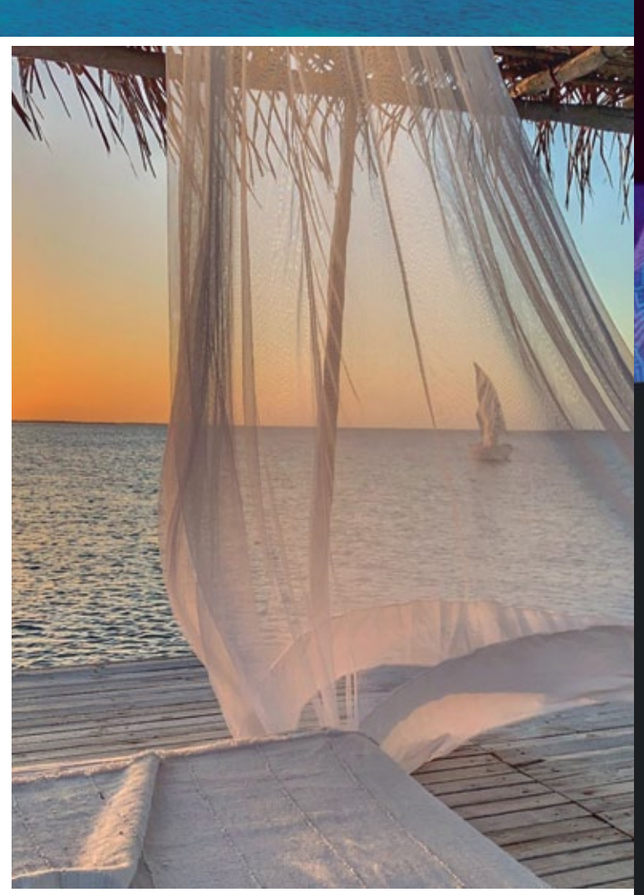
"No Private do Itaú, ninguém bate cabeça pra diversificar os meus portfólios on e offshore. É tudo num só lugar."

_Visão consolidada dos portfólios on e offshore
_Curadorias local e internacional
_Assessoria para o seu planejamento patrimonial

PRIVATE BANKER INTERNATIONAL GLOBAL PRIVATE BANKING AWARDS 2022
Outstanding Global Private Bank Latin America
WINNER 2022

Itaú





SUSSURRO

Aninhado na encosta da Península de Nhamabue, no sul de Moçambique, tendo os tons de turquesa do Oceano Índico como única companhia, o Sussurro conta com apenas cinco amplos bangalôs, que dialogam muito naturalmente com o entorno. O que poderia ser a descrição de mais um idílio romântico é, na verdade, a proposta de uma experiência autêntica na cultura e nas tradições da África subsaariana, a premissa original do pequeno resort. Desde a construção, inspirada pela arquitetura vernacular moçambicana, até as peças de decoração, tudo tem um significado: a exaltação do trabalho artesanal original africano, como as cestas tecidas no Zimbábue, os bancos Senufo, da Costa do Marfim, e as espreguiçadeiras feitas à mão no local. Muito além do *dolce far niente* à beira-mar – sempre uma opção, claro –, quem quiser pode consultar os simpáticos Adam e Sarah, os anfitriões do hotel, e embarcar em programas como o passeio de barco pelo Rio Govuro, visitando comunidades ribeirinhas, ou um dia na Ilha de Bartholomeu Dias, para conviver com a comunidade de pescadores. O conceito "do mar e da horta para a mesa" é apenas uma das medidas sustentáveis do Sussurro, cujo compromisso com o meio ambiente supera todas as expectativas.

sussurro.co

SUNO PAIM

UM HOTEL PARA QUEM DESCANSA
ENQUANTO CURTE A FESTA.



HOTÉIS ONDE COISAS INCRÍVEIS ACONTECEM
SÃO PAULO _ SANTIAGO _ VIÑA DEL MAR _ LIMA

pullman
HOTELS AND RESORTS

SAIBA MAIS em pullman.accor.com



THE VINES RESORT & SPA

Na Argentina, Mendoza é parada obrigatória para apreciadores de bons vinhos. Tanto é que foi lá, em meio a 600 hectares de vinhedos, que a chancela The Leading Hotels of the World instalou o seu The Vines. O resort conta com vinícola própria – que proporciona ao hóspede a oportunidade de criar seu próprio blend – e 21 vilas de vários tipos, com deques que dão vista para os Andes. Nada melhor para abrir o apetite do que passear a cavalo pelos vinhedos, tendo como guias os gaúchos locais. A gastronomia fica a cargo dos assados do restaurante Siete Fuegos, do premiado chef Francis Mallmann, e do Bar & Cava, ambos dotados de excelente seleção de vinhos nacionais e estrangeiros. O spa subterrâneo oferece tratamentos com pedras quentes e vinoterapia, além de massagens, ioga e academia. Pescarias, aulas de culinária local e apresentações de tango complementam o leque de atrações desse charmoso refúgio andino.

vinesresortandspa.com



CopaAirlines | A STAR ALLIANCE MEMBER

Copa Club: Sala Vip de inspiração latino-americana

Conforto e privacidade garantidos no Aeroporto Internacional de Tocumen

Pegar longas horas de conexão no *hub* aéreo das Américas não é nem de longe um estresse na nova Copa Club, a Sala VIP da Copa Airlines situada no Terminal 2 do Aeroporto Internacional de Tocumen, na Cidade do Panamá. O espaço multifuncional, com capacidade para 420 pessoas, garante privacidade e conforto a passageiros em Classe Executiva ou PreferMember e Star Alliance Gold.

Com design inspirado em uma "moderna fazenda latino-americana", a nova Copa Club combina influências de toda a região com um toque panamenho, conferindo uma atmosfera sofisticada e descontraída. Essa área exclusiva, com o total de 1.935 m², oferece comodidades para que o passageiro se sinta em casa, longe de casa, e em seu escritório, longe do escritório.

A Copa Club possui *lounges*, com iluminação suave e confortáveis poltronas de couro, uma área de lazer familiar, uma sala para descanso, chuveiros e bares com uma variedade de petiscos, bebidas e licores e serviço de bufê com um menu de aperitivos variados.

Passageiros executivos têm à disposição o *business center*, com estações de trabalho e sala de conferências, além de cabines telefônicas e acesso a impressoras. As comodidades ainda incluem serviços como wi-fi, assistência nas reservas, marcação de assentos e emissão de passagens, inúmeras tomadas elétricas para carregar celulares e outros aparelhos eletrônicos e um guarda-malas.

Um dos espaços mais especiais da nova Copa Club é La Placita, "a Praça", uma réplica dos pátios internos das casas de fazendas latino-americanas, ao qual se soma um Terraço, com vista panorâmica do T2 do Aeroporto Internacional de Tocumen.

copaair.com

Abaixo, o lobby e o bar da nova Copa Club, no Aeroporto Internacional de Tocumen, na Cidade do Panamá









SIX SENSES CRANS-MONTANA

Elevar os níveis de hospitalidade dos lugares onde se instala é um dos valores da rede Six Senses. E o local escolhido para colocar à prova mais uma vez a excelência da marca foi o resort suíço de Crans-Montana, onde o novo hotel da rede na Europa abrirá suas portas, em dezembro, a tempo da próxima temporada de neve. Além da posição privilegiada, acima da gôndola principal, o que permitirá o acesso *ski in/ski out* no melhor ponto da estação, o projeto considerou a estética dos chalés suíços para manter a autenticidade da cultura alpina. São apenas 47 suítes e 17 residências, o tamanho ideal para garantir o tratamento personalizado dos hóspedes, que, além das atividades de esqui no inverno, podem aproveitar Crans também no verão, quando o lugar se torna um reduto de golfe e de esportistas afeitos a equitação e caminhada. Isso sem mencionar os dois restaurantes gastronômicos, o bar e o amplo spa. A premissa da sustentabilidade, outra marca do grupo, elevou os padrões na construção da propriedade, com ações como a drástica redução do uso de energia, um sistema de automação inteligente de circulação de ar e o uso de filtros de fator UV para reduzir a necessidade de tratamento com produtos nas piscinas, entre outras medidas.
sixsenses.com

EMPORIO
FASANO
Seleção e origem italiana.
Rua Bela Cintra, 2.245 – Jardins
@emporiofasano
www.fasanoemporio.com.br

C6BANK | mastercard

APRESENTA

FESTIVAIS

Grachtenfestival

Música clássica para todos em Amsterdam

POR ERIK SADAO

É final de verão em Amsterdam e os inconfundíveis canais, marcados pelas casas erguidas no auge da Era do Ouro holandesa, lotam com moradores e visitantes ávidos pelos últimos dias de sol e calor. Para celebrar o final da estação mais quente, o Grachtenfestival (grafia em holandês) transforma cenários inusitados em palcos para apresentações de expoentes internacionais da música clássica.

Após o hiato de dois anos, ele comemorou 25 anos em grande estilo, com um número recorde de apresentações. Foram mais de 150 concertos. Democrático e livre como Amsterdam, desde a primeira edição o festival leva a música clássica a cenários como museus, igrejas e áreas abertas em torno dos parques, monumentos e canais da cidade.

Ao se apropriar do espaço público, o Grachtenfestival proporciona surpresas agradáveis a viajantes desavisados, que dão de cara com grandes estruturas especialmente montadas – por exemplo, sob o impressionante arco neogótico do Rijksmuseum ou no topo do moderno Nemo, com vista para o centro antigo e a belíssima Estação Central.

Apesar da grande quantidade de concertos ao ar livre, fãs da música clássica precisam se programar com antecedência a fim de garantir o ingresso para as concorridas apresentações em templos como a casa de concerto Concertgebouw, cuja acústica a coloca entre as melhores do planeta. Outros espetáculos fechados acontecem no Carré, o teatro real, na Ópera Municipal e no Conservatório da cidade.











No verão mais esperado dos últimos anos – em Amsterdam, as médias diárias ultrapassaram os 25 °C –, pequenas multidões voltaram a se aglomerar. É irresistível não permanecer ao ar livre, curtindo o pôr do sol avermelhado, em comunhão com outros amantes da música. Afinal, tudo o que é preciso é uma toalha e uma garrafa de vinho para uma diversão de altíssimo nível.

Da apresentação de jazz na praça instalada no topo do moderno Nemo (o museu de ciência tecnologia da cidade) ao palco montado na área conhecida como Noord (zona norte), às margens do Rio Ij, ambos com vista para o centro antigo e a lindíssima Estação Central, o festival cumpre a função de democratizar a música clássica, apresentando-a a novos públicos.

O festival celebrou 25 anos em grande estilo, com mais de 150 concertos de música clássica



Acima, o palco montado sobre o Canal Prinsengracht. Na página ao lado, concertos no Amsterdam Arena e no museu Nemo

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*

Nicolas Altstadt, violoncelista franco-holandês, o primeiro da filarmônica da cidade, foi a atração principal do Prinsengracht Concert, o evento de encerramento do festival. Em um palco montado sobre a água, em frente ao Hotel Pulitzer, no Canal Prinsengracht, ele reuniu um grupo de amigos de todas as partes do mundo para criar um programa diverso, incluindo uma singela versão cantada de *Blackbird*, dos Beatles.

Não faltam cenários míticos no Grachtenfestival, mas o palco de encerramento é meu candidato a preferido, quase a tradução da aura democrática do evento. A plateia lota as cadeiras instaladas sobre a água e ao redor do palco principal, enquanto os hóspedes do Pulitzer e os moradores do Prinsengracht assistem das janelas, compartilhando a visão privilegiada com amigos.

O espaço entre a plateia e o palco forma um mosaico de barcos de todos os tipos, com grupos de amigos celebrando com vinhos e petiscos. Por fim, quem está só de passagem e resolve ficar assiste da calçada ou de uma das pontes que circundam a estrutura, completando um cenário que só poderia existir em Amsterdam.

Mesmo conferindo o evento pela terceira vez, não me canso de admirar as paisagens da cidade. Apesar de anunciar a chegada do outono, o Grachtenfestival é a garantia de algumas das melhores memórias do verão.

Programe-se! O Grachtenfestival voltará a acontecer entre 11 e 20 de agosto de 2023.

48 HORAS

Terra do ENCANTO

Dois dias de muita história e cultura no norte do Novo México

POR CHIARA CORTEZ E PEDRO SAGESSER RODRIGUES

A região norte do estado do Novo México, no sudoeste dos Estados Unidos, é repleta de maravilhas capazes de manter até o viajante mais UNQUIET entretido por dias. Rica em cultura e história, a região é lar de alguns dos povos indígenas mais antigos do país e do mundo que mantém tradições artísticas e artesanais arraigadas. O território oferece belezas naturais únicas, gastronomia singular e opções de relaxamento, com suas fontes termais lendárias, além de pessoas calorosas e acolhedoras. Vale seguir o itinerário abaixo, com os melhores lugares, para descobrir essa terra repleta de encantos em 48 horas.

Santa Fé: coração da região, a cidade mantém o perfeito equilíbrio entre a modernidade e a tradição da herança cultural do território – visível em sua bela e singela arquitetura, nos mercados indígenas tradicionais, museus, galerias e na culinária.

Ten Thousand Waves: ótima opção de hospedagem para sentir todo esse clima, o hotel, spa e restaurante fica nas montanhas e foi inspirado pela tradição japonesa dos *onsens* (resorts termais). Vale deixar uma reserva prévia para conhecer as famosas termas ao final do dia.

Museum of International Folk Art: imprescindível para mergulhar no clima *artsy* do Novo México, esse museu, fundado em 1953, conta com uma coleção singular de objetos de arte popular de culturas de todo o mundo. O destaque fica para a ala Girard, aberta em 1982, quando o famoso artista Alexander Girard e sua esposa, Susan, doaram ao museu sua coleção de brinquedos, miniaturas e tecidos de mais de 100 culturas de todo o mundo.

La Choza: não há melhor lugar para degustar os pratos mais tradicionais da região em clima descontraído. O restaurante tem decoração colorida e ambiente simples, mas aconchegante. Destaque para as *enchiladas* e *margaritas* deliciosas, e a oportunidade de experimentar o principal ingrediente local – os *chiles*, verdes e vermelhos.

Santa Fé Plaza: principal praça da cidade, é frequentemente palco de apresentações culturais e eventos. Aos finais de semana, abriga um famoso mercado artesanal indígena. Inicie por ali sua exploração e, em seguida, suba a Galisteo Street, apreciando as galerias que representam o casamento entre as tradições artísticas locais e práticas modernas. Vale visitar a Hunt Modern, galeria de design que exibe mobiliário e objetos de decoração *vintage*. Na praça principal, no segundo andar de um prédio histórico, há outra galeria imperdível da cena local, a Shiprock, com uma variedade de tesouros de artistas locais, muitos deles indígenas.

Capela de São Miguel: termine o *citytour* nessa construção do século XVII, considerada uma das igrejas mais antigas dos EUA, herança da presença do império espanhol na região. Além das belas pinturas conservadas no interior da capela, a construção é um ótimo exemplo de uma tradição arquitetônica centenária feita de argila, com linhas simples e minimalistas, e no clássico tom terracota que permeia toda a cidade.

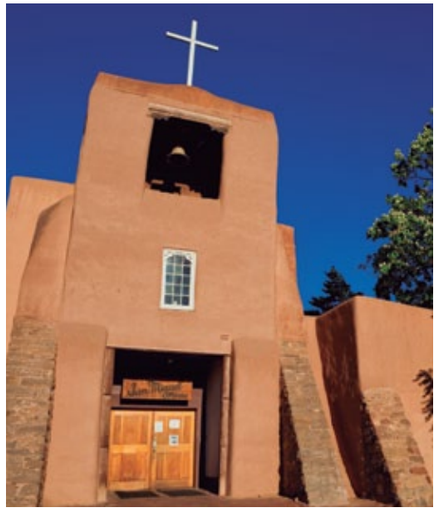
Dolina Bakery & Cafe: abastecido por produtores locais e com ingredientes frescos, oferece uma excelente padaria e é ótima opção para tomar o café da manhã ou fazer uma refeição saudável.

Georgia O'Keeffe House Museum: de carro, em direção ao norte de Santa Fé, chega-se a essa casa incrível – de uma das artistas americanas mais importantes do século XX –, hoje convertida em museu. A visita guiada é liderada por guias locais que conheceram a artista pessoalmente e sabem de detalhes inéditos da sua vida.

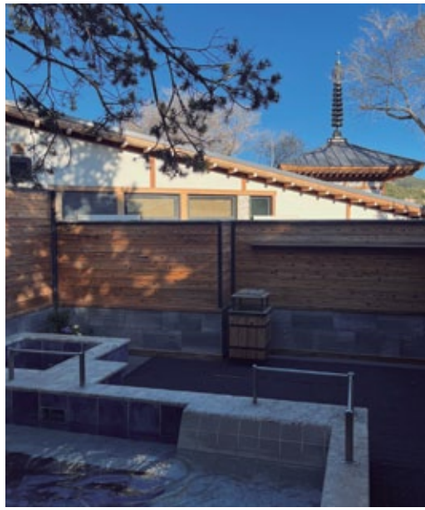












Em sentido horário, ambiente do museu de Georgia O'Keeffe, vista de Santa Fé com seus tons terracota, uma loja de objetos *vintage*, a Capela de São Miguel, tacos, verdadeiras estrelas da cozinha local, e as termas do Ten Thousand Waves

Ojo Caliente Mineral Springs Resort & Spa: novamente na estrada, dessa vez em direção ao nordeste, chegamos a esse resort, outra meca de relaxamento da região. Construído às margens de uma série de nascentes naturais de águas termais, provavelmente utilizadas por povos locais há milênios, conta com diferentes piscinas com águas que possuem diversos elementos químicos, como ferro, arsênico e soda, que oferecem uma série de benefícios tanto para o corpo como para a mente. Situado em terras indígenas, o spa oferece entrada gratuita para os moradores locais.

Mabel Dodge Luhan House: na charmosa cidadezinha de Taos, nos Montes Sangre de Cristo, esse alojamento histórico é centro de encontro de artistas há quase 100 anos – entre eles D. H. Lawrence, Ansel Adams e a própria Georgia O'Keeffe. Guarde um tempo para caminhar pela propriedade e sentar-se em algum de seus ambientes, repletos de história, transportando-se no tempo.

Taos Art Museum at Fechin House: aproveite parte do dia para percorrer a cidade, que tem a arte no DNA, e concentrar algum tempo entre as belezas arquitetônicas desse museu, cujos detalhes artesanais da construção impressionam. Há, ainda, galerias como a Kimosabe e a Two Graces, com peças e curadorias únicas.

The Love Apple: intimista, esse restaurante de cozinha contemporânea com ênfase na culinária caseira, utiliza apenas ingredientes orgânicos da região e fica instalado em uma antiga igreja católica construída por volta de 1800.

Depois de 48 horas pela região, partimos com uma enorme vontade de voltar e continuar explorando esse local mágico, repleto de cultura, arte e história.

voaraviation

UMA EXPERIÊNCIA SEGURA, CONFORTÁVEL E EXCLUSIVA DE VOAR.

FRETAMENTO EXECUTIVO
TRANSPORTE AEROMÉDICO
VENDAS DE AERONAVES
FBO E HANGARAGEM
MANUTENÇÃO DE AERONAVES
PEÇAS AERONÁUTICAS
AVIONICS E UPGRADE DE PAINÉIS
PINTURA E INTERIORES

SÃO PAULO (CONGONHAS) - SP | BRASÍLIA - DF | BELO HORIZONTE - MG | GOIÂNIA - GO
RIO DE JANEIRO - RJ | SOROCABA - SP | UBERLÂNDIA - MG | FORT LAUDERDALE - USA

VOAR

Central de Reservas: 4000-2222
Central de Atendimento Voar: (11) 2275-4000
voar.aero

Inspire-se!

Relógios, tênis, mochilas, casacos e uma mala que vira patinete para ajudar nas escolhas responsáveis a favor do planeta

POR **JULIANA PINHEIRO MOTA**



DOIS EM UM
Quem nunca saiu correndo pelos corredores e escadas dos aeroportos para não perder o voo? Se quase todo mundo já passou por isso, eis uma ótima solução para evitar esses atrasos em grande estilo. Trata-se da inovadora mala que vira patinete da marca eslovena Olaf, que além de prática foi criada justamente para ajudar nessas horas de sufoco (além de ser uma bagagem elegante e prática para levar nas cabines dos aviões). O fato de se tratar de um produto "dois em um" é o mais bacana: consumo "eterno", que auxilia também na mobilidade geral do dia a dia (o patinete pode ser usado separadamente da mala, claro). Há modelos de diferentes cores e tamanhos. Vale a pena visitar o site e conhecer as opções.
olaf-scooter.com

PASSOS CONSCIENTES
Só pelo nome a marca japonesa já causa encantamento: Flower Mountain. Com inspiração nos ciclos da natureza, a grife nasceu da paixão dos dois sócios por *trekking* de montanha e por música. Tudo começou sete anos atrás, durante uma edição do Fuji Rock Festival, no Monte Fuji, no Japão. Ambos queriam criar um calçado com design funcional que fosse charmoso e sustentável. Dito e feito: impossível não se encantar pelos tênis e papetes da marca feitos de materiais reciclados. Há modelos femininos e masculinos com as mais apaixonantes combinações de cores. Difícil mesmo é escolher um só. No Brasil, estão disponíveis pelo site da Casa Cipó, uma multimarcas com antenada curadoria, em São Paulo.
casacipo.com.br



NA HORA CERTA!
Além de puro charme, a pulseira do Pilot, da IWC, é totalmente a favor do planeta: feita com material de base biológica, baixa pegada de carbono e livre de plástico ou petroquímicos. Batizada de MiraTex™, foi desenvolvida pela fabricante suíça de relógios de luxo em colaboração com a Natural Fiber Welding (NFW), empresa de bioengenharia e inovação de materiais instalada em Peoria, Illinois, nos Estados Unidos. Chega ao mercado nas cores marinho, preto e marrom, nos tamanhos 41 e 43mm (Big Pilot). A cereja do bolo é que a pulseira é reciclável: trata-se de uma inovação também circular, em perfeita harmonia com o desejo atual.
iwc.com.br



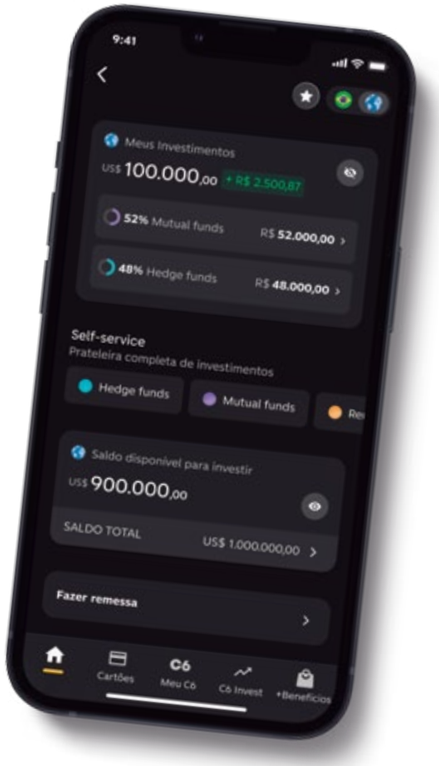
ALÉM DO ARCO-ÍRIS
Poucas coisas são tão prazerosas como viajar – e, assim, construir nossas mais adoráveis memórias. Duráveis e sustentáveis, as mochilas, bolsas e acessórios da Fjallraven são ótimos companheiros de jornadas. Fundada em 1960, a marca sueca sempre teve a sustentabilidade como um de seus principais pilares. Prova disso é a linha Kånken Rainbow, edição especial do tradicional modelo Kånken. Com as cores do arco-íris, esses itens simbolizam a diversidade. Fabricada com Vinylon F (resistente à água), a coleção Rainbow tem parte de suas vendas destinada à Arctic Fox, instituição que apoia projetos ambientais. A melhor tradução do espírito de liberdade que queremos para nossa vida!
fjallraven.com.br



ELEGÂNCIA COM PRATICIDADE
Com abordagem holística da sustentabilidade, a escandinava Rains tem os agasalhos mais desejados do momento. Suas coleções unissex combinam design funcional e inspiração urbana, criando uma identidade única. O que torna os produtos especiais, além do *mood* elegante sem esforço, é a utilização de tecidos tecnológicos a favor do meio ambiente. A reinterpretação da clássica capa de chuva de borracha, por exemplo, é produzida com tecido ecológico impermeável. É o carro-chefe da marca e um item desejo de qualquer viajante prevenido.
rains.com



C6 GLOBAL INVEST
Ações americanas e fundos do exterior a partir de US$ 500. Com o C6 Global Invest você pode ter acesso a ativos globais até então restritos a grandes volumes de investimento. Conte também com um time de especialistas para ajudar a montar a carteira mais adequada ao seu objetivo. Conheça o C6 Global Invest e diversifique sua carteira com investimentos no exterior em poucos toques. Tudo pelo app do C6 Bank. Saiba mais:
c6bank.com.br/c6-global-invest





PRONTO PARA PEGAR A ESTRADA
Estar permanentemente conectado é imprescindível nos dias de hoje, seja qual for a ocasião. Um dos acessórios indispensáveis dentro de um carro, especialmente para *roadtrips*, é o carregador de celular, que, além de manter o aparelho funcional e ativo, é um fator de segurança, possibilitando que o motorista acesse seus dados, aplicativos e contatos sem medo de ficar *low-battery*. O carregador por indução da Mitsubishi tem carregamento rápido 15W, LED indicando funcionamento e carga e proteção térmica e encaixa perfeitamente no console do veículo, além de funcionar em qualquer telefone que possua carregamento wireless.
mitsubishimotors.com.br
**Produto vendido separadamente*

PULSO FIRME
Ferramenta indispensável para quem é fã de design e tecnologia, o Apple Watch Ultra é incrivelmente pequeno (ajustável ao pulso como se fizesse parte do próprio corpo) e *über* resistente (resiste a até 100 m de profundidade e até 36 horas de bateria). No pulso, a caixa de titânio, que se eleva para circundar o cristal de safira e protegê-lo contra impactos nas bordas. No site da Apple, a definição do modelo é: "O mais versátil e duro na queda já criado". O mostrador pode ser usado como bússola em tempo real. Em situações de pouca luz, basta girar a "digital crown" para ativar o modo noite e exibir o mostrador em vermelho brilhante. Aquisição das melhores e para durar muito!
apple.com








VIAGENS SÃO FEITAS DE DETALHES

LEITORES DA REVISTA UNQUIET TÊM ACESSO A BENEFÍCIOS ESPECIAIS em alguns dos hotéis mais incríveis do mundo.

Consulte ao final de cada matéria e acesse nosso site para mais informações:
revistaunquiet.com.br










Foto real da piscina para prática de surf do Boa Vista Village

JHSF

BOA VISTA

VILLAGE

GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER

Surfside Residences com vista para essa incrível piscina para prática de surf que será inaugurada em breve.

RESIDENCES de 139 a 627 m² com vista para a
PISCINA AMERICAN WAVE MACHINES com tecnologia PERFECTSWELL®

COM A QUALIDADE E A EXCELÊNCIA JHSF.
É BOA VISTA, É IGUAL E É DIFERENTE.



Perspectiva do Surfside Residences

Uma completa estrutura de serviços e amenities inéditas: • Campo de golfe de 18 buracos assinado por Rees Jones
• Club de Surf de uso reservado apenas para membros • Centro de Tênis com 15 quadras e arena para torneios internacionais
• Centro equestre e Fazendinha • Town Center com lojas e restaurantes • Kids Center • Spa internacional • Academia
• Clube esportivo • Centro Orgânico



VISITE O SHOWROOM

Vendas: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 • atendimento@centraldevendasfbv.com.br

ASSISTA AO VÍDEO E CONHEÇA MAIS.

Aviso Legal: O presente se refere às incorporações do Boa Vista Surf Lodge e Boa Vista Golf Residences registradas no RGI de Porto Feliz/SP e a futuros lançamentos da JHSF. Os projetos e memoriais de incorporação ou de loteamento dos futuros empreendimentos estão sujeitos à respectiva aprovação pela Prefeitura de Porto Feliz/SP e demais órgãos competentes e ao registro nas matrículas dos imóveis. As Amenities referentes à piscina de Surf, ao Spa, ao Equestre e aos Clubes de Tênis, Esportivo e de Golfe não integrarão os futuros lançamentos e/ou as incorporações já registradas. O uso de tais Amenities será feito de acordo com as regras previstas na Convenção de Condomínio de cada incorporação imobiliária e no Estatuto Social da Associação Boa Vista Village (em constituição). A JHSF poderá desistir do lançamento dos futuros empreendimentos. As ilustrações, fotografias, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da JHSF e/ou por exigência do Poder Público. O memorial de incorporação ou do loteamento e o instrumento de compra e venda prevalecerão sobre quaisquer informações e dados constantes deste material. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. Telefones (11) 3702-2121 e (11) 97202-3702.









SUSTENTABILIDADE

PROTEÇÃO DO CERRADO

Por meio do ecoturismo, a Pousada Trijunção promove a conscientização e a preservação do segundo maior bioma do Brasil

Com pernas esguias e hábitos solitários, o lobo-guará é um dos símbolos do Cerrado, o segundo maior bioma do Brasil – ele está atrás somente da Floresta Amazônica. Em 2 milhões de km², compostos de florestas, savanas, campos e nascentes das maiores bacias hidrográficas do país, foram catalogados mais de 850 espécies de aves, 251 mamíferos, 482 répteis e anfíbios e 1,2 mil de peixes. Entre eles figuram outros animais emblemáticos, como o sapo-flecha-do-cerrado, o jacaré-anão, o veado-campeiro, o tamanduá-bandeira, o tatu-bola e a onça-pintada. A flora também é impressionante, com 13 mil espécies de plantas.

O que poucos sabem é que, atualmente, restam apenas 50% da área original do Cerrado brasileiro. Diante desse cenário, a Fazenda São Francisco da Trijunção nasceu com o propósito de conservar a biodiversidade da região e melhorar a qualidade de vida das comunidades locais. A propriedade está instalada na junção de três estados – Minas Gerais, Bahia e Goiás – e possui mais de 33 mil hectares remanescentes de Cerrado. Cerca de 90% desse território é destinado à preservação e 10% à produção agrossilvipastoril sustentável.

Com projetos conservacionistas, a Fazenda Trijunção atua ao lado de entidades como o Onçafari no desenvolvimento de pesquisas para proteger animais ameaçados de risco de extinção. Entre elas, seis lobos-guarás são monitorados por biólogos com a tecnologia do radiocolar, enquanto outras espécies são acompanhadas via câmeras do tipo *trap*. Os esforços garantem a proteção de espécies que ali se reproduzem e vivem livremente.

Os projetos de sustentabilidade da fazenda também compreendem um criadouro de animais silvestres, com a finalidade de estabelecer um banco para reserva genética, pesquisa, conservação e preparação de espécies para a reintrodução em seu habitat natural e abrigar aquelas inaptas para o retorno à natureza. O criadouro ainda tem como função a educação ambiental e atualmente abriga mais de 250 animais, entre jabutis-tinga, antas, emas, queixadas, catetos e veados-catingueiros.

Em 2018, a atuação da fazenda se estendeu ao ecoturismo: uma das casas da propriedade foi transformada na Pousada Trijunção, com o objetivo de conectar os viajantes à natureza e promover a conscientização sobre esse bioma brasileiro. "Partindo da premissa de que para conservar é preciso conhecer, a pousada é, acima de tudo, um projeto de conservação. Acreditamos que a vivência do Cerrado em primeira pessoa é o que cria a conexão entre o viajante e o lugar. Ao viver aqui alguns dias, conhecer mais o bioma, sua fauna e sua flora, descobrir seus segredos e suas riquezas, o viajante se torna também um guardião do Cerrado", afirma Pedro Treacher, diretor geral da pousada.





Acima, um tamanduá, detalhe da flora local, experiência dos hóspedes em meio ao Cerrado e o programa ecossafári. Na página ao lado, o lobo-guará e aves do bioma

Norteada pela sustentabilidade, a pousada possui painéis solares para o aquecimento de água, iluminação de LED e piso revestido de madeira de demolição. Além disso, a sede ganhou vegetação nativa e um espelho d'água para diminuir a temperatura do ambiente e, consequentemente, reduzir o uso de ar-condicionado. Com apenas sete suítes, a Trijunção evita o impacto causado pelo turismo de massa e ainda proporciona aos viajantes uma experiência mais intimista com a natureza.

A programação abrange passeios, como o ecossafári (feito com o Onçafari), em carros para o avistamento da rica fauna silvestre na companhia de biólogos e guias. Como uma atividade educativa, os hóspedes são convidados a visitar os projetos conservacionistas e os criadouros da fazenda – uma maneira de fornecer um conhecimento aprofundado sobre o bioma e propagar a importância de sua conservação.

Passeios de caiaque ou bike e almoço nas veredas, entre outras experiências, proporcionam novas descobertas nesse destino, ainda pouco conhecido pelos brasileiros. Percorrer os caminhos que inspiraram a obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e contribuir para sua preservação é uma experiência duplamente gratificante.

pousadatrijuncao.com.br



@queensberryviagens

Vivencie *o melhor de cada destino em uma viagem*

Grupos Brasileiros no Mundo com acompanhamento de guia brasileiro.

Vietnã e Camboja
As Estrelas da Indochina

20 dias | Saídas 2023: Fev. 10 e Abr. 01*

Visitando: Dubai, Hanói, Baía de Halong, Hoi An, Danang, Hue, Ho Chi Minh, Phnom Penh e Siem Reap.

a partir de:

R$ 9.589

+ 6x R$ 6.392 | Aéreo + Terrestre
válido para saída Abr. 01, 2023

Colômbia e Panamá
A Força do Caribe

12 dias | Saída 2023: Abr. 03

Visitando: Cartagena, Bogotá e Cidade do Panamá.

a partir de:

R$ 5.581

+ 6x R$ 3.720 | Aéreo + Terrestre
válido para saída Abr. 01, 2023

Arábia Saudita
O Berço do Islã

14 dias | Saídas 2023: Fev. 05 e Mar. 02*

Visitando: Jeddah, Medina, Al Ula, Riyadh e Manama (Bahrain).

a partir de:

R$ 11.166

+ 6x R$ 7.444 | Aéreo + Terrestre
válido para saída Mar. 02, 2023



Tailândia e Cingapura
O Exótico Sudeste Asiático

19 dias | Saídas 2023: Fev. 11* e Mar. 25

Visitando: Bangkok, Chiang Rai, Chiang Saen, Chiang Mai, Phuket, Cingapura e Dubai.

a partir de:
R$ 8.523 + 6x R$ 5.682
Aéreo + Terrestre | válido para a saída Fev. 11, 2023

Solicite mais opções em grupo ou viagens personalizadas.

QUEENSBERRY viagens

Uma empresa do ecossistema BeFly

Consulte seu agente de viagens.

Tel.: 11 3217-7100 • www.queensberry.com.br

Importante: Preços por pessoa em apto. duplo, desde São Paulo. Taxas, impostos e afins não incluídos. Lugares limitados, sujeitos à disponibilidade. Seguro Viagem IFASEG incluído. Financiamento não é válido para viagens com menos de 30 dias do embarque. Preços sujeitos à alteração sem aviso prévio. Parcelamento em até 7 vezes, com entrada de 20% + até 6 parcelas iguais no credi-cheque ou cartão. Preços calculados no câmbio do dia do fechamento da revista 09/11/22, US$ 1 = R$ 5,33. Os preços em reais serão recalculados aplicando o câmbio turismo na data do pagamento. Imagens meramente ilustrativas.

KARL QUEM?

Autor da saga* Minha Luta*, o norueguês Karl Ove Knausgård é o principal representante de um novo gênero de literatura, a autoficção

POR MARCELO RUBENS PAIVA

Ficção ou não ficção? Todo escritor tem esses dois caminhos para contar uma história, e o mercado está habituado a diferenciá-los, assim como os leitores. Para colocar pimenta no caldo da literatura comparada, nomeou-se agora um terceiro gênero, a autoficção, em que o autor é o narrador, coloca-se dentro da prosa, mas não assume o aspecto biográfico. Seria uma autobiografia ficcional.

Quando se aponta para a autoficção, de imediato vem um nome, seu representante mais ativo: o norueguês Karl Ove Knausgård, 58 anos, na moda dentro e fora dos países escandinavos, autor da saga *Min Kamp (Minha Luta)*, dividida em seis volumes, escritos entre 2009 e 2011, e de *Outono, Inverno, Primavera e Verão*, escritos em 2015 e 2016.

Apesar de morar no meio do nada, entre fiordes da Noruega e Suécia, o que fez desse escritor compulsivo (publicado no Brasil pela Companhia das Letras) – fumante que passava o dia num escritório isolado cercado por cinzeiros e cafés – escrever uma saga de 3,5 mil páginas sobre ele, sua família e a paisagem gelada, quase parada, de uma região fora da rota turística mais popular? E como ficou na moda?

Na sua obra, não se veem amores proibidos, triângulos amorosos, grandes ações, aventuras épicas, perseguições, suspense. Nem arrojos literários inovadores, trafegando entre James Joyce, Guimarães Rosa e Foster Wallace. Ao contrário. É entediante, simples, como o branco de uma geleira. Com uma penca de filhos e três casamentos, é excessivamente descritivo e, por vezes, deprimente. Até demoramos para "entrar" na obra. De espetacular, a aurora boreal do Círculo Polar, onde vai morar por um tempo.

Já foi comparado a Proust. Ele mesmo assume que, sim, Proust foi devorado nos seus 20 anos e os primeiros dois romances, ambos premiados, são cópias das quais ele se envergonha. Mas admite que depois passou a fazer uma literatura que chama de "anti-Proust": seca, crua, direta. Disse à BBC que, ao contrário do colega francês, cujo estilo é inegavelmente construído e meticulosamente calculado, os livros da série *Minha Luta* são ultrarrealistas e esmiúçam todos os aspectos da vida do escritor, especialmente as frustrações, as mais embaraçosas e comprometedoras.

Ele escreve com tamanha sinceridade e transparência, sem nenhuma complacência, que acabamos nos identificando e seduzidos a conta-gotas. Ou como apontou a revista *New Republic*, "ler *Minha Luta* é como abrir o diário de alguém e encontrar os próprios segredos".

Muitos leitores ficam curiosos, mas é quase impossível distinguir o real da invenção numa obra literária. De certa maneira, um autor ou autora sempre parte de experiências pessoais para escrever seus personagens ficcionais. A personagem feminina de um autor masculino pode ser sua visão do feminino, construída por observação, pesquisa, mas também uma porção feminina que há no homem. E vice-versa. Virginia Woolf experimentou narrar através de dois sexos em *Orlando*. Considerado semibiográfico, já que é baseado numa amante da autora, o romance conta o espanto de um jovem inglês, Orlando, que de um dia para o



outro, numa viagem à Turquia, acorda no hotel, transformado em mulher. Orlando explora seu novo corpo diante do espelho e reaprende a viver.

Gustav Flaubert, o pai do romance moderno, experimenta em *Madame Bovary* o tédio de uma mulher do século XIX, que almeja liberdade, mas deve cumprir o papel de esposa burguesa fiel a um médico querido pela comunidade. Emma Bovary não resiste à tentação e acaba se seduzindo pela vida hedonista da aristocracia decadente. O romance causou escândalo, o autor foi processado por indecência. Queriam saber quem ele retratava, até soltar esta famosa frase que marcou a literatura: "Emma Bovary c'est moi".

O que Machado de Assis tem de Capitu? O que do desocupado herdeiro Brás Cubas tem o autor? O que Dostoiévski tem do astuto criminoso Raskolnikóv? O que grandes personagens da literatura, como Gastby, Holden Caufield, Riobaldo, têm de real?



Está aí uma razão pela qual se dividiu a literatura em ficção e não-ficção, um destaque protocolar que está longe de ser verdadeiro. Até porque em muita não-ficção e autobiografia há invenção, já que o ato de narrar transforma a realidade numa interpretação.

A autoficção tem muitos adeptos. Michel Houellebecq e Emmanuel Carrère são autores que narram sobre outras pessoas e eventualmente aparecem na história. Assim como os brasileiros Ricardo Lísias, que em *Divórcio* escreveu sobre uma separação que pode ser a sua, Marcelo Mirisola, João Paulo Cuenca, que depois de ter seu documento perdido descobriu que foi dado como morto pelos arquivos do estado. Julián Fuks escreveu sobre o irmão adotado em *A Resistência*, e Paulo Scott sobre o racismo e as diferenças vividas entre ele e o irmão de pele mais escura, em *Marrom e Amarelo*.

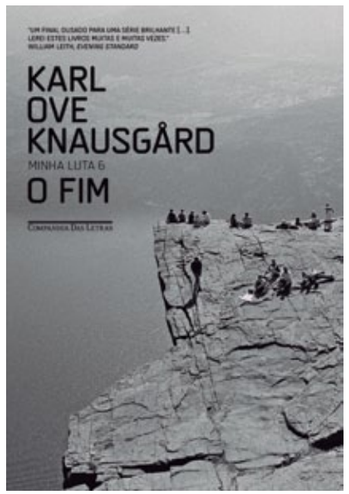


Mas não existe maior símbolo dessa nova via do que Karl Ove. Suas influências são muitas e se destacam Flaubert, Proust e Joyce. Ele confessa que sempre escreve mais do que deveria e sem medir as consequências, o que aponta como um de seus defeitos. Em *Minha Luta 4 – Uma Temporada no Escuro*, confessa curiosamente que lia *Jardim do Éden*, de Hemingway, para buscar um estilo e uma linguagem, atrás de uma síntese entre opostos, o lirismo de Proust e o pragmatismo de Hemingway.

Apesar de *Minha Luta* ser o nome da indigesta obra de doutrinação de Hitler, ele diz que a saga se refere à sua luta. Escreveu no quarto volume: "Minha orientação política era de extrema esquerda, a ponto de quase cruzar a fronteira rumo ao anarquismo, eu detestava as unanimidades e os estereótipos e, como todos os outros jovens da cena alternativa de Kristiansand, desprezava o cristianismo e todos os imbecis que acreditavam naquela doutrina e frequentavam encontros com pastores carismáticos e estúpidos".

No primeiro volume, *Minha Luta 1 – A Morte do Pai*, Karl Ove jovem revive os anos 1980 dançando The Clash em bebedeiras. Além de descobertas sexuais, se debruça sobre o pai autoritário, que boicotava seu lado mais sensível e o reprimia quando dava flores à mãe, numa jornada destrutiva que arruinou a família.

Minha Luta 2 – Um Outro Amor mostra a rotina entediante de um casamento decadente, que entrou numa crise contagiosa, festinhas infantis intermináveis, férias de verão em que tudo dá errado. O casal se separa, ele deixa Oslo e se muda para a Suécia, onde começa uma nova vida. Lá reencontra Linda, poeta, antiga paixão... Como conciliar a paternidade com a dureza das ambições literárias? Pai de três filhos, ele narra em detalhes sua luta para escrever, das agruras com um novo romance na edícula da casa em meio a uma rotina tumultuada e de obrigações paternas, fraldas, separar brigas.



Minha Luta 3 – A Ilha da Infância é dedicado à infância do autor, que tem medo do barulho da água nos canos, de assombração, do cachorro do vizinho, de raposas e, sobretudo, do pai, uma figura autoritária alcoólatra que sempre volta à sua narrativa, em contraste com a delicada mãe, com descrições infindáveis e digressões com as quais nos acostumamos. E é exatamente entre a narrativa detalhista de uma rotina banal e *flashbacks* que se escondem alguns dos lances geniais do autor, pegando o leitor de surpresa.

Já em *Minha Luta 4 – Uma Temporada no Escuro*, fica claro que seus livros podem ser lidos de forma independente, que ele não segue uma linha cronológica. Aqui, ele tem 18 anos e se muda para o norte da Noruega, para dar aulas a adolescentes, por quem morre de tesão. Da sua janela, um fiorde e barcos. Mas chegam o inverno polar, a escuridão, as noites longas, a bebedeira e a memória do pai abusivo.

Em *Minha Luta 5 – A Descoberta da Escrita*, mais uma vez reaparecem seus anos na Universidade de Bergen como estudante de literatura, com as consequentes frustrações de quem tem bloqueios literários, conflitos e inseguranças juvenis. Retoma bebedeiras, brigas, fracassos amorosos, o rock dos anos 1980.

Minha Luta 6 – O Fim talvez seja a obra mais complexa. O fecho inclusive traz um ensaio sobre estética, linguagem, Hitler e até questões identitárias. O livro "é feito do amor de um homem por sua família e sua obsessão pela vida solitária da escrita, com a trama e a urdidura dessas paixões contraditórias às vezes se enredando uma na outra", escreveu Melissa Katsoulis, do *Times*.

Karl Ove sujeita amigos, amores, familiares, e o resultado não poderia ser outro: por expor a vida de outros sem censura, ele recebeu ameaças de processos, até afirmar, enfim, que seus livros são pura ficção. Puro papo furado.

Parou por aí? Que nada. Retomou tudo na série das quatro estações. Como *Outono*, uma pequena obra delicada, deliciosa, em que narra para sua filha ainda dentro da barriga da mãe o que é a vida, descreve como são as coisas, a importância do mijo, o sol, os raios, a maçã, o dente, essa formidável estrutura sólida como uma rocha. E, claro, a vida e os conflitos em família. "Num livro cheio de maravilhas, dentes soltos, chicletes, tudo se torna nobre, quase sagrado, sob o olhar paciente e admirador de Knausgård. O mundo parece repintado", escreveu o *New York Times*.



LINDA

A escritora sueca Linda Boström Knausgård, segunda mulher de Karl, debruça-se sobre o transtorno bipolar e a esquizofrenia que ele descreve em seus livros. É a vez de a mulher dar a sua voz a uma realidade conjunta em *A Pequena Outubrista*, nome dedicado a um grupo de escoteiras da União Soviética.

O romance, da editora Rua do Sabão, conta em detalhes o longo período em que ela passou num hospital psiquiátrico, com medo de esquecer a cara dos filhos, dopada em depressão e levando doses de eletrochoque, e revoltada pelo absurdo do tratamento imposto. Se Karl Ove conta em *Minha Luta 2* que fez um pacto com a mulher, que enquanto ele escrevia, ela cuidaria dos filhos, e depois seria o inverso, Linda conta: "Você decidiu que nenhuma palavra devia ser dita quanto ao fato de que era você quem queria o divórcio".

Sua depressão e rotina nos são descritas por ele de forma invasiva. Agora, aprendemos com ela o que viveu, como viveu, as amizades que fez, os cigarros fumados até o talo, num ambiente contaminado pela loucura e privação da liberdade e da consciência. E, como o ex-marido, afirma que sua obra é de ficção. Não é revanchista. Disse numa entrevista que "*Minha Luta* está cheia de descrições cruéis e desnecessárias de pessoas reais, mas os livros são bons e influenciaram muita gente".

Ela era conhecida em Estocolmo quando se casou. Mas viveu uma década sem escrever até que, em 2011, já mulher do escritor famoso e mãe, lançou a antologia de contos. Dois anos depois, publicou um romance e teve mais um bebê. Foi tratada com eletrochoques entre 2013 e 2017. Apesar dos horrores, disse que se divertiu ao escrever o livro.

No final de *A Pequena Outubrista*, ela dá a sua versão sobre o término do casamento, tão explorado pelo marido.

BRASIL

O BRASIL INTOCADO

O Parque Estadual de Terra Ronca, em Goiás, tem mais de mil cavernas, muitas delas portentosas, em meio à paisagem bruta do Cerrado

POR WALTERSON SARDENBERG Sº
FOTOS ION DAVID





GUILBER HIDAKA

Acima, o tucano é ave constante na região. Na página ao lado, formações milenares da Caverna Angélica

Terra Ronca. Já ouviu falar dela? É provável que não. O nome peculiar dessa área, como se percebe, acolhe sujeito e verbo – e prenuncia, como se verá, uma infinidade de predicados. Ainda assim, diferentemente de suas centenas de cavernas, Terra Ronca provoca pouca ressonância. Até mesmo ecoturistas experientes chegam a confundi-la com a Serra do Roncador. Um sonoro engano.

Roncador ergue-se no Mato Grosso. Já Terra Ronca está fincada em uma região remota no nordeste de Goiás, quase na divisa com a Bahia, em meio a uma intocada vegetação de Cerrado. Embora tenha sido soerguida à categoria de parque estadual ainda em 1989 (portanto, há 33 anos), a área, de 50 mil hectares (ou 1/3 da cidade de São Paulo), permanece quase um segredo de estado, um sigilo conspiratório.

No entanto, esse silêncio, interrompido apenas pelo ruído dos momentos mais revoltos dos rios subterrâneos – daí, acredita-se, deriva o nome do lugar –, não durará para sempre. Terra Ronca é bonita demais para permanecer na letargia, em sono eterno.

Por enquanto, vir até aqui ainda é descobrir uma preciosidade. São mais de mil cavernas, sendo 300 mapeadas e 49 abertas para visitação, e muitas delas majestosas, como delirantes catedrais subterrâneas, seguidas por labirintos e outros salões gigantescos. Sete das 30 maiores do país estão aqui. Há também rios e riachos límpidos, providenciais para um banho nesses rincões de clima quente e seco. A água é tão pura e cristalina que se pode bebê-la, fresquinha, com as mãos em concha. Até quando? Eis a pergunta.

Façamos a ressalva: o Parque Estadual de Terra Ronca não está em vias de invasão do turismo maciço e indiscriminado. Longe disso. A protegê-lo, antes de tudo, ergue-se a barreira do isolamento, provocado pela distância e pelas dificuldades de acesso. Um obstáculo e tanto. Chegar até aqui requer (muito) tempo e (plena) disposição.

Terra Ronca abriga mais de mil cavernas, sendo 300 mapeadas e 49 abertas à visitação

ISOLAMENTO E PRESERVAÇÃO

O ponto de partida mais viável é Brasília, a 400 km, sendo os últimos 45 percorridos na Rodovia BR-O45, em estrada de chão batido, mal conservada. Seguem-se outros 40 km, digamos, casca grossa, até a minúscula Guarani, cidadezinha de 5 mil habitantes, na antessala do parque. O percurso demanda ainda mais quilometragem para jogar as amarras em São Domingos, município que, embora tenha o dobro da população do vizinho e seja mais ajeitadinho, permanece um lugarejo. Todos os moradores de Terra Ronca, enfim, caberiam com folga no modesto Estádio do Canindé, em São Paulo.

"Esse é o momento certo para vir até a região", avisa o paulista Guilber Hidaka, 38 anos. "Terra Ronca ainda é um lugar absolutamente genuíno, e não se sabe até quando isso vai durar."

Hidaka já esteve duas vezes no parque goiano. Fotógrafo de primeiríssima (é o autor de alguns cliques desta reportagem) e dono de uma produtora de vídeo e conteúdo em São Paulo, ele aproveita as férias e folgas para praticar o ecoturismo, sempre a bordo de seu Mitsubishi 4x4. Nessas viagens, repletas de aventura, ele tem por companhia a mulher (Lucia Baeta, 36 anos, arquiteta e gestora de uma escola infantil), além dos três filhos do casal. São dois meninos e uma menina, de 3, 6 e 9 anos. Aventureiro experiente, ainda que muito família, Hidaka tem autoridade para dizer que Terra Ronca "ainda é genuína", se comparada a outros destinos brasileiros do ecoturismo.

Essa autenticidade, bem entendido, impõe algumas restrições à modernidade. Em Terra Ronca, o buraco é mais embaixo – com trocadilho. Por exemplo: nem pense em internet. Esqueça também os caixas eletrônicos e as máquinas de cartão de crédito e débito. Tudo por aqui funciona na base do dinheiro vivo. As acomodações são em pousadas singelas. Não imagine, ainda, que o parque estadual tenha portas ou porteiro e, vá lá, distribuição de mapas impressos detalhados, com indicações. Nada disso. Daí reza a sensatez de que só se entra nas entranhas de uma caverna sob a égide de um guia local autorizado.

UM PARAÍSO NATURAL, UM LIMBO DE QUESTÕES AMBIENTAIS

O que talvez cause ainda mais estranheza é o fato de que, apesar de se constituir em uma unidade de conservação, o parque continue acolhendo povoados dentro de suas delimitações – inclusive, pousadas. Isso acontece em virtude de questões fundiárias ainda não resolvidas. A rigor, a instituição do parque estadual não considerou conciliar a ocupação humana com a preservação ambiental, gerando conflitos. A desapropriação é um fantasma que percorre os labirintos de mentes e cavernas. Enquanto isso, na prática, velhos moradores continuam proprietários de suas terras.

É o caso de Ramiro Hilário dos Santos, 64 anos, o mais conhecido e reconhecido guia de Terra Ronca. Ele tem uma área de camping, próxima da Cachoeira das Palmeiras, uma queda-d'água com





Salão central da impressionante Caverna São Bernardo. Acima, visitante contempla as estalactites da Gruta São Mateus



inacreditáveis águas azuladas. Além disso, em sua casa, de pau a pique, recebe visitantes para almoçar as refeições que a família prepara no fogão a lenha. Arroz com pequi. Feijão gordo. Galinhada. "É um dos melhores lugares para comer na região, ainda que simples", indica Lucia Baeta, que também recomenda o Restaurante da Carla, no povoado de São João Evangelista.

O popular Ramiro é talvez o melhor exemplo da importância das cavernas na vida dos moradores. "Eu praticamente nasci em uma", costuma dizer. Nessas cavidades de formação calcária, esculpidas há mais de 600 milhões de anos pelos rios subterrâneos, ele brincou de esconde-esconde na infância. Dentro de uma caverna, também namorou, participou de festas, se casou e batizou os quatro filhos. "Elas são a minha vida", resume. De fato, Ramiro dá até nome científico a um peixe endêmico de uma das cavernas, o *Ituglanis ramiroi,* mais conhecido por bagrinho-de-caverna.

Entre outras utilidades, as cavernas de Terra Ronca são o ganha-pão dos moradores, pontos de celebração, redutos religiosos, memória dos antepassados e referência cultural. Constituem também, há mais de um século, objeto de estudo de espeleólogos brasileiros e estrangeiros, entre eles o francês Pierre Martin (1932–1986), um de seus principais divulgadores no meio científico. Elas funcionam ainda como eventual refúgio.

Uma história lendária relata que a Caverna Terra Ronca I serviu, no ano de 1925, como esconderijo de parte da população, assustada, quando da passagem pela região da Coluna Prestes (1924–1927), o movimento político-militar. A Caverna São Bernardo, por sua vez, acolheu militantes de esquerda, procurados pela ditadura no final dos anos 1960. Sobrevivem os restos de um fogão improvisado, construído por eles.

"O ideal é visitar uma caverna por dia", instrui Guilber. "Mais do que isso se torna cansativo. Há um constante sobe e desce pelos caminhos internos, e alguns exigem ainda nadar ou andar dentro de rios com correntezas fortes."

Esse bom senso permite também gastar o restante de cada dia para aproveitar outras atrações de Terra Ronca, como as diversas cachoeiras (não custa lembrar: a região é quente), as sortidas inscrições rupestres (obra de brasileiros nascidos 10 mil anos atrás) e as veredas. Entenda-se por esse nome enclaves do Cerrado que equivalem aos oásis no deserto. São ótimos para nadar. Têm água pura e vegetação mais vistosa. "Procure pelos buritis, aquelas palmeiras compridas", sugere Lucia Baeta. "Onde tem buriti, tem vereda." Uma das melhores, segundo ela, está "debaixo da Ponte de São Domingos".

MAS ENTREMOS NAS CAVERNAS. COM LICENÇA

Terra Ronca I, a mais visitada, impressiona de cara. Seu pórtico, um Arco do Triunfo gigantesco, mede 90 m de altitude – só perde em dimensões, no Brasil, para os 106 m da Gruta dos Brejões, na Bahia. Se a fachada implica reverência, a atmosfera solene aos poucos vai sendo quebrada pela algazarra de periquitos e maracanãs, embora a grandiosidade dos salões imponha, de novo, uma admiração cerimoniosa. Em especial, diante da portentosa sucessão de estalactites (formações rochosas sedimentares pendendo do teto) e

Entre as atrações do parque há, ainda, cachoeiras, inscrições rupestres e veredas límpidas

Vista da Serra Geral: no nordeste de Goiás, Terra Ronca está em meio à intocada vegetação do Cerrado







estalacmites (criadas pelo gotejamento das primeiras). Um cálculo matemático aumenta ainda mais essa admiração. Basta saber que cada gota pinga, em média, de 40 em 40 minutos e imaginar o tempo necessário para urdir cada formação. Milênios e mais milênios.

Um passeio por Terra Ronca I exige caminhar com água pela cintura e ao menos três horas de disposição. Segue-se uma espécie de vale ao ar livre e, depois, a continuação: Terra Ronca II, uma segunda caverna. Serão mais três ou quatro horas de picadas e bifurcações. O sobe e desce termina em premiação: o deslumbrante mirante, com uma vista surpreendente.

A Caverna Angélica, a segunda mais visitada do parque, impõe menos desgaste ao corpo – são menos de duas horas de trajeto –, mas mais esforço à imaginação. Ou nem tanto. Passado o acesso por uma praia fluvial (as águas do Rio Angélica percorrem seu interior), sucede-se um entremear de salões batizados pela aparência mais imediata: Salão dos Tubarões, Corredor do Cérebro, Salão das Cortinas, Salão dos Canudos e assim por diante. Por fim, mais um desfecho recompensador: o Salão dos Espelhos. Ali, o espelho d'água duplica, sob olhos maravilhados, as formações calcárias.

Outras cavernas do parque estadual podem exigir ainda mais aventura. A São Bernardo, por exemplo, tem um deslumbrante Salão das Pérolas – de fato, uma joia natural. No entanto, a entrada dela é uma descida íngreme. Além disso, parte do percurso impõe caminhar dentro da água, com uma forte correnteza e muitas pedras no fundo. A Gruta de São Mateus, por seu turno, é ainda mais complicada. Tem 12 km de belezas, mas o acesso só é liberado a quem se dispuser a descer por uma corda de 5 m no vão livre.

Para terminar, mais algumas recomendações. Além de tempo, disposição, dinheiro vivo e bom humor para se submeter ao calor, é preciso trazer roupas leves, repelente, protetor solar e dois pares de tênis – um deles para molhar nas cavernas.

Ponha na bagagem, ainda, a certeza de estar desembarcando em um lugar único e, ao menos por enquanto, genuinamente *underground*. Não se sabe até quando.

Acima, o pico do Morro do Moleque. Na página ao lado, o imenso pórtico da Lapa de Terra Ronca I e o Mitsubishi 4X4 de Guilber desbravando o parque estadual



CULTURA

A ILHA RESPLANDECENTE

Pequeno e surpreendente, o Sri Lanka é capaz de proporcionar experiências tão diversas quanto sua paisagem, entre templos budistas, plantações de chá, safáris e lindas praias

POR CLAUDIA LIECHAVICIUS



No sul da ilha, Tangalle tem praias de areias douradas e vastos coqueirais. No detalhe, mulheres colhem chá

Um discreto território tropical ao sul da Índia, o Sri Lanka facilmente passaria despercebido não fossem a exuberância e a diversidade sedutora de sua paisagem. Menor do que o estado de Santa Catarina, esse país, encravado como uma pedra bruta nas águas azuis do Oceano Índico, é berço de tantas riquezas naturais que, mesmo diminuto, fez com que há muito os olhos do mundo se voltassem para ele. Safira, canela e chá atraíram para lá, ainda no século XIII, o explorador veneziano Marco Polo, que, depois de conhecer o lugar, declarou seu arrebatamento por tantas belezas. O mesmo aconteceria séculos mais tarde com o escritor norte-americano Mark Twain, que no livro *Seguindo o Equador: Uma Jornada ao Redor do Mundo*, escrito em 1897, discorre sobre seu fascínio pelo cenário, marcado por florestas tropicais, lindas praias, planícies áridas e muita, muita história.

A República Democrática Socialista do Sri Lanka, rebatizada assim em 1972, quando abandonou a alcunha de Ceilão, o antigo nome colonial britânico, já teve, ao longo dos séculos, outras denominações. A mais antiga delas, Sinhaladvip, data do século V e foi dada pelos cingaleses: significa Ilha do Leão, em sânscrito, e serviu como base para os epítetos que viriam depois.



TESOURO PERDIDO

O gancho inicial para pensar em uma viagem ao Sri Lanka pode até ser o apelo cênico, os estereótipos de uma ilha tropical asiática com praias douradas a perder de vista e um interior montanhoso, com florestas entremeadas de cachoeiras. No entanto, basta um olhar mais afinado para perceber que o país tem uma das tradições budistas mais antigas do mundo.

Para entender a força dessas raízes histórico-culturais e entrar em contato com o legado da civilização cingalesa, que se estabeleceu na ilha entre os séculos IV a.C. e XIII d.C., é preciso mergulhar no coração do Sri Lanka. Expulsos pelo povo tâmil, eles deixaram para trás um conjunto de monastérios, templos, estupas e imagens de Buda que só seriam descobertos no século XX, na região centro-norte da ilha, conhecida como Terra do Rei, em pesquisas arqueológicas na densa floresta tropical, que, por séculos, escondeu esse tesouro inestimável.

Hoje, essa região forma o chamado Triângulo Cultural, onde os três pontos imaginários desse grande triângulo apontam para Sigiriya, Polonnaruwa e Anuradhapura, distribuídos entre as cidades de Kandy e Dambulla.

Cobrir de carro os 170 km que conectam a capital, Colombo, a Sigiriya pode levar mais de cinco horas. A velocidade nas estradas é lenta, pois há um movimento intenso de tuk-tuks, vários povoados pelo caminho, pessoas caminhando no acostamento e, vez ou outra, um elefante atravessando. É bom saber que a população de elefantes selvagens é grande na ilha, com mais de 4 mil, e é preciso cuidado. Os parques nacionais Minneriya e Kaudulla formam, inclusive, um "corredor de elefantes", por onde, sazonalmente, eles migram de um ao outro em busca das melhores reservas de água.

TRIÂNGULO CULTURAL

Uma vez em Sigiriya, a Rocha do Leão salta no horizonte, sinal de um misterioso reino coberto por lendas. Segundo dizem, a cidadela foi estabelecida há mais de 1,5 mil anos, 200 m acima das planícies, pelo infame Kassapa, que assassinou o próprio pai para tomar o poder. Tendo trilhado caminhos tortos, ele precisou se refugiar num lugar de difícil acesso para garantir sua segurança. O rei passou 18 anos governando o reino do alto do seu inexpugnável palácio-fortaleza, no topo de um rochedo de granito que, merecidamente, é catalogado como Patrimônio Mundial da Unesco. O final dessa história é fácil imaginar: trágico.

O Palácio de Sigiriya é uma verdadeira maravilha arquitetônica, que impressiona por seu arrojado planejamento de engenharia e um complexo sistema de distribuição de água. Construído na forma de um leão agachado, usando o monolito como base, ele tem como entrada a boca do animal, posicionada entre duas grandes patas dianteiras, seguida por uma escadaria irregular de 700 degraus, que serpenteia pela pedra e passa por galerias com pinturas de deusas e ninfas. Não há outro acesso ao refúgio do rei senão a escada, para alcançar o palácio, o trono, as vielas, as fontes e a piscina real. É tudo tão colossal que essa é considerada a principal atração do Sri Lanka.

Já as ruínas de Anuradhapura remetem a uma volta no tempo ainda maior. A cidade, que serviu como primeira capital do Reino do Ceilão, foi fundada em 377 a.C., no extremo norte do Triângulo Cultural, a 70 km de Sigiriya. Ela representa o local de conversão do povo cingalês ao budismo, tendo sido uma das maiores cidades monásticas que o mundo já viu. Chegou a abrigar mais de 10 mil monges. Não é pouca coisa. É preciso um dia inteiro para percorrer os 40 km² de Anuradhapura, que incluem ruínas de grandes templos, estupas, grutas, palácios e a Figueira Sagrada Maha Bodhi, que, segundo dizem, teria sido cultivada a partir de um corte da árvore sob a qual Buda atingiu a iluminação, na Índia. O complexo religioso ainda é um importante ponto de peregrinação budista, mesmo tendo sido comandado em vários momentos pelo povo tâmil, de tradição hinduísta.

Esses períodos, em que se alternaram no poder cingaleses e tâmeis, acabaram por deixar Anuradhapura em escombros no século X, quando a cidade de Polonnaruwa foi estabelecida como a nova capital do reino.

Mesmo sendo um complexo menor, que abraçou o poder por apenas 150 anos, Polonnaruwa guarda uma riqueza imensa, entre palácios e templos belíssimos, além de estátuas gigantescas de Buda, talhadas em pedra e em várias posições. Foi o período mais suntuoso do reino em termos de legado artístico e arquitetônico. As duas antigas capitais (Anuradhapura e Polonnaruwa) também são Patrimônio Mundial da Unesco.

O DENTE DE BUDA

Além dessa tríade, há muitos lugares históricos e sagrados entre Kandy e Dambulla, como os templos Aluvihara, Nalanda, Ridi Vihara e o espetacular Dambulla Rock, construído por um rei há mais de 2 mil anos. No entanto, o Templo do Dente, localizado em Kandy, é o mais sagrado. É dentro dele que está a relíquia considerada pelos budistas entre as mais veneráveis: um dente de Buda que, segundo a religião, deve ser visto por todo budista pelo menos uma vez na vida.

Atualmente, 70% da população do Sri Lanka (composta de aproximadamente 22 milhões de habitantes) é adepta do budismo cingalês, sendo o restante dividido entre o hinduísmo, o islamismo e o cristianismo. É por isso que as línguas mais faladas no país são o cingalês e o tâmil, seguidas do inglês, uma herança marcante do longo período de colonização britânica.



O Templo do Dente é considerado o mais sagrado pelos budistas

Acima, o interior do Templo do Dente, em Kandy

OURO VERDE

Colônia do Reino Unido entre 1815 e 1948, quando se tornou independente, o Sri Lanka (à época, Ceilão) herdou dos ingleses outras tradições. A mais forte delas foi o chá. As plantações encontraram na parte central da ilha o terreno ideal para prosperar, nas montanhas de Nuwara Eliya, ao lado do Parque Nacional das Planícies de Horton. Um dos principais atrativos (e orgulhos) do país, é dali que sai um dos melhores chás do mundo, o Chá do Ceilão, apelidado de "ouro verde". Até a chegada dos ingleses, essas terras altas eram praticamente desabitadas, tornando-se, desde então, extremamente valorizadas.

Um dos indícios da prosperidade na região, conhecida como Pequena Inglaterra, foi o surgimento de hotéis de alto padrão nos arredores do vilarejo de Nuwara Eliya, também marcado por enormes edificações em estilo colonial. Em Hatton, a poucos quilômetros dali, o elegante Ceylon Tea Trails é reverenciado como o mais emblemático hotel do país. Trata-se de uma propriedade instalada a 1.250 m de altitude, formada por cinco residências históricas de fazendeiros de chá, cujas plantações cercam todo o terreno – um cenário de tirar o fôlego.

SOBRE TRILHOS

A forma mais tradicional e popular de chegar às montanhas do centro do país é de trem. O sistema ferroviário foi construído pelos ingleses há aproximadamente 150 anos, justamente para escoar a produção de chá aos portos. De lá para cá, pouca coisa mudou: os trens continuam antigos e vagarosos, com vagões rústicos. No percurso, o trecho mais bucólico se dá entre Hatton e Ella, cortando as plantações de chá e passando por várias cachoeiras – são aproximadamente quatro

Um dos cartões-postais do Sri Lanka são os pescadores sobre estacas de Konggala

horas para cobrir menos de 100 km. Lento, porém lindo, é um passeio concorrido. Ao desembarcar em Ella, vale tomar um tuk-tuk para chegar até a Ponte dos Nove Arcos, construída pelos ingleses apenas com pedras, tijolos e cimento, sem a utilização de estruturas metálicas. Ela impressiona, com seus 24 m de altura e 91 de comprimento, que conectam a cidade de Demodera a Ella e por onde, ainda hoje, passam sem pressa os vagões.

Nas proximidades de Ella também fica o Pico de Adão, uma montanha famosa pelo caráter sincrético: budistas acreditam ser uma pegada de Buda, hinduístas dizem ter pertencido a Shiva e cristãos creem ter sido o primeiro passo de Adão na Terra. Para uma legião de fiéis, fazer a peregrinação ao Pico de Adão é uma importante experiência religiosa. A árdua subida, que inclui 4,8 mil degraus, é feita entre os meses de dezembro e maio, a época mais seca.

Logo acima do Equador, na "orelha da Asia", o Sri Lanka tem clima tropical e costuma ser quente o ano todo, encontrando-se nas montanhas um clima mais fresco. No entanto, é preciso ficar atento aos períodos de monções para fugir das chuvas, que variam de região para região. Coincidentemente, março e abril são os meses mais secos na ilha.

RUMO AO SUL: DE YALA A GALLE

Pequeno em território, gigante em atrativos, o Sri Lanka reserva um litoral surpreendente ao sul. Desde o Parque Nacional de Yala até a cidade fortificada de Galle, o panorama inclui dezenas de aldeias de pescadores, aninhadas à sombra de coqueiros, praias que atiçam as habilidades dos surfistas, reservas naturais, com uma fauna inacreditável, e redutos budistas. Uma mistura que traduz a essência do país e seu ritmo desacelerado, apesar do vai e vem frenético dos tuk-tuks.

É no Parque Nacional de Yala que se concentra uma das maiores populações de leopardos do mundo. São aproximadamente mil, além de elefantes, búfalos, ursos, javalis, crocodilos, veados e mais de 200 espécies de pássaros.

O sul do Sri Lanka também é famoso por fazer parte de uma das principais rotas migratórias de baleias-azuis. A temporada de observação desses grandes mamíferos, que chegam a medir 30 m e pesar até 160 toneladas, vai de novembro a abril, quando as águas de Mirissa ficam mais calmas. É de lá que partem os barcos para o avistamento das baleias.

Não por acaso, a tradução de Sri Lanka é "ilha resplandecente". Uma das praias mais bonitas e intocadas dessa região é Tangalle, precisamente Silent Beach, onde repousa o exclusivo Hotel Amanwella, com 27 suítes idílicas, com piscinas. Nas proximidades ficam os templos budistas de Wewurukannala e Mulkirigala, esse último tendo sido esculpido nos flancos de uma rocha e acessado por mais de 500 degraus.

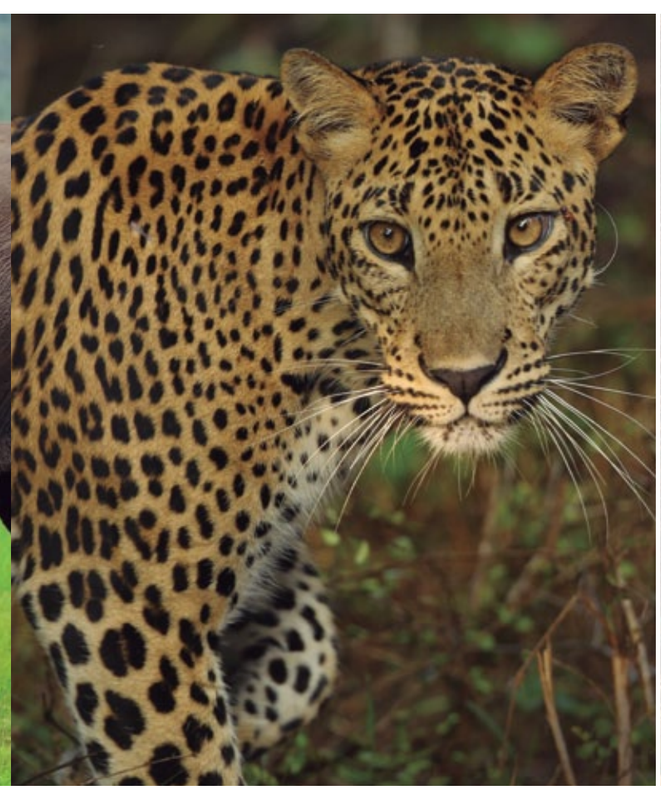
Quando se tem a sensação de já ter visto tudo, mais uma surpresa rouba a cena. Em Koggala é a vez dos pescadores sobre estacas. Essa maneira singular de pesca, na qual os homens ficam sentados no alto de uma forquilha de madeira, amarrada em uma espécie de palafita fincada no mar, de onde lançam a linha, dizem ter se iniciado na Segunda Guerra Mundial, quando havia pouca oferta de alimentos. A prática está ficando para trás, depois do tsunami que assolou a ilha, em 2004, afetando a vida marinha perto da costa. Assim, essa tradição dos pescadores cingaleses virou uma atração turística em troca de algumas rupias.

Finda a imersão na fauna, chega-se à simpática cidade de Galle, outro tesouro da costa sul, a 119 km da capital, Colombo. Ali os portugueses aportaram e se instalaram em 1505, oferecendo proteção militar em troca da negociação da canela, uma especiaria local

O Parque Nacional de Yala concentra uma das maiores populações de leopardos do mundo

Abaixo, a rica e preservada fauna de Yala e Galle







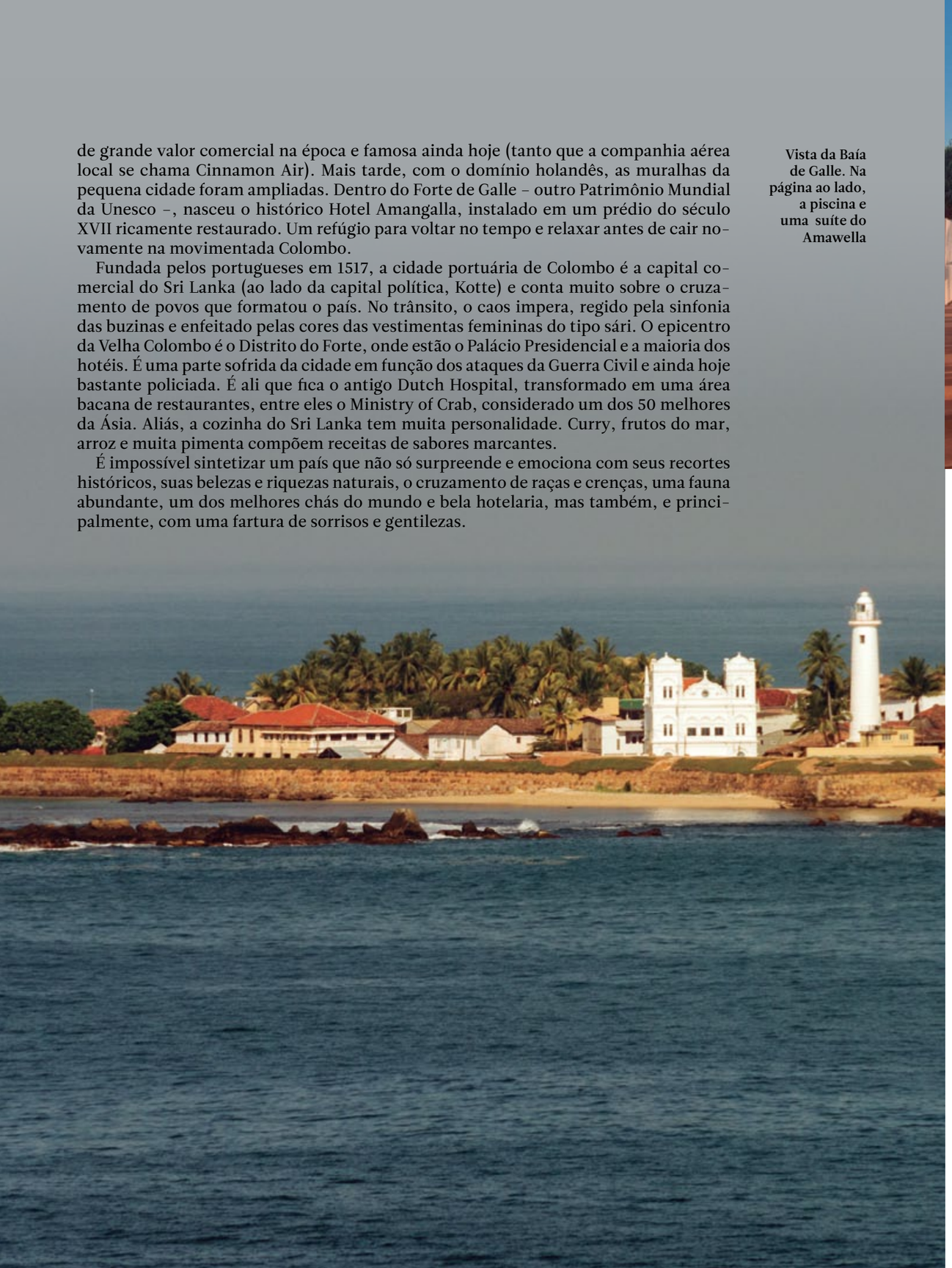
Os afrescos de mulheres em Sigiriya. Abaixo a imagem de Buda reclinado em Anuradhapura

A magnificência das estátuas talhadas no templo de Muthumariamman. Abaixo, mais imagens de Buda, onipresente em todo o território

de grande valor comercial na época e famosa ainda hoje (tanto que a companhia aérea local se chama Cinnamon Air). Mais tarde, com o domínio holandês, as muralhas da pequena cidade foram ampliadas. Dentro do Forte de Galle – outro Patrimônio Mundial da Unesco –, nasceu o histórico Hotel Amangalla, instalado em um prédio do século XVII ricamente restaurado. Um refúgio para voltar no tempo e relaxar antes de cair novamente na movimentada Colombo.

Fundada pelos portugueses em 1517, a cidade portuária de Colombo é a capital comercial do Sri Lanka (ao lado da capital política, Kotte) e conta muito sobre o cruzamento de povos que formatou o país. No trânsito, o caos impera, regido pela sinfonia das buzinas e enfeitado pelas cores das vestimentas femininas do tipo sári. O epicentro da Velha Colombo é o Distrito do Forte, onde estão o Palácio Presidencial e a maioria dos hotéis. É uma parte sofrida da cidade em função dos ataques da Guerra Civil e ainda hoje bastante policiada. É ali que fica o antigo Dutch Hospital, transformado em uma área bacana de restaurantes, entre eles o Ministry of Crab, considerado um dos 50 melhores da Ásia. Aliás, a cozinha do Sri Lanka tem muita personalidade. Curry, frutos do mar, arroz e muita pimenta compõem receitas de sabores marcantes.

É impossível sintetizar um país que não só surpreende e emociona com seus recortes históricos, suas belezas e riquezas naturais, o cruzamento de raças e crenças, uma fauna abundante, um dos melhores chás do mundo e bela hotelaria, mas também, e principalmente, com uma fartura de sorrisos e gentilezas.







Vista da Baía de Galle. Na página ao lado, a piscina e uma suíte do Amawella

AMANWELLA
Tropical e abundante em florestas, a costa do sul do Sri Lanka foi o local escolhido para uma das mais exuberantes propriedades da rede Aman se instalar. À beira-mar, entre os coqueiros e a areia dourada do litoral de Tangalle, em um dos cenários mais idílicos do pequeno território, o hotel está a curta distância de templos, plantações de chá e dos melhores parques nacionais do Sri Lanka. A programação convida a explorar a região, por meio de safáris ou de passeios para a avistação de golfinhos e baleias, da interação com as mulheres colhedoras de chá e da exaltação da natureza local, que o Amawella considera ser seu mais precioso atrativo.



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*



Sonho de Artista

Um dos maiores expoentes da arte uruguaia, Pablo Atchugarry inaugura o MACA, em Punta del Este, um complexo artístico com projeto assinado pelo premiado arquiteto Carlos Ott, que deve colocar o Uruguai no mapa das maiores exposições do mundo

POR CLARISSA SCHNEIDER

Em 1943, com *América Invertida*, uma de suas obras mais marcantes e emblemáticas, o pintor, desenhista, escultor, escritor e professor uruguaio Joaquín Torres García sugere outra perspectiva, reforçando a busca pelo desenvolvimento e pela valorização da arte latino-americana, característica em sua obra.

Quase 80 anos depois, essa iniciativa segue viva na realização de um sonho de outro artista: Pablo Atchugarry, conterrâneo de Torres García.

Inaugurado em janeiro deste ano, o MACA (Museu de Arte Contemporânea Atchugarry) fixa o Uruguai no mapa das grandes exposições internacionais e se destaca na América Latina como um destino turístico e cultural a ser visitado em qualquer época do ano. Um laboratório que promove o desenvolvimento de artistas locais, consagrados e emergentes, funciona também como plataforma educacional, além de ser um centro de reflexões e debates, aberto para todos.

Localizado no km 4,5 da Rota 104, na charmosa Manantiales, em Punta del Este, o museu acrescentou 5,5 mil metros quadrados de arte contemporânea aos pavilhões existentes da Fundação Pablo Atchugarry e seu Parque de Esculturas, de 40 hectares. Fundada em 2007 pelo escultor que dá nome à instituição, ela é uma organização sem fins lucrativos que promove as artes plásticas, a literatura, a música, a dança e outras manifestações criativas.

Projetado para conversar com a beleza do entorno, o parque oferece ao espectador um ambiente propício para apreciar a monumentalidade das mais de 70 esculturas, assinadas por artistas nacionais e internacionais – entre eles o próprio Atchugarry, Mauro Arbiza, Arman Fernandez, Ignacio Diaz de Rabago e Bruno Munari. Atualmente, a fundação realiza cerca de 50 atividades por ano, entre exposições, espetáculos, concertos, festivais, ciclos de cinema e conferências, e recebe um público diverso, formado pela população local, por estudantes, aposentados e turistas. Todas as atividades são abertas e gratuitas.

A impressionante estrutura curva de madeira laminada do MACA, projeto do arquiteto Carlos Ott

UNQUIET entrevista Pablo Atchugarry

"O MACA terá um grande impacto na divulgação da arte do Uruguai"



Como surgiu a ideia de criar o MACA?
A ideia de criar o MACA surgiu porque eu achava que havia uma lacuna no Uruguai: um museu dedicado à arte contemporânea uruguaia. E também do desejo de trazer exposições internacionais de alto nível para o país.

A arquitetura é assinada por Carlos Ott. Como foi trabalhar com o arquiteto? Quais foram as premissas para o desenvolvimento do projeto?
O projeto foi entregue ao meu querido amigo e grande arquiteto Carlos Ott. Para mim, foi uma grande honra, uma grande alegria e um grande momento de crescimento poder trabalhar e dialogar com ele, para garantir que o projeto tivesse as características necessárias para um museu que fica fora da cidade, no campo, com uma arquitetura que dialoga com a paisagem e com o ambiente natural.

Como foi o processo de seleção de artistas e obras que compõem o acervo permanente? Quais são os destaques da coleção?
Foi um processo ao longo da vida. Muitas das obras e dos autores presentes no acervo do museu foram fruto de encontros com criadores de todo o mundo e por isso têm sido a parte central da coleção, à qual também continuamos a acrescentar novas obras não só pelo processo de conhecimento direto dos artistas, mas também porque há a ideia de apresentar diferentes correntes artísticas na coleção.

O museu abriu com uma exposição inédita de Christo & Jeanne-Claude. Que outros artistas você gostaria de expor?
A exposição inaugural marcou um pouco a linha expositiva do museu, envolvendo artistas mundialmente conhecidos cujas obras foram marcantes para o século XX. Quanto a outros artistas que gostaria de expor, são muitos. Por exemplo, Iberê Camargo, que conheci pessoalmente, Julio Le Parc, um grande criador, Guillermo Kuitca, Lucho Fontana e uma lista muito longa de grandes artistas que contribuíram com sua criatividade e seu sentido de maior penetração para a cultura mundial.

O MACA é o primeiro museu dedicado à arte contemporânea no Uruguai. Como avalia o impacto da sua abertura no contexto das artes da região?
O impacto já é imenso devido ao projeto, que é de um extraordinário arquiteto uruguaio. E também por muitas das obras que estão presentes na coleção do museu. Acredito que o MACA terá um grande impacto na divulgação da arte uruguaia por meio de seus visitantes, em nível regional e internacional.

Ele é um grande atrativo para o turismo tanto do ponto de vista das exposições quanto do seu ambiente natural. Quais são seus planos para o futuro?
O museu é uma atração turística e cultural não só para os cidadãos que vivem no país, mas também para os visitantes estrangeiros. Uma parte importante desse complexo cultural é o seu ambiente natural: um parque de 40 hectares, onde se destaca o monumental Parque de Esculturas. O fato do museu estar em um local descentralizado, cercado de pássaros, plantas e fauna nativa, faz dele um passeio para toda a família. O que atrai não é apenas a parte interna do museu, mas igualmente a parte externa. O plano para o futuro será continuar acrescentando obras de diferentes artistas de todo o mundo ao Parque de Esculturas.



Os extensos jardins da Fundação Atchugarry e do Parque de Esculturas se relacionam com o MACA

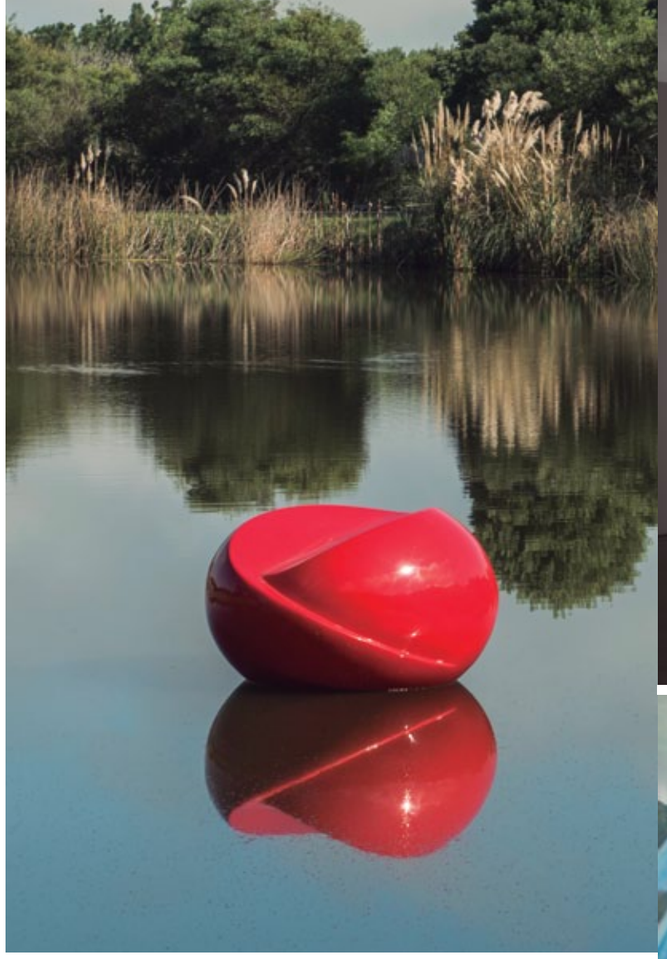
ARTES COMBINADAS
Para completar a extensão e a riqueza desse jardim, com seus espelhos d'água e suas colinas no horizonte, os prédios que compõem o complexo do museu, assinados pelo arquiteto uruguaio Carlos Ott, amigo de Pablo, impressionam pela beleza das formas onduladas moldadas em eucalipto-rosa e eucalipto-grandis.

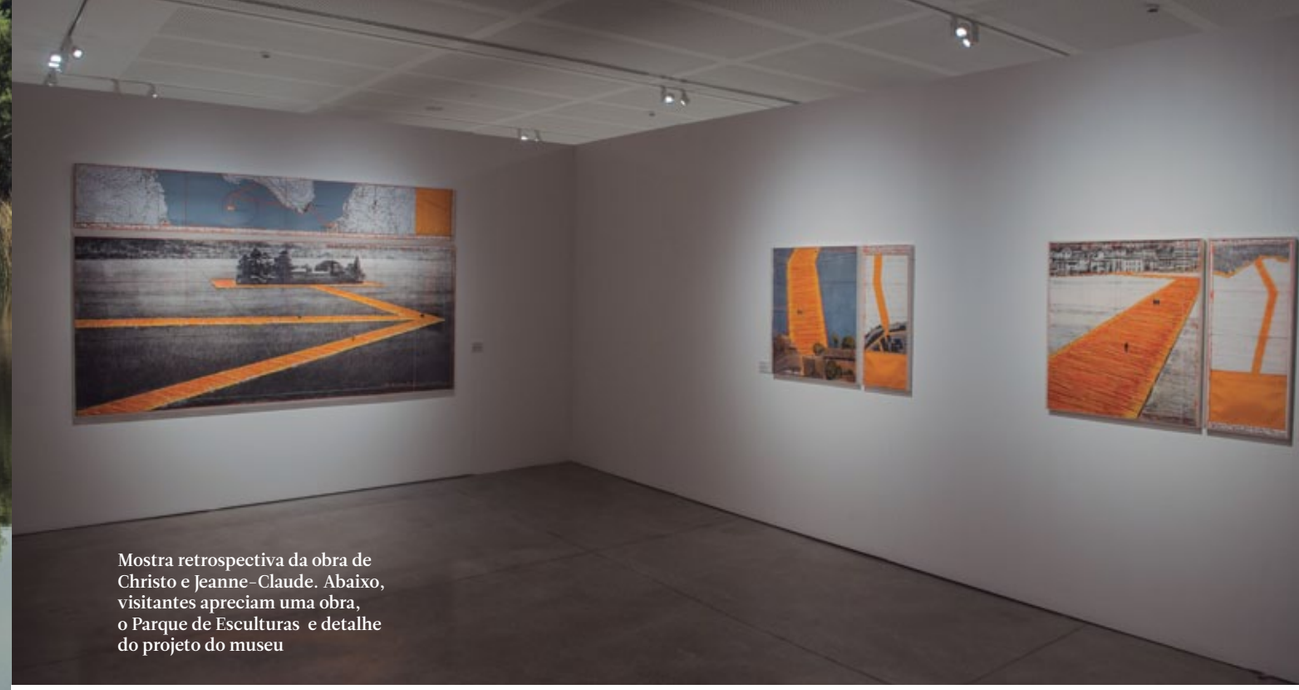
Também nascido em Montevidéu, assim como Torres García e Atchugarry, Ott é mestre em arquitetura e desenho urbano pela Washington University, School of Architecture em St. Louis, EUA. Depois de iniciar a carreira com trabalhos na Geórgia e na Costa Rica, ele mudou para o Canadá, onde abriu seu próprio escritório, em 1983, mesmo ano em que foi escolhido para projetar a Opéra Bastille, em Paris – um trabalho que expandiu sua arquitetura para Europa, Oriente Médio, Ásia e América do Sul. Hoje sua obra é reconhecida e premiada não apenas no Uruguai, mas também em países como Argentina, França e Estados Unidos.

Para o conjunto, o arquiteto apostou em uma espetacular estrutura de madeira laminada, com curvaturas variadas, aliada a elementos metálicos, vidro, concreto e tijolo. Além do museu, que conta com quatro salas de exibição, auditório, café e restaurante, Carlos assina o anfiteatro, teatro e área externa, que servem de palco para o Arca, um festival internacional de cinema com foco nas artes visuais e na produção latino-americana.

O MACA acrescentou 5500 m² de arte contemporânea à Fundação Pablo Atchugarry



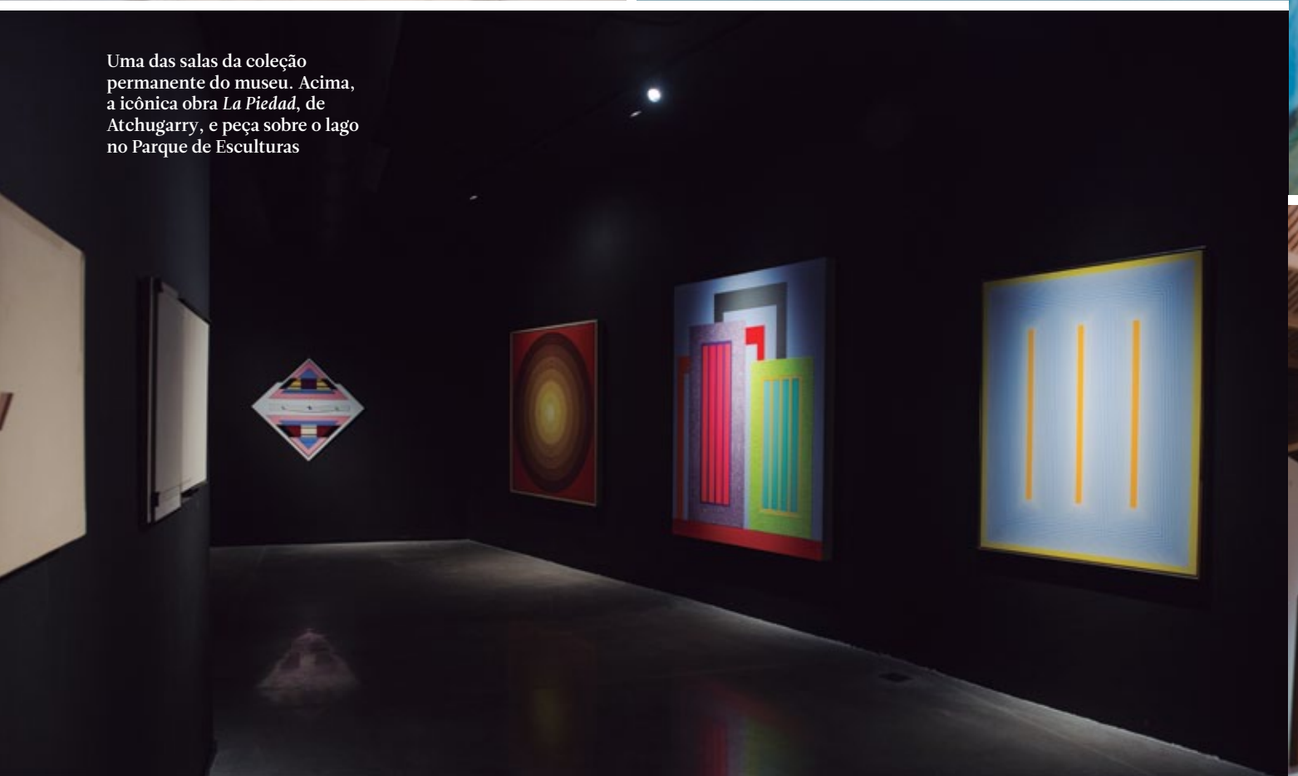




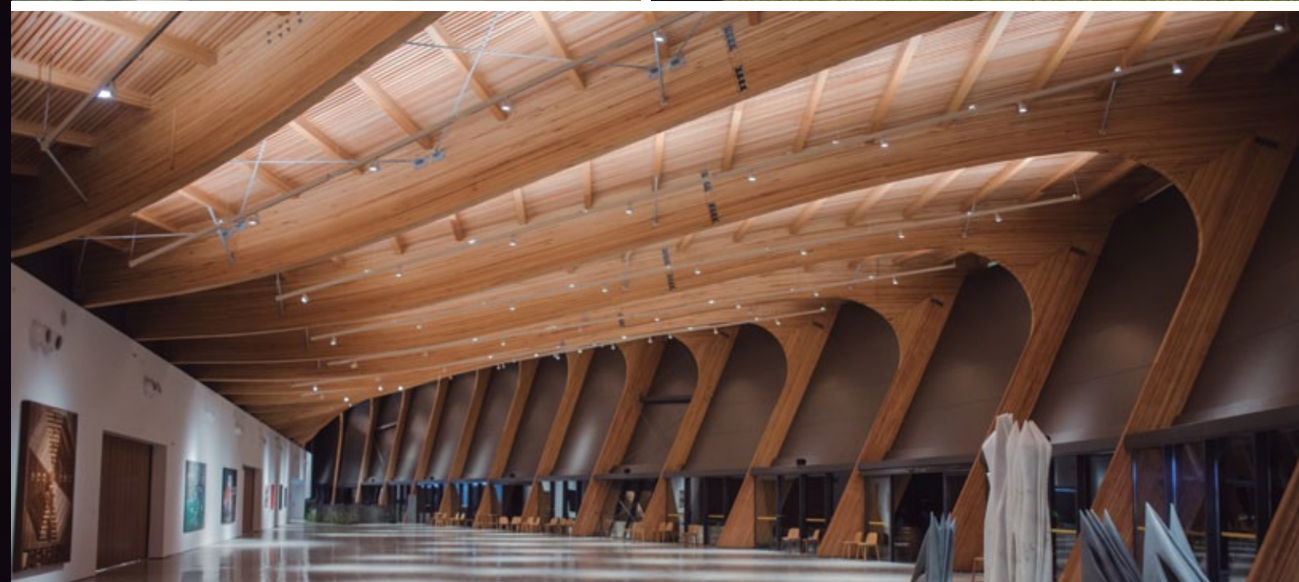
Mostra retrospectiva da obra de Christo e Jeanne-Claude. Abaixo, visitantes apreciam uma obra, o Parque de Esculturas e detalhe do projeto do museu



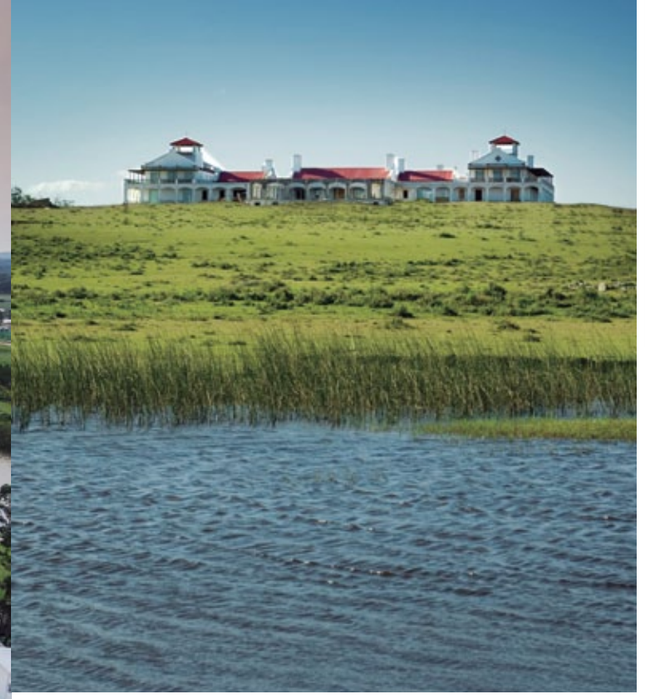


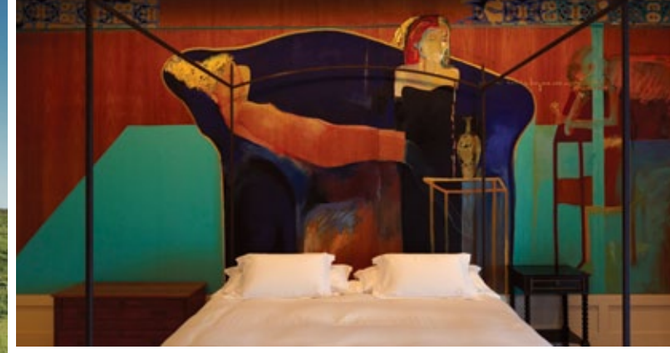


Uma das salas da coleção permanente do museu. Acima, a icônica obra *La Piedad*, de Atchugarry, e peça sobre o lago no Parque de Esculturas











Toda essa estrutura nasce de um sonho de Pablo: criar um espaço para abrigar e expor sua coleção de pinturas e esculturas, que inclui mais de 50 obras de artistas latino-americanos e europeus, como Julio Le Parc, Carlos Cruz-Diez, Ernesto Neto, Carmelo Arden Quin e, claro, Joaquín Torres García, entre muitos outros. Além disso, o museu também recebe exposições temporárias. Na abertura, uma retrospectiva internacional da obra do casal de artistas Christo e Jeanne-Claude, nomes de destaque nas categorias *site-specific* e *land art* e famosos por suas instalações, como S*urrounded Islands* (1983) e *L'Arc de Triomphe Wrapped* (2021), exibiu pela primeira vez na América do Sul uma coleção de mais de 50 obras (fotografias, desenhos, colagens e projetos), emprestadas por familiares e colecionadores particulares.

No final dos anos 1970, depois de ter participado de uma série de exposições coletivas em Montevidéu, Buenos Aires, Porto Alegre e Brasília, Atchugarry fez uma longa viagem pela Europa para estudar e aprofundar seus conhecimentos e suas técnicas artísticas. Na Itália, realizou a primeira mostra pessoal, na cidade de Lecco, em 1978. Mais tarde, ele expôs pinturas em cidades como Milão, Copenhague, Paris, Chur, Bérgamo e Estocolmo.

No ano seguinte, depois de experimentar diversos materiais, ele descobriu a elegância do mármore e o escolheu como a sua principal matéria-prima. Em 1987, realizou sua primeira exposição individual de esculturas em Milão, na Cripta del Bramantino, com curadoria de Raffaele de Grada. Doze anos depois, o artista inaugurou o Museu Pablo Atchugarry, que abriga trabalhos criados ao longo de sua carreira, bem como a documentação bibliográfica e o arquivo de toda a sua obra. Um dos passos fundamentais para que o artista chegasse até aqui. Atualmente, Atchugarry vive e trabalha entre Lecco, na Itália, e Manantiales, no Uruguai, onde se dedica ao ensino e à divulgação da arte latino-americana, à fundação, ao Parque Internacional de Esculturas Monumentais e, agora, ao MACA.

ESTANCIA VIK JOSÉ IGNACIO
A apenas 20 minutos do agito de Punta Del Este, a região litorânea de José Ignacio é palco do Estancia VIK, hotel cheio de personalidade que levou um novo *savoir-vivre* aos pampas uruguaios. A ampla propriedade em estilo colonial espanhol, onde cavalos pastam soltos, criando um ar verdadeiramente bucólico, é também lugar para celebrar a arte uruguaia. Além de uma imensa escultura de Pablo Atchugarry no *lobby*, o hotel é repleto de obras e peças de artistas nacionais, que também assinam a decoração dos ambientes, cada qual com sua originalidade. Todos os quartos levam o nome dos artistas que os decoraram. A gastronomia autêntica do Uruguai encontra lugar no El Asador, com carnes sempre servidas no ponto certo, enquanto o Zodiaco en Bahia celebra a cozinha casual – há ainda o La Susana e o Cielomar en Playa Vik, que ficam um pouco afastados, fazendo as vezes de *beach clubs* do hotel. Todos utilizam ingredientes orgânicos e sazonais provenientes do próprio VIK ou de produtores locais.

Acima, a arquitetura clássica de uma *hacienda* da sede do Estancia VIK José Ignacio, um dos quartos do hotel e o restaurante El Asador. Na página ao lado, panorama sobre o complexo do museu

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*



ESPORTE

ARGENTINA
PLENA E EXTREMA

Desbravar a região norte do país, em uma roadtrip *intercalada por* trekkings *de diferentes níveis, revela uma nova face de uma paisagem árida, feita de cerros, lagos, vales, um deserto de sal, vinhas e da rica herança da cultura pré-colombiana*

POR FLAVIA VITORINO
FOTOS NIBEK E GABRIEL NUNEZ





Pode ser que o súbito encanto causado pelas paisagens desérticas venha do mistério de suas formações. Ou do assombro de nos compreendermos ínfimos diante de sua grandiosidade. Mas a percepção desse espetáculo natural vai muito além disso. As áreas desertas são silenciosas, vazias, indomáveis, escassas, imprevisíveis e imponentes. Caminhar por elas exige entrar em contato com alguns melindres internos que podem aflorar. É preciso desafixar os sentidos: por muitas vezes, não há uma rota traçada ou uma referência visual. É só a leitura dos ventos, do sol e da areia – que muda a cada dia – e de ferramentas quase aposentadas, como a bússola. E tudo em profusão: calor, frio, areia, sal, gelo, belezas e um céu, ah, um céu de arrancar o fôlego.

Muito embora as paisagens áridas não façam parte da percepção primária dos brasileiros sobre a Argentina, que costuma ser lembrada pelas montanhas de picos nevados dos Andes, pelos lagos glaciais, pelas pradarias nos Pampas do sul e, claro, pelo agito da capital, Buenos Aires, é nela que se descortina a aventura sem precedentes que você vai ler a seguir.

Como consequência de sua posição latitudinal tão distinta, a Argentina é lar de extremos. Vai desde áreas muito baixas, como a Laguna del Carbón, na província de Santa Cruz, que fica 105 m abaixo do nível do mar (um dos pontos mais baixos do planeta), até o Monte Aconcágua, em Mendoza, de 6.962 m de altura, o ponto mais alto do Hemisfério Sul.

Extrema na altitude, no clima e nas paisagens, a região norte do país se estende pelas províncias de Salta, Jujuy, Catamarca, Tucumán e Santiago del Estero, todas muito próximas às fronteiras do Chile e da Bolívia. Salta e Jujuy são as duas mais extremas, e a partir delas fica mais rápido cruzar para a Bolívia do que voltar para a capital argentina. A região era parte do Império Inca na época da colônia. Era por ali que passava a prata extraída do Cerro Rico de Potosí, a maior mina da Bolívia, em direção a Buenos Aires, e de lá para a Espanha. Mas isso não apagou a influência da cultura indígena andina, que sobreviveu aos séculos de colonização hispânica. Parte da população local ainda adora a divindade Pachamama e mantém vivas suas línguas e suas tradições.



Cactos da espécie *cardón* no Parque Nacional Los Cardones. Na página ao lado, as formações rochosas pelas estradas de Cachi e Cafayate

Desertos de sal tão brancos que mais parecem neve, montanhas esculpidas pelo vento nos mais variados formatos e marcadas por um arco-íris de cores, cactos gigantescos e dezenas de ruínas de civilizações pré-colombianas são um preâmbulo da paisagem arrebatadora das caminhadas, uma proposta obrigatória de quem visita a região e vai, inevitavelmente, se ver inundado pelo silêncio e pela exuberância natural.

CULTURA INTACTA EM SALTA

A cidade de Salta é a capital da província que leva o mesmo nome. A maior cidade do norte do país pode ser o ponto de partida de uma expedição de dez dias, entre *roadtrip* e *trekkings* em regiões distintas. Além de ter voos saindo de São Paulo, com uma rápida conexão em Buenos Aires, a cidade oferece uma programação mais tranquila antes das andanças, com muita história, arquitetura e vinho. Além dos antigos casarões, da Plaza Central e dos museus de arte, há o museu de Arqueologia de Alta Montanha, onde ficam as múmias ritualísticas incas encontradas no Pico Llullaillaco, de 6.739 m, na fronteira com o Chile.

Também uma próspera região vinícola, o lugar tem a seu favor o tempo seco, com cerca de 300 dias de sol por ano, e a altitude. Em termos de produção, claro que as vinícolas do sul saem à frente, mas os rótulos do norte possuem evidência e prestígio. A *torrontés* é a uva por excelência da região, com bons vinhos brancos, que podem ser degustados em variados programas de visita às bodegas locais.

PÉ NA ESTRADA – E NAS TRILHAS

Depois da ambientação cultural, histórica e enogastronômica, é chegada a hora da expedição. O ideal é dividir a programação em duas partes e, para ambas, será necessário alugar um veículo, de preferência um 4x4, ou contratar uma operação local que já possua veículos próprios.

A primeira rota pode durar em torno de cinco dias e sai de Salta em direção à província de Jujuy e seus arredores. É ali que estão os *trekkings* mais variados, podendo se converter em travessias com pernoites ou caminhadas diárias com retorno aos *pueblos* locais, cada dia em um diferente.

O Pueblo de Tres Cruces, um pequeno povoado do departamento Humahuaca, é a marca para o começo da trilha do Espinazo del Diablo, com destino final à Ponte del Diablo, uma formação rochosa gigantesca, que faz uma ponte entre um lado e outro de uma espécie de conjunto de pedras e covas de cores claras,

A Ruta Nacional 9 é marcada por vales, montanhas avermelhadas e muitas lendas



que estão acima dos 4 mil metros de altitude. A altitude elevada é, aliás, outro dos motivos pelos quais é preciso de pelo menos um ou dois dias de aclimatação em grandes cidades, como Salta e Jujuy, para evitar o famoso *mal de soroche* durante as caminhadas, um desafio maior do que as distâncias em si.

O visual realmente impressiona. Durante o caminho é possível ter uma visão de 360 graus de toda a região, avistando vulcões e parte da Cordilheira dos Andes, e as formações da Ponte del Diablo surgem como uma surpresa final. O trecho total desse ***trekking*** é de cerca de 16 km, porém é uma subida que se inclina em 800 m no último trecho. No mesmo dia pode-se incluir uma caminhada de mais 8 km até um local chamado Inca Cueva. Trata-se de uma espécie de caverna onde há pinturas rupestres incas de mais de 1,6 mil anos. A gruta tem 40 m de largura, 10 de altura e 5 de profundidade. No teto e nas paredes, há pinturas brancas, vermelhas e pretas, que formam figuras geométricas, animais e pessoas.

PUEBLOS E LENDAS

Continuando pela Ruta Nacional 9, Uquia é outro povoado, de apenas 500 habitantes, que fica em uma região formada por um grande vale, com mais de 150 km de extensão, que engloba várias outras cidades e vilarejos, como Tilcara, Purmamarca e Maimará. É em Uquia que fica a Quebrada de las Señoritas, uma região de grutas, cavernas, formações rochosas e montanhas tão avermelhadas que chegam a embaralhar os olhos. Segundo os locais, o tom vermelho tem uma história.

A lenda se refere às senhoritas incas que fugiram dos espanhóis levando ouro de Cusco, no Peru, e o esconderam em Uquia. Com a aproximação dos soldados espanhóis, elas decidiram se oferecer em sacrifício para Pachamama, que, em agradecimento, ergueu no lugar enormes picos e montanhas e lhes deu a cor vermelha em memória do sangue derramado. É um cenário como os dos filmes de John Wayne, feito em uma caminhada bem leve, sem subidas e muito contemplativa.

Na mesma região, prepare-se para admirar as inúmeras cores das montanhas do Cerro Hornocal e do Cerro de Catorce Colores, em Humahuaca, que ficam acima dos 4 mil metros de altitude. Essas subidas devem, idealmente, ser feitas em 4x4, seguidas de caminhadas para explorar o local e assistir ao pôr do sol.

DESERTO DE SAL

Situado na bela Ruta 52, que liga a Argentina ao Deserto do Atacama, está a área de Salinas Grandes de Jujuy, um deserto de sal a cerca de 3.450 m de altitude, que tem 320 km de largura. Em um cenário todo branco, as salinas são o resultado do acúmulo de sais minerais que descem da Cordilheira dos Andes. É possível explorá-lo a pé, pedalando ou de carro, mas é necessário (e obrigatório) a contratação de um guia local – a maioria deles são indígenas locais –, que controlam a entrada de turistas e também a extração de sal.

A caminhada sobre o salar é uma "viagem lisérgica". Um silêncio que só é quebrado pelo barulho dos passos, já que a sensação é de flutuar na paisagem. Além do sal, o deserto possui pontos chamados *ojos del salar*, piscinas naturais com águas em tons turquesa, que formam contrastes incríveis.

Para uma imersão ainda maior, é possível dormir nos domos aconchegantes do chamado Pristine Camps, um glamping cheio de estilo, que é também o único local para pernoite. O anoitecer convida a passeios sob um céu tão estrelado e tão límpido que possibilita avistar a Via Láctea. Fascinante.



Flavia Vitorino em *trekking* por Uquia. Na outra página, um par de vicunhas, animal típico da região

CAMINHAR É PRECISO

Vivenciar e andar pela natureza vem se tornando, a cada dia, mais urgente: uma necessidade vital para a mente e para o espírito. E viagens desse tipo servem para provar como os desafios e a chance de conhecer com profundidade um lugar completam o prazer de caminhar. É preciso fôlego e disposição, é verdade, mas a recompensa chega a cada passo, e nesse caso estamos falando do trajeto entre a cidadezinha de Tilcara e Calilegua, em Jujuy.

A travessia tem a duração total de quatro dias e 68 km, pernoitando em barracas e sacos de dormir e caminhando de seis a oito horas por dia, entre subidas e descidas e cenários que variam ao longo do percurso. A operação é feita por um grupo chamado Champaqui, que pode organizar saídas privadas ou em grupos.

NATUREZA PUNGENTE

Para a segunda parte da viagem, é preciso se deslocar através da Ruta 68, uma das estradas mais bonitas do país, que cruza enormes cânions e montanhas de coloração avermelhada e rochas curiosamente retorcidas, que formam uma paisagem bruta e árida à beira do Rio de Las Conchas, o segundo maior da Argentina. A estrada vai serpenteando por entre formações geológicas para a região da província de Salta, em uma alça que passa pelos pontos principais, que podem ser os locais de pernoite: as cidades de Cafayate e Cachi e o Parque Nacional de Los Cardones.

Cafayate, a 180 km de Salta, tem 12 mil habitantes e é conhecida pela produção vinícola, embora esteja na altitude mais baixa da região, a apenas 1.600 m de altitude. Sua rota de vinhos é muito conhecida, esten-

Na Ruta 52 , o Deserto de Sal, onde ficam os *ojos del salar* (piscinas naturais em tom turquesa), oferece uma das paisagens mais belas da região



dendo-se até Molinos, cujos vinhedos atendem como os mais altos do mundo – a mais de 3 mil metros.

Pode-se optar por dois tipos de caminhada na região. A primeira é para explorar a Bodega El Esteco, que fica a apenas 3 km do centro da cidade, em uma grande mansão colonial, com uma vista para jardins, *fincas* e montanhas. A bodega é uma das mais premiadas da Argentina (e do mundo) e mantém um hotel em suas instalações: o prestigiado Patios de Cafayate é um cinco estrelas entre os melhores da província.

A segunda opção explora os entornos do Rio de Las Conchas e as formações mais curiosas, chamadas de Garganta del Diablo, Los Castillos, El Obelisco, El Fraile, El Sapo e Las Ventanas, entre outras. O Anfiteatro – uma abertura enorme, com um curioso efeito acústico – é a mais impressionante.

Seguindo pela Rota 40 em direção ao povoado de Cachi, o ponto alto é o Monumento Natural de Angastaco, na Quebrada de Las Flechas. Suas origens remontam a 15 ou 20 milhões de anos, e ele é formado por um lago que já não existe. Nesse período, placas tectônicas se levantaram e, com a ação do vento e da chuva, criaram as formas pontiagudas que se avistam hoje. Esses acidentes geológicos podem ser apreciados por vários quilômetros ao longo da estrada.

O último *trekking* da viagem fica em uma paisagem de cactos da espécie *cardón:* trata-se do Parque Nacional Los Cardones. Ele fica no Valles Calchaquíes, numa área plana, com caminhos demarcados para se percorrer entre os cactos. Foi criado em 1996 e abrange uma área de 64 mil hectares, que abrigam vários ambientes das ecorregiões: os Andes Altos, a Puna, a serra de montanhas e bolsões e até mesmo um setor com pastagem de nevoeiro, típico da região de Yungas.

Durante a caminhada, que tem vários percursos – o maior deles com 17 km –, é possível explorar o Vale Encantado, no setor mais íngreme da Cuesta del Obispo, e a Piedra del Molino (3.348 m acima do nível do mar, e um marco na história da região). Ali há vestígios paleontológicos importantes, como pegadas de dinossauros com 70 milhões de anos e pinturas rupestres, que são objeto de estudos científicos. Embora existam outras espécies de cactos na Argentina, a *cardón* é a mais típica. Seu uso pelo homem andino tem especial importância para as diferentes culturas que habitam a região.

Caminhar por destinos remotos dá acesso a nossas raízes. Desacelerar, reorganizar as ideias, refletir, ampliar a visão de tudo que nos cerca e questionar nosso tamanho e importância no mundo são alguns dos ensinamentos. É um tempo precioso, que pode mudar para sempre uma vida. Andar e conhecer os cantos do planeta que habitamos é quase sempre sobre a viagem e o percurso, e muito raramente apenas sobre o destino final.





HOUSE OF JASMINE

Salta, cujo significado é "beleza" no idioma quéchua, não poderia ser o destino mais adequado para abrigar o elegante House of Jasmine. Aos pés da Cordilheira dos Andes, o hotel, que leva chancela da rede Relais & Châteaux, é intimista, embora ocupe uma enorme propriedade cercada de muito verde, entre árvores centenárias preservadas. São apenas 14 quartos, separados em três casas, um restaurante de cozinha orgânica, com assados suculentos e produtos direto da horta para a mesa, e um spa de espaço abundante. Entre as medidas de sustentabilidade, o House of Jasmine prioriza fornecedores locais e ainda abre espaço para que artistas de Salta ou das cidades no entorno se apresentem no hotel. Além disso, incentiva os hóspedes a conhecerem a região de bicicleta.

Acima, a piscina e o terraço do intimista House of Jasmine. Na página ao lado, flamingos em uma laguna em Catamarca



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

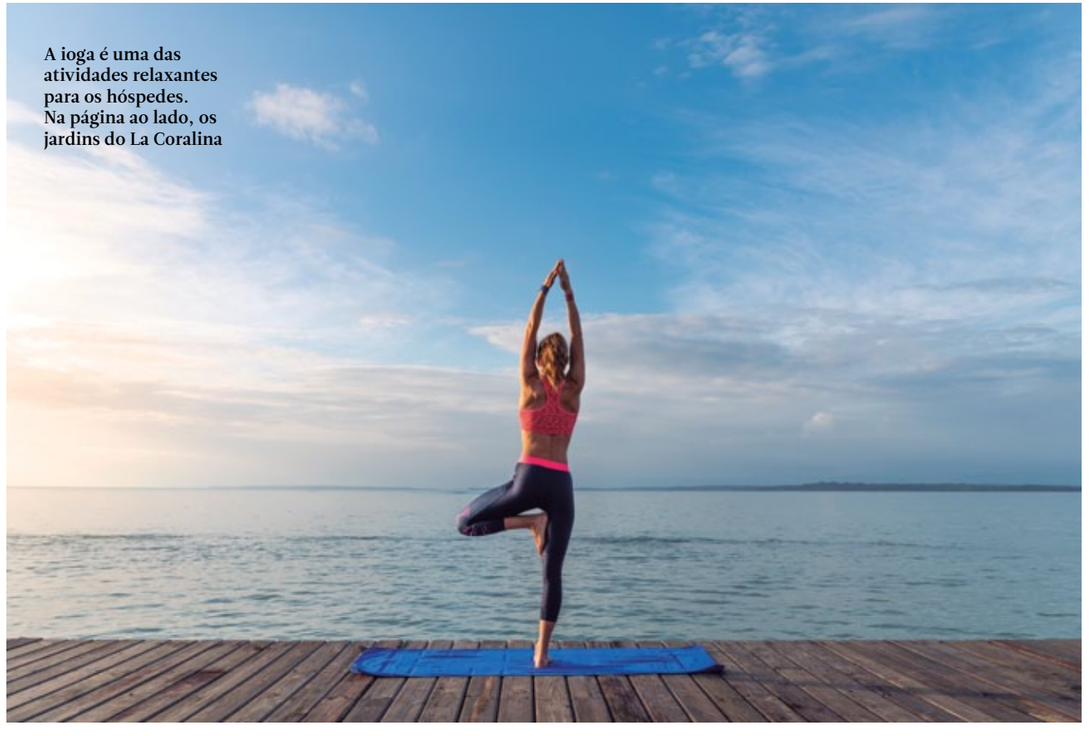
Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*

Bocas del oro

O La Coralina Island House surge como um destino para experiências de wellness *em comunhão com a natureza intocada do Caribe panamenho*

POR MARJORIE LUZ





A ioga é uma das atividades relaxantes para os hóspedes. Na página ao lado, os jardins do La Coralina

A aterrissagem no Aeroporto Internacional de Tocumen, no Panamá, confirma que o país é um *hub* aéreo das Américas. Por ali, a maioria dos brasileiros está só de passagem. Mas o Panamá, muitas vezes subestimado como destino, espremido entre a Colômbia e a Costa Rica, reserva lugares surpreendentes àqueles que se propõem a fazer uma conexão mais longa – e profunda – antes de seguir viagem.

Um deles é Bocas del Toro, um arquipélago situado a uma hora de voo da capital, a Cidade do Panamá. Ainda da janelinha do avião é possível avistar o azul profundo do oceano, salpicado por grandes ilhas de vegetação abundante, ilhotas e *cayos*, circundados por águas claras e recifes de corais. Esse é o panorama do ainda pouco conhecido Caribe panamenho.

Com sete ilhas principais, Bocas detém uma rica biodiversidade, predicado que levou à criação do primeiro Parque Nacional Marinho do Panamá, declarado Patrimônio da Unesco. Hoje, a região é uma referência em ecoturismo. O destino é procurado especialmente por surfistas experientes, mas novos hotéis, como o La Coralina Island House, também têm revelado sua vocação para o bem-estar.

A chegada à Ilha Colón, a maior do arquipélago, exibe contornos rústicos e uma atmosfera relax. Situado a 10 km de carro do aeroporto, percorrendo uma estrada de terra que beira o mar, o La Coralina surge como um portal para dias de desconexão com o mundo lá fora.

INSPIRAÇÃO INDONÉSIA

Instalado entre a floresta tropical nativa e a Praia de Paunch, uma das favoritas dos surfistas que visitam a ilha, o La Coralina Island House tem foco total no bem-estar, sempre integrado à natureza.

O hotel, construído durante a pandemia, se ergue sobre um terreno inclinado e tem a arquitetura indonésia como inspiração – tema que emoldura as oito vilas e as 23 suítes, com jardins privativos ou varandas com vista para o oceano.

Esculturas de pedra de Bali e móveis antigos de Java, peças de arte e objetos de decoração com motivos asiáticos preenchem os diferentes espaços. Uma fonte central conecta toda a propriedade, emanando uma paz sem igual. Das vilas mais altas, o silêncio da noite é embalado pelo barulho do mar. Quem acorda para assistir o nascer do sol vê, antes mesmo dos primeiros raios, uma fila de surfistas à espera das ondas, que quebram com força em frente ao hotel.

Nos restaurantes do La Coralina, predominam hortaliças, peixes e frutos do mar frescos, em pratos da cultura local ou internacional, como os pokes havaianos, que se harmonizam muito bem com o ambiente. Comandado pelo chef executivo argentino Rodrigo Vazquez, o cardápio traz também uma boa variedade de cortes de carnes, com direito a parrillas, preparadas uma vez por semana na churrascaria aberta. Ingredientes típicos, como o cacau e o café – produtos de exportação do Panamá –, conferem um toque especial às diferentes receitas. O menu oferece ainda opções de pratos sem glúten e veganos para os hóspedes com restrições alimentares. No agradável Paunch Beach Club, a cerca de 100 m do hotel, são servidas refeições casuais e petiscos com vista para o mar.

COMPROMISSO VERDE

O La Coralina está situado na borda da Reserva Natural de Bocas del Toro. Comprometido com a preservação desse ambiente, o hotel cumpre as boas práticas sustentáveis em ações consistentes, como eficiência energética, *amenities* em embalagens reutilizáveis, o baixo impacto do uso de plástico e os tratamentos de resíduos orgânicos. Ele ainda desenvolve, em parceria com instituições próximas, a restauração e a recuperação de corais mortos ou em declínio. Uma equipe multicultural compõe o quadro de colaboradores, dos quais 90% são sa região. O hotel também fomenta a economia local, abastecendo seus restaurantes com ingredientes de pequenos produtores. Suas ações de responsabilidade social incluem a capacitação de profissionais e a integração e o atendimento de crianças de baixa renda.

BEM-ESTAR HOLÍSTICO

Quase escondido entre os jardins do hotel, o La Coralina Island Spa oferece um menu holístico elaborado pela austríaca Esther Aguero Carrasco-Gujer. Os cuidados incluem massagens relaxantes, reflexologia, tratamentos corporais e faciais, hidroterapia e diversos programas personalizados de educação sobre nutrição e bem-estar. Quatro salas de massagem, sauna e uma jacuzzi ao ar livre completam a estrutura do spa.

Os hóspedes são livres para escolher atividades da programação semanal, com aulas de ioga, pilates, meditação, alongamento e circuito aeróbico. Quem não se descuida do *shape* tem à disposição uma academia bem equipada, banhada de luz natural, e pode contar com a ajuda de um *personal*





Ao lado e abaixo, a sala de ioga do hotel. Na página ao lado, o mar azul-turquesa na Zapatilla Island, em Bocas del Toro



trainer. Ao redor do spa, duas trilhas convidam a caminhadas pela mata abundante e intocada.

Aqueles que buscam o bem-estar de maneira mais holística, com cuidados que abrangem a saúde física, mental, espiritual e social, podem apostar nas terapias alternativas. Uma delas é a biodescodificação, que visa desenvolver um novo olhar sobre a relação e percepção que temos do nosso corpo como um todo para alcançar o equilíbrio emocional, melhorando assim a saúde física.

Entre as abordagens voltadas para a saúde do corpo e da mente, o La Coralina também vem investindo em programas especiais, como retiros de bem-estar. O primeiro deles teve como instrutora Therese Skovgaard Poulsen, do Veda Wellness, com um protocolo que recebeu visitantes para sete dias de práticas de ioga e meditação, pranayama, alimentação balanceada e conversas sobre nutrição.

ENERGIAS RESTAURADAS

Um dos espaços mais acolhedores da propriedade, o estúdio de ioga, por si só, emana tranquilidade. Trata-se de um pavilhão de madeira rodeado pela mata, construído suspenso sobre um fosso, que, para respeitar o terreno, foi preenchido com pedras de quartzo branco, obsidiana e ametista, com comprovados benefícios energéticos.

Após a viagem até Bocas del Toro, uma boa pedida para desacelerar é se render a uma sessão de reflexologia. A técnica de massagem e pressão em pontos específicos dos pés ajuda não só a desestressar, mas também a melhorar a circulação sanguínea em todo o corpo. Quando realizada no deque de ioga, o estado de relaxamento é alcançado graças à combinação das mãos habilidosas das terapeutas, a óleos aromáticos e à trilha sonora de pássaros e macacos que habitam a floresta.

No La Coralina, a saúde física e mental é tratada de maneira holística

A meditação guiada por estímulos de sons talvez seja uma das experiências mais surpreendentes. Deitados no pavilhão, os hóspedes são submetidos à vibração de instrumentos, como tambores, gongos e sinos. Um som, no entanto, é constante: a frequência solfeggio 174 hertz – uma música com poderes terapêuticos. "A faixa 174 trabalha para levar ao profundo relaxamento. Chama-se estado alfa: um estado entre a consciência de estar acordado e o dormir", explica o instrutor especializado Gustavo Villamor. "Depois segue outra frequência, trabalhando todas as suas sombras, tirando seus medos, dores e culpas." Não há preocupação que ouse atravessar sua mente durante a sessão. Nesses tempos, em que vivemos saturados pelos ruídos da vida moderna, entrar em um estado onírico é revitalizante.

TESOUROS DE BOCAS DEL TORO

A descoberta das belezas naturais de Bocas del Toro arremata as vivências de bem-estar. O La Coralina organiza diversos passeios e









Acima, estrelas-do-mar são abundantes no Caribe panamenho, e prato do Paunch Beach Club, do La Coralina

Acima, um dos quartos e a varanda da mesma vila

experiências pela região. O *beach club* do hotel é base para atividades como *stand-up paddle*, kitesurfe, surfe, mergulho e *snorkeling*, além de caminhadas para a observação da fauna. Bicicletas ficam à disposição para que os hóspedes visitem as praias mais próximas, como a Playa Bluff, famosa pelas altas ondas e pelos esforços de proteção das tartarugas marinhas.

Zarpando do porto da Ilha Colón, duas embarcações do La Coralina navegam rumo aos principais atrativos do arquipélago. A primeira, um barco de três motores, leva os viajantes até um irresistível mergulho no Cayo Zapatilla, uma ilha estreita banhada por um mar verde-esmeralda de ondulações suaves, situada no Parque Nacional Marinho Ilha Bastimentos. Ao norte de Colón, surge a Ilha dos Pássaros, um afloramento rochoso onde se observa a dança de diversas aves marinhas. Nessa pequena floresta, circulam espécies como andorinhas-do-mar, fragatas, cagarras, gaivotas e graciosos rabos-de-palha-de-bico-vermelho. Em dias de águas calmas, é possível fazer *snorkeling* em seus arredores.

Uma das navegações mais especiais acontece a bordo do monocasco *Don Juan*, um elegante veleiro de cerca de 30 m, que acomoda até seis hóspedes e três tripulantes. Saindo no meio da tarde, ele conduz os viajantes até a Playa de las Estrellas, cujas águas transparentes permitem observar as abundantes estrelas-do-mar. O retorno, sempre com o mar intercalado pela vegetação das ilhas no horizonte, é acompanhado por um pôr do sol inspirador.

O combo de autocuidado com imersão nos belos cenários de Bocas del Toro vale, certamente, a conexão no Panamá – e não apenas para esticar as pernas entre um voo e outro, mas também para se reconectar consigo mesmo.

A jornalista viajou pela Copa Airlines.
copaair.com
@copaairlines
facebook.com/CopaAirlinesBrasil

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*



C6BANK | mastercard

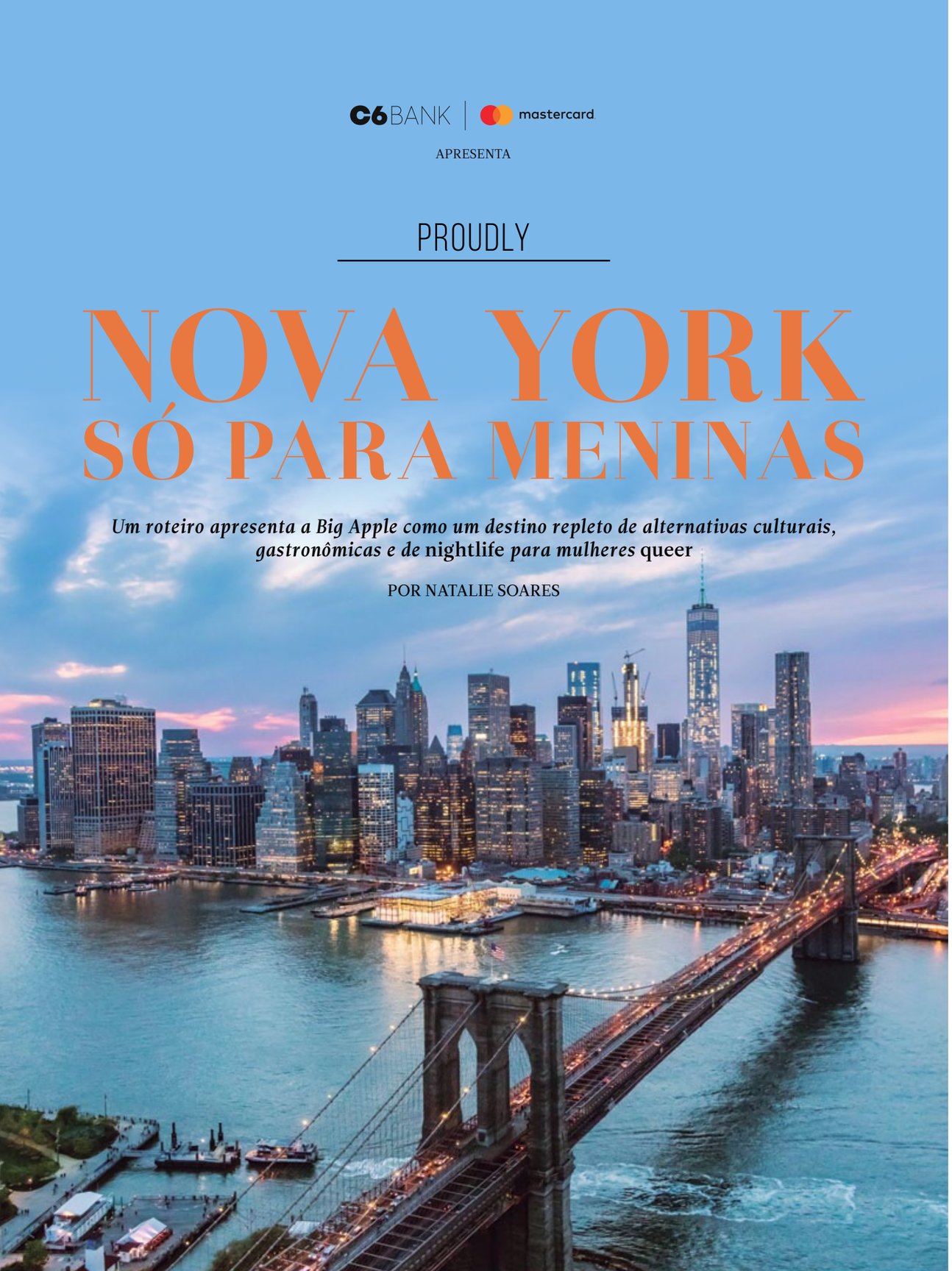
APRESENTA

PROUDLY

NOVA YORK SÓ PARA MENINAS

***Um roteiro apresenta a Big Apple como um destino repleto de alternativas culturais, gastronômicas e de* nightlife *para mulheres* queer**

POR NATALIE SOARES



Nova York habita o imaginário da comunidade LGBTQIA+, assim como a Califórnia, de uma maneira muito especial: seja por ter abrigado momentos históricos da nossa luta, seja por ser dona de uma das paradas mais famosas do mundo.

E o que a cidade tem de tempero que a faz diferente de São Paulo ou São Francisco? Com a missão de montar um roteiro de Nova York para lésbicas, passei uma semana por lá, deixando meu Google Maps e meu bloco de anotações ainda mais cheios de arco-íris. Encontrei um destino que não esquece suas marcas do passado e não deixa de brindar o futuro. Um futuro cada vez mais *queer*.

MOVIMENTO E HISTÓRIA

A região de West Village e Greenwich Village é considerada o coração da vida *queer* em Manhattan e da luta pelos direitos civis da comunidade LGBTQIA+. É lá que ficam o Stonewall Inn, o bar que foi o epicentro da revolta que leva esse nome, o Christopher Park, palco de muitos protestos do movimento, e os dois tradicionais bares lésbicos de Nova York: o Cubbyhole e o Henrietta Hudson.

Já o East Village e o Chelsea concentram lojas criativas, restaurantes charmosos e todos aqueles cenários de série que nos são tão familiares, principalmente quando começamos a caminhar pelo High Line Park.

Para um passeio diferente no Soho, vale conhecer o Leslie-Lohman Museum of Art, um centro cultural que preserva a memória de artistas LGBT. As exposições são temporárias e exploram conversas sobre o universo da arte e de direitos civis. O espaço é pequeno, mas as obras expostas são do tamanho do nosso mundo.

Boa notícia vindo por aí: nos próximos anos, devemos conhecer o primeiro museu norte-americano dedicado à história da comunidade LGBTQIA+. O American LGBTQIA+ Museum será construído na Sociedade Histórica de Nova York, no Central Park West, e as obras devem começar em 2023.

Cruzando a ponte para o Brooklyn, uma caminhada despretensiosa por Williamsburg, o bairro mais *hipster* e criativo da região, sempre rende um programa bem gostoso. E não dá para terminar um roteiro por lá sem falar sobre a Lesbian Herstory Archives. Essa biblioteca abriga a maior coleção do mundo de livros e todo tipo de material textual sobre a comunidade LGBTQIA+. Ela costuma oferecer um tour guiado pelo espaço, mas é preciso entrar em contato com antecedência (por e-mail).

Mais distante de Manhattan, em Staten Island, fica a Alice Austen House. Alice, que nasceu em 1866, foi uma fotojornalista e documentarista que marcou sua geração por ser uma das primeiras mulheres a trabalhar fora de um estúdio. E foi ali que viveu ao lado de sua mulher, Gertrude Tate, até o final de sua vida, em 1958. Foi uma das LGBTs pioneiras da nossa história.



A Little Island é destaque na Big Apple. Na outra página, vista de Manhattan e a Brooklin Bridge









Em sentido horário , vitrine do Stonewall, uma sala do Leslie Lohman Museum, a Mcnally Jackson Books e arte de rua no Brookyn

ONDE O PINK MONEY FAZ A FESTA

McNally Jacksoon Books: na área revitalizada de Seaport, essa livraria abriga diversas prateleiras cheias de livros com temática gay que talvez nunca sejam lançados por aqui. Depois de muito pesquisar, o clichê nunca falha: quem resiste a um bom romance?

Bluestockings Cooperative: o lugar funciona como uma cooperativa e um espaço comunitário que valoriza as obras produzidas por mulheres LGBT. É um endereço diferente para quem busca uma literatura mais densa.

Lockwood: uma loja gracinha, do tipo que a gente entra só para olhar e sai carregada de sacolas com coisas vindas do fabuloso mundo do Pinterest. Fundada por um casal de lésbicas, a butique inaugurou uma nova unidade em Williamsburg, o coração criativo do Brooklyn.





Acima, fachada do bar Henrietta Hudson e entrada da boate Cubbyhole

PARA DRINQUES COLORIDOS E BONS PAPOS

Cubbyhole: desde 1994, o Cubbyhole é um dos lugares mais emblemáticos para a mulherada *queer* e fica perto do Chelsea Market. Oferecendo drinques deliciosos e com uma decoração peculiar, cheia de cacarecos pendurados nas paredes, é pequeno e vive lotado.

Henrietta Hudson: aberto em 1991, ele é o equivalente ao Danna's Bar da série *The L Word: Generation Q* e serve até para quem quer dançar ao som de Anitta. É o bar lésbico mais famoso de Manhattan e, quiçá, de Nova York.

Stonewall Inn: o Stonewall Inn é muita coisa ao mesmo tempo: uma instituição histórica, um bar e um espaço para noitadas de karaokê e sinuca. Dispensa apresentações.

House of Yes: no Brooklyn fica a balada House of Yes, que só pelo nome prometia ser a noite mais incrível da minha viagem. Para meu azar, acabei numa festa meio hétero top pagando de desconstruído. Se você busca uma balada lésbica em Nova York, confirme a programação para não perder a viagem, como aconteceu comigo.

Ginger's Bar: outro endereço clássico em Nova York, o Ginger's fechou e foi reaberto no último ano. Fica no Brooklyn e, ao lado do Cubbyhole e do Henrietta Hudson, fecha o trio dos bares mais tradicionais de Nova York.



ENSAIO

FESTA BRASILEIRA

Akira Cravo apura suas lentes para a cultura popular ao produzir cor, movimento e emoção por meio de suas imagens

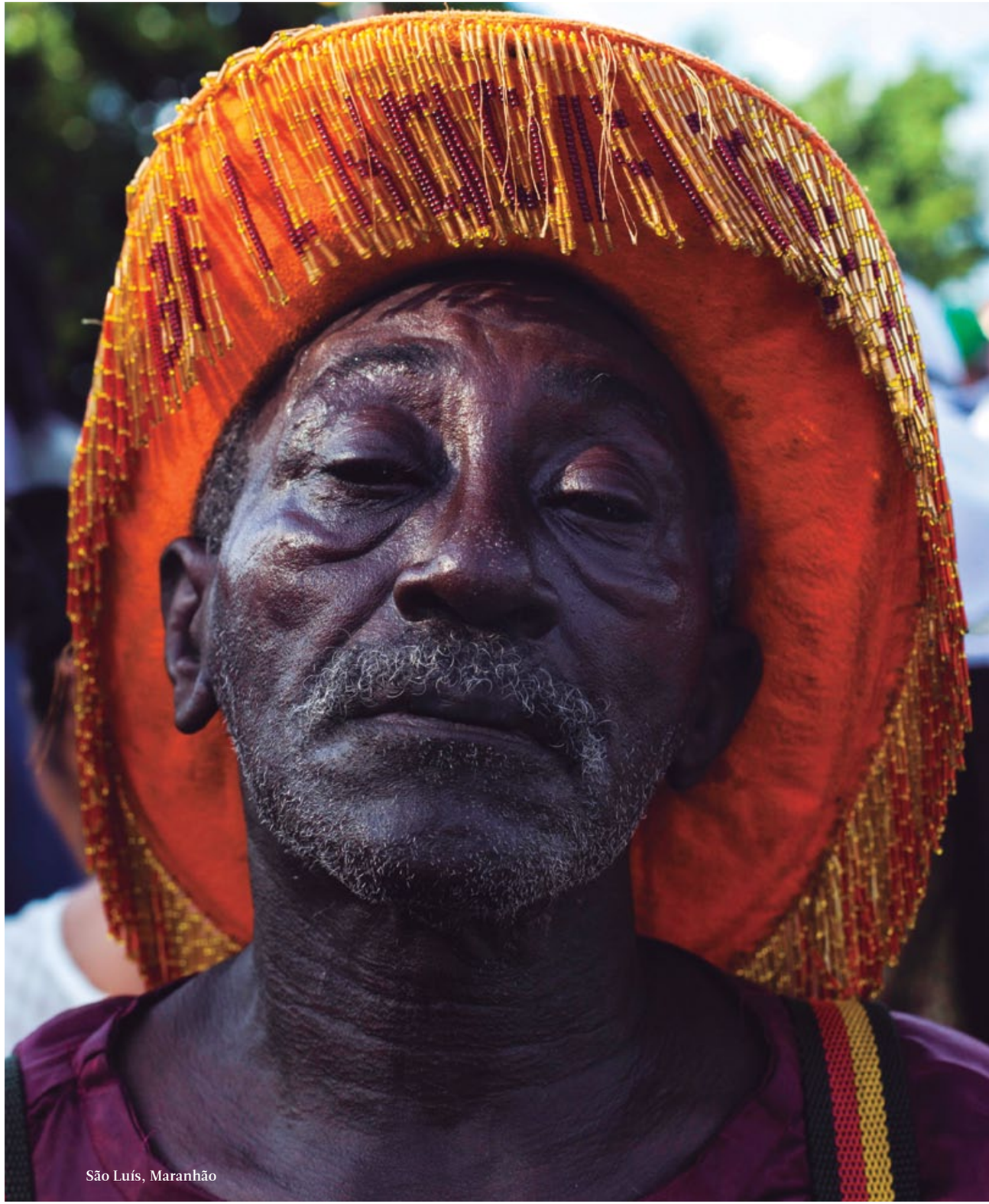
Ilha de Itaparica, Bahia



Santo Amaro da Purificação, Bahia



São Luís, Maranhão



São Luís, Maranhão



São Luís, Maranhão



São Luís, Maranhão



São Luís, Maranhão

Akira Cravo tem a arte no DNA. Neto do renomado escultor baiano Mario Cravo Júnior e filho do famoso fotógrafo (e também escultor) Mario Cravo Neto com a artista plástica Angela Cunha, Akira nasceu em um ambiente que propiciava criatividade e liberdade de expressão.

Foram muitas as influências. Tanto que, até se decidir pela fotografia, ele transitou entre a pintura e a escultura, sempre como autodidata. Foi seu pai, pouco antes de falecer, em 2009, quem o incentivou. "Era meu aniversário, e eu queria um par de óculos escuros. Ele me deu uma câmera cybershot pequenininha. Na época, não entendi, mas foi isso que fez aflorar minha intuição, fotografando a natureza macro na casa dele, no sítio onde morei e na minha casa em Piatã, em Salvador. Enquanto ele estava no tratamento do câncer, trocávamos e-mails das fotos e de músicas, que eram nossas paixões", relembra.

Hoje, aos 31 anos, Akira tem um trabalho consistente, baseado nos valores e nas referências que colecionou desde muito cedo. "Não tenho como negar que é a minha família, até hoje, a grande carga emotiva e evocativa que carrego nas costas", diz ele, que também trabalhou com nomes como J. R. Duran e Araquém Alcântara durante sua formação.

Renunciando a modismos, Akira se vê em constante fase de construção, embora o objeto de suas lentes seja muito bem definido: a cultura popular brasileira, em especial a baiana, são suas imagens mais constantes. "Retratar o que poucos veem. Esse é o meu maior prazer", explica ele, que já teve trabalhos exaltados em exposições individuais e coletivas em importantes centros culturais, como no Museu Afro-Brasileiro de São Paulo, na Galeria Lume, na Art Lima Peru e no Museu de Arte Moderna da Bahia, além de manter uma mostra permanente no Fera Palace Hotel, em Salvador. Este ano, ele estará no MedPhotoFest Italia, em exposição coletiva na Sicília.

A CAPITAL DO MUNDO

ESTÁ DE VOLTA





Roma, soberana na história mundial, ressurge como meca gastronômica com pratos genuínos, nos quais o destaque é a tradição

POR LETICIA ROCHA
FOTOS SOLANGE SOUZA

Carbonara, cacio e pepe e amatriciana estão na moda. A lista, que tem causado frisson nos foodies pelo mundo, vai além e inclui também pecorino, guanciale, gricia, pizza "quadrada", porchetta, suppli, tiramisù...

Tal burburinho, claro, aportou por aqui nos últimos anos e dá até para dizer que é a bola da vez no meio gastronômico. Para quem ainda tem dúvida disso, basta abrir as redes sociais e ver o poder instagramável de tais especialidades nos perfis de chefs, restaurantes, influencers, cozinheiros amadores e afins.

Existe paralelo entre elas? Ou são apenas receitas aleatórias sem conexão alguma? O sim é uníssono para a primeira questão: todos representam a alma de Roma!

O curioso, em tempos de modismos e invencionices culinárias, é ver que esses clássicos transbordam autenticidade, são rústicos e levam poucuíssimos ingredientes – quase sempre o que o italiano tem em casa, como pasta, queijo, o embutido de porco, molho de tomate e mozzarella. Ou o que o romano, ou quem mora na cidade, come quando está na rua.

Também não há rodeios na decoração, e tampouco descrições gigantescas do cardápio – isso, claro, quando estamos na capital da Bota, já que a gastronomia italiana é uma das que mais veem sua cozinha tradicional se dissociar e ganhar versões (bastante polêmicas) pelos quatro cantos do globo.

COZINHA SIMPLES E GENUÍNA

"A primeira característica fundamental da cozinha romana é ter uma personalidade toda sua, com predileção por coisas genuínas e simples. Portanto, qualquer tentativa de complicação culinária internacional é descartada com clara recusa", descreve, categórico, Giuliano Malizia nas três primeiras linhas de seu livro *La Cucina Romana e Ebraico-romanesca* (Newton Compton Editori, 2001, sem edição no Brasil). "É uma grande dificuldade para a gente porque os meios, as pessoas e o mercado vivem instigando as receitas fantasiosas e megacriativas", pontua ele, que, apesar de usar o termo "romana", alerta que, se formos puristas ao extremo, a denominação correta é chamá-la de romanesca. Aqui, um parêntese se faz necessário para explicar as diferenças: a "romana" é tida como a cozinha da Roma imperial e a "romanesca" é a que foi se formando depois, até os dias de hoje.

E eis que chega mais um paradoxo, esse do bem, e ajuda a mostrar que as pessoas já não se convencem tanto com as firulas, o *fusion*, as tantas novidades. Sserá essa a nova realidade depois de todo o caos que o planeta viveu nos dois últimos anos?

Pois bem, desbancando Londres, Paris e Nova York, tidas como mecas gastronômicas, Roma foi eleita, este ano, a melhor cidade para comer e beber no mundo! A escolha foi realizada pelo Tripadvisor, que mesmo não sendo um guia da estirpe dos renomados *50 Best* e *Michelin*, tem todo o seu valor pelo simples fato de que os votantes são os viajantes, e não uma elite de jurados especializados da área, que, à parte todo o mérito que carregam, acabam vivendo numa bolha do *high society* gastronômico (uma afirmação, com autoridade, de quem vive essa realidade e assina esta reportagem).







Acima, produção de queijos artesanais, sempre presentes na cozinha romana, e prato de nhoque à la romana, típico nos restaurantes da cidade. Na página ao lado, vista da Cidade Eterna ao anoitecer

Sem imaginar esse feito, Malizia dizia, lá no início dos anos 2000, que Roma, outrora a capital do mundo, conquistava os verdadeiros bons de garfo porque eles são tratados com respeito e são fiéis à tradição, que, graças a Deus, continua viva, mesmo com as contínuas mudanças históricas de Roma e, a seu modo, de sua internacionalização.

Ou seja, agora que as pessoas já podem voltar a transitar pelo globo, o tão sonhado e desejado *lifestyle made in Italy* grita. Se for o seu caso, elencamos os melhores lugares para viver isso e se perder pelas ruazinhas da cidade, que, pode acreditar, guarda ares provincianos mesmo sendo a capital do país, mesmo incensando toda a sua magnitude histórica, mesmo carregando a fama de caótica.

UM BÊ-Á-BÁ...

O primeiro registro da culinária romana antiga teria sido o de Marco Gavio Apicio, um gastrônomo que viveu no século I entre os reinados de Augusto e Tibério, batizado de *De Re Coquinaria*. Segundo dados históricos, tais manuscritos foram recuperados por monges entre os séculos VIII e IX e publicados somente no século XIX – dois originais estão preservados pelo mundo, um na Academia de Medicina de Nova York e o outro na Biblioteca do Vaticano.

Tratava-se de um compilado de receitas com pratos simples, pobres, que exploravam o que o campo produzia. Uma cozinha do povo para o povo. Ao longo dos séculos e até hoje, segundo o antropólogo italiano Ernesto di Rienzo, esse DNA persiste e a espinha dorsal da cozinha *laziale* segue fiel ao agropastoril, com a forte presença de alcachofra, abobrinha, ricota, pecorino, cordeiro, porco, guanciale... Tanto é que o estudioso considera que Roma é "a capital mais agrícola da Europa", cuja paisagem em plena área metropolitana, a poucos quilômetros do centro histórico, ainda é irrompida por ovelhas, cabras, javalis...

Outro grande vértice dessa cozinha veio com a criação de um matadouro na cidade, no bairro de Testaccio, pois os miúdos e as partes não nobres, como pé e cabeça, eram vendidos a um preço muito baixo e as osterias passaram a comprá-los. Daí nasceram clássicos com rabada, tripada, rim, fígado e pulmão.



Ao lado, drinque preparado no tradicional Sorpasso. Na página ao lado, costeleta de cordeiro do restaurante Betto y Mary

Roma foi eleita, em 2022, a melhor cidade para comer e beber no mundo

Agora, esmiuçando os pratos propriamente ditos, a rainha de Roma é a carbonara, prato que seguindo o protocolo "romano. doc" leva só gema – duas por pessoa, na hora de preparar a receita, pecorino e guanciale (embutido da bochecha do porco) – e muita pimenta-do-reino.

Ainda no território das pastas, estão cacio e pepe (pecorino e pimenta-do-reino), amatriciana (tomate, guanciale ou pancetta, peperoncino, a pimenta vermelha seca), gricia (amatriciana sem tomate), gnocchi alla romana (discos de massa feita de semolina, manteiga e parmesão). Importante: a cozinha italiana é intrinsecamente demarcada e diferente em cada uma de suas 20 regiões. Roma faz parte do Lazio e a cidade não é o lugar ideal para os famosos lasanha à bolonhesa, risoto e bisteca fiorentina, respectivamente, pratos de ícones da Emiglia Romagna, Lombardia e Toscana.

Muito menos do fettuccine Alfredo. Apesar da fama, ele não existe na cozinha tradicional italiana. É um prato criado por um restaurante local, homônimo. "Antigamente, as pessoas, sobretudo os americanos, só vinham para Roma para comer a pasta Alfredo, que nenhum italiano come", comenta Riccardo P. Rossi, cineasta romano idealizador da Popfilmes, uma produtora especializada em gastronomia, com sede em São Paulo. "Os pratos populares da minha cidade até então não estavam sendo valorizados o quanto deveriam! Nunca vi tanta gente querendo carbonara, cacio e pepe, amatriciana e gricia como agora", comenta ele, que vive no Brasil, mas roda o mundo e percebe essa onda. "É uma surpresa muito legal e até inesperada, se olharmos para o passado e analisarmos tendências gastronômicas anteriores, que evocavam mais glamour, técnicas mais complexas e pirotecnia", completa.

Outro símbolo local é a alcachofra, que, quando está na época (há safras na primavera e no inverno), tem dois preparos típicos, que invadem os cardápios e são servidos como entrada: carciofi alla romana (cozida com azeite, alho e sal) e alla giudia (inteira e frita).

Entre os ditos secondi piatti, estão a coda alla vaccinara (rabada), saltimbocca alla romana (vitela, prosciutto crudo, sálvia), abbacchio (cordeiro, servido em diversos preparos) e trippa alla romana (tomate, menta e pecorino). Os contorni (acompanhamentos) desses pratos de carne quase sempre são verduras ou vegetais refogados.



...E UM ROTEIRO

Para provar os pratos descritos até aqui, o Roscioli, o Armando al Pantheon, a Enoteca Corsi, o Flavio al Velavevodetto, a Remo a Testaccio e a Da Bucatino são ícones. "São locais em que até o ar é diferente! Lugares que viram o tempo passar, com a culinária ficando mais moderna. Eles permanecem ali, do jeito deles. É o tipo de lugar em que faço questão de pisar assim que o avião aterrissa no Fiumicino (o aeroporto de Roma). É o que me faz sentir em casa mesmo sendo restaurantes", declara o chef Riccardo Pace, romano radicado no Brasil e proprietário do La Cucina di Riccardo, em São José dos Campos, interior paulista, dedicado obviamente à cozinha de sua terra.

Também vale manter no radar: a Da Enzo al 29 tem a "carbonara de milhões" e vale toda e qualquer fila. A Hostaria Dino y Toni, a Osteria dell Angelo, a Osteria dar Checco Ar 65 e a Trattoria Cacio e Pepe são os restaurantes que os locais frequentam no dia a dia. Todas as casas ficam no Centro Histórico. Para quem aceitar sair do miolinho, o Betto y Mari é o destino, pois fica em um bairro popular e é a tradução da Roma que tanto foi descrita até agora. Janaina Torres Rueda, do restaurante Dona Onça, é apaixonada pela cidade e esteve lá no final de julho, depois da premiação do 50 Best, na qual levou o posto de sétimo do mundo, para a sua A Casa do Porco Bar. "Fechando a noite no restaurante mais raiz que vocês possam imaginar, no subúrbio de Roma. Que comida! Jamais esqueceremos!", declara ela.

Já quando falamos de comida de rua (cibo di strada, em italiano), o terreno é riquíssimo. A começar pelos "fritos", como eles costumam chamar essas delícias: supplì (arroz arbóreo, ragu e queijo), fiori di zucca (flor da abobrinha, mozzarella e anchova), olive ascolane (azeitona recheada com carnes, parmesão e vegetais) e filetto di baccalà (filé de bacalhau empanado).

No capítulo pizza, aqui é o reino da al taglio (sim, aquela quadrada e vendida por peso), entre as quais se destacam a pizza bianca (lembra uma focaccia e já é uma delícia, mas fica melhor ainda quando servida em duas fatias com mortadela no meio), e pizza rossa (só com molho tomate e um sublime prazer). Entre os sanduíches, o famoso é o de porchetta (barriga de porco assada) ao lado do tramezzino (discos de pão de fôrma cortados ao meio com frios, verduras, conservas). Portinhas e fornos são os indicados para essas duas últimas categorias: o Forno Roscioli, o Forno Campo dei Fiori e o Panificio Mosca são mágicos.

Entre os doces, o receituário traz os doces com ricota – um ingrediente marcante no DNA da cultura local. Porém Roma ama tiramisù e, na prática, é ele que faz parte do cotidiano, apesar de ser uma receita que tem origem disputada entre Vêneto e





Toscana. A euforia é tanta que hoje é cercada de casas especializadas na sobremesa e chega a lembrar o fenômeno das brigaderias no Brasil. O Pompi, o Mr. 100 e o Two Sizes, que acaba de abrir em São Paulo, são belos exemplos dessas casas temáticas.

E não é necessário discorrer sobre a fama do sorvete italiano. Dispensa explicações e faz parte do ritual diário quando estamos lá. Mas se permita sair do circuito Giolitti e Grom, aconselhados em toda e qualquer rota e experimente a Lemongrass, o Neve di Latte e a Fatamorgana.

WHEN IN ROME...

Uma verdadeira imersão na Cidade Eterna ainda pede dois protocolos. Começar o dia tomando café da manhã na rua, numa velocidade que só italianos parecem conseguir, devorando de pé no balcão um cornetto (primo do croissant e muito recheado de nutella ou creme) e um cappuccino, aquele vero, só com café e leite – e só de manhã, caso contrário você terá o prazer de ver um barista torcendo o nariz e bufando: *"Turísti"*. Ao lado dessa dupla obrigatória, um novo queridinho das manhãs romanas é o maritozzo (pãozinho fofo, que lembra um egg sponge, recheado com panna, um chantilly batido e leve). Onde? No Regoli, no Fiorentina 1942 e no Caffé Roscioli – eles mais uma vez.

O outro programa pode ser exercido quando o relógio bater 11 da manhã ou 5 da tarde: o aperitivo. Trata-se de um ritual sagrado, que eles praticam de segunda a segunda, mimando-se com uma pausa no cotidiano, sem a necessidade de ter um motivo para comemorar, como vemos em boa parte do mundo e no Brasil. Eles simplesmente brecam suas agendas para um drinque ou uma tacinha de espumante, sempre servidos com dois ou três bocados em algum belisquete que o bar oferece como cortesia. Feito isso, todos seguem a vida e a rotina normal. Vá ao Bar del Fico ou ao Sorpasso e pratique essa pequena indulgência.

Agora, e os restaurantes estrelados? Sim, há mais de uma dúzia deles na Cidade Eterna. Dezesseis, para ser bem precisa: 14 com 1 estrela, um com 2 estrelas e um com 3 estrelas – esse é o La Pergola, de Heinz Beck, alemão que até hoje lidera o posto de "único chef a conquistar as 3 estrelas do *Michelin* em Roma", o que ajuda a entender que, nesse território, o que impera mesmo acaba sendo uma cozinha internacional e/ou autoral, que tem todo o seu valor, claro. Mas não, não estamos diante de uma capital gastronômica para experiências gastronômicas dessa estirpe.

Por fim, mesmo sendo avessa aos clichês, aqui eles são necessários e vale abusar de dois deles: "Aprecie sem moderação" e, claro, "Em Roma, faça como os romanos". Ou, se mais uma vez nos apegarmos à obra de Malizia, ele dirá: "Os sabores de Roma são capazes de ressuscitar um morto! Para aqueles que discordam, deixem-se levar, pelo menos uma vez na vida, pela atmosfera dos *bon-vivants* romanos".





ROCCO FORTE DE LA VILLE

Aberto em 2019 e parte da seletíssima coleção de hotéis Rocco Forte, o Hotel de la Ville ocupa um palácio histórico do século XVIII restaurado artesanalmente para o empreendimento. No topo da escadaria da Praça da Espanha, no centro histórico de Roma, o hotel, que é o segundo empreendimento da rede na capital italiana, conta com 104 suítes e tem o rito do Grand Tour (tradição de viajar pela Europa inaugurada no século XVII) e a história cultural da Cidade Eterna como fontes de inspiração para a decoração, que combina cores, tapeçarias e texturas em ambientes acolhedores. Outro destaque é a cena gastronômica do hotel, com bares e restaurantes que já entraram na rota de apreciadores da boa mesa. O grupo Rocco Forte mantém um estruturado programa de sustentabilidade em torno de todas as suas propriedades com ações que contemplam o meio ambiente, o staff e a comunidade dos destinos onde se instala.

Acima, o terraço e o bar do Rocco Forte de la Ville. Na página ao lado, a tradição dos ótimos gelatos italianos nas sorveterias romanas e a fachada do Betto y Mary

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*

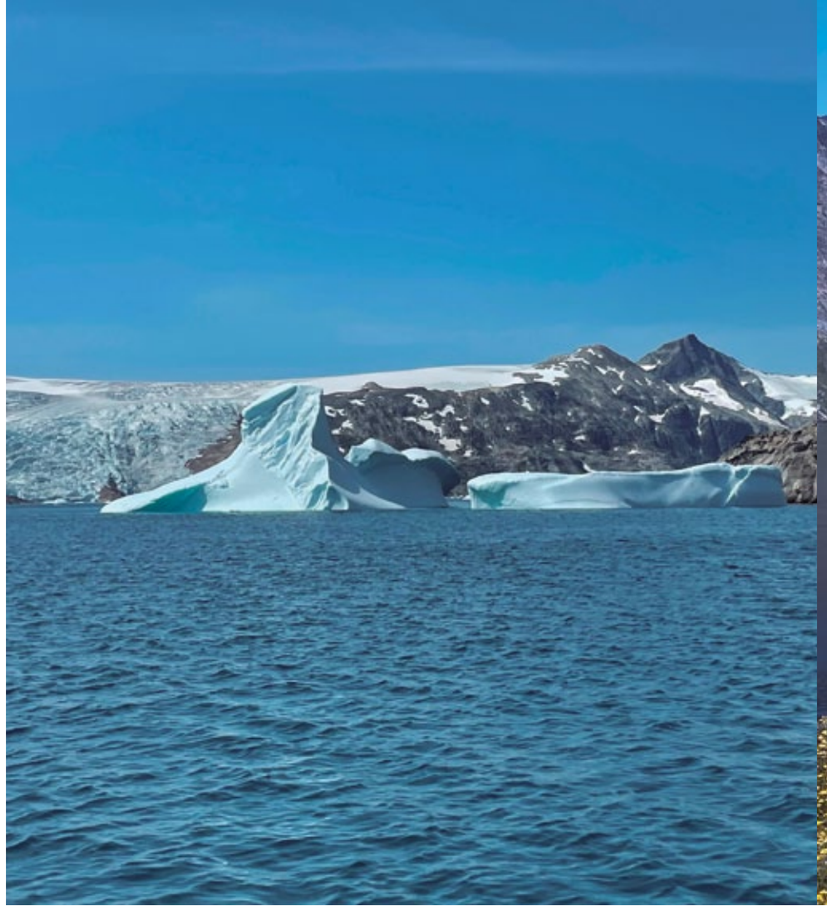


AVENTURA

A DESCOBERTA DA GROENLÂNDIA

A paisagem dramática e gélida dos fiordes e icebergs marca uma tranquila, porém emocionante, expedição pela maior ilha inóspita do mundo, que se revela um universo silencioso

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES





Fizemos parte do seleto grupo que estreou o novo roteiro da Quark Expeditions pela Groenlândia

Acima, o imponente *Ultramarine* emoldurado pelos fiordes. Na página ao lado, inúmeros icebergs passam ao lado do navio

Com os olhos grudados nas janelas do avião e a trilha sonora exata tocando, procuro algum espaço entre as nuvens para captar qualquer sinal de terra. Infelizmente sou sabotada por elas e sigo apenas na imaginação. À medida que nos aproximamos do pouso, abaixo do mau tempo, sou surpreendida pela segunda maior massa de gelo do mundo, até entrar em um vale com neblina, montanhas de coloração preta e neve. Em instantes, o verde começa a tomar conta da paisagem e sinto um frio na barriga.

Pousamos no sul da Groenlândia, na minúscula e calma cidade de Narsarsuaq, de onde navegaremos pelos próximos nove dias. Esse território dinamarquês autônomo carrega o título de maior ilha do mundo, com 2.166.000 km^2, e também o de menor densidade populacional, com apenas 57 mil pessoas em toda sua imensa área. Ou seja, um lugar praticamente inabitado. Sou fascinada por destinos de natureza extremamente remotos: lugares de silêncio que se alinham como uma música em meus sentidos e emoções. A Groenlândia é, sem dúvida, um deles. Ouço o som oco do vazio e então tenho a certeza de que uma majestosa aventura se iniciará.

Situada na América do Norte, entre os oceanos Glacial Ártico e Atlântico, mais de dois terços da Groenlândia ficam acima do Círculo Polar Ártico, o que mantém climas absurdamente frios. Nossa jornada seria na parte mais quente, abaixo do círculo, rumo ao sudeste de sua costa, mas mesmo assim, gélida.

CAMINHOS DO MAR

A Groenlândia possui apenas 150 km de estradas, portanto a melhor maneira de conhecer a região é navegando, e foi o que fizemos. A Quark Expeditions, a empresa pioneira em expedições dos polos, tem expertise e oferece nas rotas a melhor e a mais autêntica estrutura, o que nos permite um panorama excepcional da região. Ainda no aeroporto, nos encontramos com o time da Quark, e de lá seguimos para o píer, embarcando no navio.

A chegada é imponente. Com a ajuda do bote de modelo Zodiac, um dos mais potentes do mercado, nos aproximamos para entrar no *Ultramarine*, a novíssima embarcação da companhia. Fizemos parte do seleto grupo de 130 pessoas que experimentariam pela primeira vez o roteiro Aventura na Groenlândia: por Terra, Mar e Ar, com a possibilidade de conhecer a área de diversos ângulos. Uma das coisas especiais, além de os hóspedes estarem eufóricos, é que dava para sentir, já nos primeiros contatos, com os largos sorrisos da equipe que nos recebia, que eles também estavam vibrantes com a estreia.

Com certeza, o espaçoso *Ultramarine* se destaca entre as opções para viajar pela imensa ilha. Embora intimista, o navio tem 128 m de comprimento e 102 cabines, de diferentes categorias, todas muito confortáveis, além de uma biblioteca, com opções de leituras sobre o Ártico, um lounge bar, com ótimos drinques, uma completa carta de vinhos, e um amplo teatro, onde são realizadas as apresentações. Há ainda uma sala muito organizada para que os passageiros se troquem ao saírem e voltarem das experiências: é nela que ficam as botas impermeáveis emprestadas



A fantástica massa de gelo, que cobre 80% do território da Groenlândia. Na página ao lado, passeio de *mountain bike* promovido pela Quark Expeditions



e as jaquetas dupla face quentinhas (que são dadas de presente no final da viagem). Ainda disponíveis aos passageiros, há um spa aconchegante, uma sauna com vista para o mar e os fiordes, uma academia muito bem equipada, sala de ioga com *matches* profissionais e um restaurante com serviço prestativo e gastronomia saborosa. São inúmeras as opções de passatempo a bordo.

Nas primeiras horas, fomos instruídos sobre as instalações e operações, além de alertas de segurança nos inteirar de absolutamente todas as características da embarcação. Até uma simulação de abandono de navio foi feita. Após tantas informações e já com os sentimentos aflorados pelos dias que se apresentariam, fomos convidados a nos recolher a nossas cabines e descansar para o esperado dia seguinte.

"Hoje é o primeiro dia de sol em um mês!" Com esse anúncio, cheio de empolgação, fomos acordados pela voz de Ali, o chefe do time de expedições, no alto-falante, após nossa primeira noite a bordo. Pulei da cama e meu impulso foi buscar o horizonte. Corri para a varanda da minha cabine para observar os raios de sol, refletidos na neve dos dramáticos fiordes, e os diversos icebergs, que vão se pronunciando bem ao lado do navio. Demoro um tempo ali, só ouvindo o silêncio do litoral sinuoso e sentindo o leve balanço da navegação, e já começo a entrar na minha "dança" favorita. O *Ultramarine*, com toda a sua potência e tecnologia, só fica ancorado quando os passageiros estão fora da embarcação. No restante do tempo, está em constante movimento, enquanto a equipe de expedição procura os lugares ideais para realizar as experiências ultraimersivas.

Outros diferenciais da companhia são as múltiplas funções da equipe de experiências e o espírito de expedição implícito em cada saída. Cada tripulante tem mais de uma função: além de saber pilotar os Zodiacs ou orientar as rotas em terra firme, por exemplo, há entre eles biólogos, glaciologistas, geológicos e um fotógrafo. A cada noite, um desses profissionais é selecionado para dar uma palestra sobre sua área, o que nos fazia voltar ao teatro após o jantar.

Embora haja um planejamento prévio, a Quark deixa claro que estamos em uma expedição. Claro que há um itinerário previsto, mas precisamos estar abertos e preparados para qualquer mudança de rota por causa de mau tempo ou de outras adversidades. "Abraçar o inesperado faz parte do legado, e do entusiasmo, de uma viagem de expedição." E isso precisa estar totalmente em mente durante a jornada.

RESPONSABILIDADE E BONS EXEMPLOS

A organização das experiências está ligada ao turismo responsável, uma das premissas da companhia. Em um momento em que viajar não é mais explorar, mas sim conviver com o mundo, as práticas sustentáveis da Quark vão além das atualmente necessárias – como a diminuição do uso de plástico, a reciclagem e a redução da emissão de carbono. A companhia tem consciência de que o meio ambiente precisa ser cuidado hoje para ser revivido em anos, e que a conexão significativa entre as pessoas e os lugares é imprescindível para engajar os hóspedes com as práticas corretas. Os dias são guiados por palestras de educação sustentável e excelentes exemplos a bordo e em terra firme, o que, com certeza, resulta em enormes mudanças positivas. Além disso, a Quark faz parte de diversas organizações com o objetivo de preservar os polos. A intenção é ser o principal investidor de projetos de divulgação nas regiões polares, apoiar pesquisas ambientais e envolver cada vez mais a comunidade em seus projetos.

O ponto forte do *Ultramarine* é que ele permite desbravar a Groenlândia de diversos ângulos. Todos os dias, de manhã e à tarde, uma saída inédita do barco nos aguardava, e juntamente com ela a possibilidade de outra experiência. Equipada com caiaques, Zodiacs, *mountain bikes* e dois helicópteros bimotores Airbus H145, cada saída do navio proporciona visões incríveis. De caiaque, remando ao lado dos icebergs, em um voo de helicóptero, com pouso na camada de gelo, em um corajoso pulo nas águas mais geladas do Oceano Atlântico ou conhecendo de perto uma banda de rock autêntica do



Um dos momentos mais esperados da viagem: caminhar sobre a massa de gelo é indescritível

território, o itinerário diário da Quark reserva surpresas e muita diversidade.

A ansiedade bate forte quando as descidas do navio são anunciadas. São os momentos mais esperados e, com certeza, os mais inesquecíveis. As aventuras não são necessariamente intensas em exercício, mas na quantidade de atividades. E, seguindo o padrão excepcional de organização, a Quark separa os hóspedes em quatro grupos pequenos, com interesse semelhantes, e divide as experiências por eles. Ou seja, nenhum grupo realizou exatamente a mesma atividade, pois, no dia que o grupo Fjord estava no Paddle, o grupo Vikings estava no Heli Hiking. Na volta para o navio, isso gerava uma interação muito bacana entre os hóspedes.

CAMINHADAS PELO PASSADO

Nos tirar do navio era sempre o objetivo da equipe de expedição. E era também onde a mágica da Groenlândia acontecia. Eu me joguei de corpo e alma em cada uma delas. Os únicos passeios que não fiz foram a *mountain bike*, o caiaque nas montanhas e o camping, atividades extras, cobradas à parte. Quem foi, no entanto, contou que são momentos únicos, todos começando com um voo de helicóptero extraordinário, com destino a lugares especiais e ainda mais afastados. As outras atividades estão inclusas na estadia.

Um dos programas mais interessantes são as caminhadas. São as experiências mais comuns, mas nem por isso normais. Reservado apenas para o nosso grupo – os outros estavam em outras atividades –, a ideia era caminhar pela vegetação dos fiordes e descobrir algum lugar encantador, entre tantos. Na maioria delas, fazíamos um pequeno trajeto com o bote, aproveitando para apreciar alguns icebergs no caminho, e desembarcávamos para caminhar. Os guias ficavam espalhados pela área, e podíamos andar livremente.

A natureza da Groenlândia é surpreendente, e também um sinônimo de resiliência. Mesmo que o frio não fosse tanto (vale dizer que estávamos no verão e o aquecimento global é uma realidade que sentimos na pele, pois chegamos a pegar 15 °C, em uma época que era para estar no máximo 10 °C), a tundra é o bioma constante da região. Trata-se de uma vegetação totalmente verde e rasteira, com flores e muitos arbustos pelo caminho, que insiste em prosperar mesmo tendo o solo congelado por um longo período do ano.

Uma das sensações mais incríveis é caminhar entre os fiordes e imaginar como tudo aquilo se formou. Fiordes são enormes vales rochosos alagados pelo mar, criados pela ação do gelo, nas eras glaciais, nos últimos 3 milhões de anos. Basicamente, o gelo arrastava tudo o que encontrava pela frente, arrancando pedaços de rochas, o que resultava em vales estreitos e paredões íngremes. Avistar o horizonte da Groenlândia sob o ângulo dos verdes e pontudos fiordes, subir em suas rochas e ver a vastidão do mar azul potente, cruzar os rioscristalinos, com a água das geleiras, são oportunidades de ouvir o silêncio do passado e criar na mente uma paisagem incrivelmente diferente da atual. Foram momentos inesquecíveis.

UMA MANHÃ NO POVOADO DE AAPPILATTOQ

Sim, você leu certo. Essa profusão de consoantes e vogais aparentemente sem nenhum sentido é, de fato, um lugar. Essa pequena e modesta vila de nome impronunciável foi a nossa primeira interação com alguma civilização após dias navegando. Localizada em uma baía rochosa do pitoresco fiorde de Prins Christian Sund, Aappilattoq conta com apenas 100 carinhosos moradores e uma estrutura básica, com uma escola simples, uma igreja charmosa, um supermercado curiosíssimo e um surpreendente campo de futebol, além de casas totalmente coloridas para tentar espantar o escuro do inverno. Abastecido por dois helicópteros por semana, o lugar vive à base de métodos ancestrais de pesca e caça e acaba de completar 100 anos.

Descobrir a Groenlândia por meio dos costumes de seu povo nativo foi bastante incomum. Os moradores são da cultura inuíte (não fale esquimós!), povos indígenas originários das regiões congelantes da América do Norte, de trechos do Canadá, do Alasca e da Groenlândia. Hoje, eles vivem com certa modernidade, claro, mas com muitos desafios por causa do derretimento do gelo, o que muda bastante as atividades cotidianas – e aumenta a vontade de emigrar. Segundo cientistas, setembro de 2022 foi atípico, com as temperaturas mais altas atingidas nesse mês desde 1979.

Logo na chegada, o silêncio entre as línguas (o idioma original é o groenlandês, pouquíssimos falam inglês) foi quebrado pela intensa programação. Extremamente interessados e solícitos, todos nos receberam com as vozes roucas do coral do vilarejo, na pequena igreja, cantando hinos nostálgicos. Um delicioso café com torradas e bolos típicos foi servido na cafeteria. Para a minha surpresa, uma partida bem confusa de futebol – sou brasileira, preciso falar a verdade – entre os inuítes e os membros da





expedição rendeu boas risadas e muita gratidão por algo tão inusitado. Para terminar, fomos presenteados com um show de rock groenlandês. Saímos de lá maravilhados pela recepção calorosa e por uma interação genuína.

DE CAIAQUE ENTRE OS ICEBERGS

Devidamente trajada com uma roupa impermeável, da cabeça aos pés, parti com meu grupo para o caiaque no gélido Mar da Groenlândia. Com a ajuda do Zodiac e de Mark, nosso guia, chegamos até uma enseada mais abrigada, onde nos posicionamos em nossos caiaques duplos. Vale saber que, sendo a pessoa um expert no esporte ou um estreante, é praticamente impossível virar.

Era nossa melhor chance de ter o melhor ângulo dos icebergs: aprendemos, em uma palestra prévia com Mike (que é geólogo), que os icebergs são massas de gelo que se soltam dos glaciares e são levadas pelo o mar, e que apenas 20% de um iceberg é visível acima da água. Por isso é preciso ter precaução, pois nunca se sabe se mais partes vão se soltar ou até mesmo se ele pode virar.

Chegamos perto de alguns menores, mas sempre com Mark em alerta, pedindo para termos bastante atenção. A quietude desse momento foi interrompida apenas pelos sons das pequenas partes que se soltam, como uma onda quebrando na praia. No mesmo passeio, ainda tivemos a sorte de ouvir o barulho de um animal na água, que se revelou ser uma foca solitária.

VOANDO SOBRE OS FIORDES

Entre os muitos recursos do *Ultramarine*, um dos mais importantes é a capacidade de transportar dois helicópteros, o que faz toda a diferença na hora de explorar a Groenlândia. Foram três chances de admirar os fiordes do alto. E foram as três experiências mais surreais de toda a viagem

Na primeira delas, estávamos programados para realizar outro passeio à tarde, quando os alto-falantes do navio avisaram que os planos tinham mudado: todos os grupos fariam o sobrevoo de helicóptero. Por sorte, fomos o primeiro grupo chamado e, mais sorte ainda, pude me sentar na frente, com o piloto. A volta de helicóptero durou 15 minutos, voando pelo meio dos fiordes e proporcionando uma das vistas mais magníficas, indo ainda mais fundo na

De caiaque é possível chegar muito perto dos incríveis icebergs

Acima, passeio de caiaque entre os icebergs. Na página ao lado, a isolada vila de Aappilattoq

ilha. Isso tudo misturado à sensação única de não ver ninguém, nenhuma casa, nem sinal de civilização a quilômetros de distância. Maravilhada, só conseguia ouvir os "uaus" e "ohs" dos meus companheiros de voo, inclusive do piloto. Para ficar na memória.

A segunda saída foi o *heli hiking*, ou seja, um voo de helicóptero com pouso no topo de uma das montanhas, seguido de uma leve caminhada. A vista de 360 graus do mar, com os icebergs em meio aos fiordes, do topo da montanha, fez o meu silêncio interior ter a certeza de que ali, provavelmente, ninguém pisou um dia. Acho que isso, para quem ama viagens de natureza remota, é uma das maiores conquistas.

Nossa terceira e última experiência da viagem também começou pelo ar, com um objetivo muito esperado: pousar na segunda maior massa de gelo do mundo, que cobre 80% do território da Groenlândia, conta com aproximadamente 1.710.000 km² e tem perto de 150 mil anos de idade, e por onde pudemos nos aventurar por cerca de duas horas. O voo começou como todos os outros, nos fiordes, quando, de repente, o branco começou a tomar conta do horizonte. O gelo é fascinante e parece que os olhos ficam fixados, com sua

potência preenchendo os sentidos. Apenas pequenas fissuras interferem na imensidão alva. É a natureza na sua forma mais pura.

Para coroar o final da expedição, fomos mais uma vez surpreendidos, com o *polar plunge*. Ou seja, nossa única oportunidade de mergulhar nas águas da Groenlândia. É frio? Bastante. Mas a sensação é a mesma da água gelada de uma cachoeira, só que com a energia do Ártico. Saí revigorada e pronta para voltar para casa.

Na volta, o tempo nem se atreveu a me sabotar. Pude admirar a imensa camada polar a quilômetros de altitude, uma sensação que nos coloca em harmonia com a natureza. Somos tão pequenos diante do planeta, conhecemos tão pouco, mesmo achando que sabemos demais. Visitar a Groenlândia deixou ainda mais evidente para mim o que é o turismo de natureza de luxo hoje: pouquíssimo impacto no meio ambiente e muita consciência e responsabilidade sobre nossas pegadas, interação com a cultura local genuína e experiências extremas. E, por fim, a constatação de estar tão isolada e em silêncio, e com as únicas vozes que se ouvem: a da natureza e a da alma.

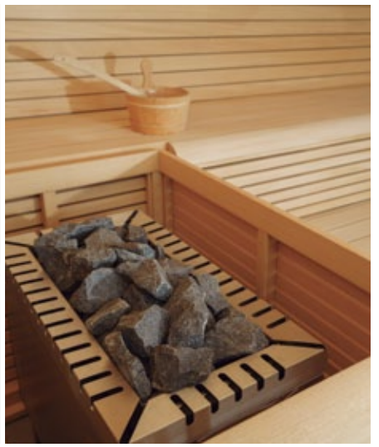




O pouso de um dos dois helicópteros do *Ultramarine* sobre a massa de gelo. No detalhe, Corinna e Carolina exploram a formação glacial milenar



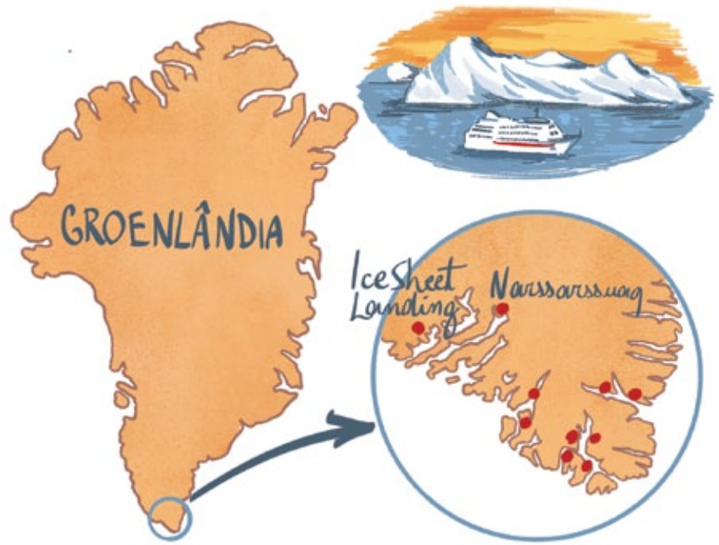




O moderno e silencioso *Ultramarine* visto de fora, a suíte Balcony e a sauna do spa do navio

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*



AVENTURA EXTREMA

A PASSAGEM NOROESTE

Uma viagem que contornou a Calota Polar, um mar nunca antes visto

POR BETO PANDIANI

A ideia de cruzar a lendária passagem que fica acima do norte do Canadá nasceu em 2010, depois de Igor Bely e eu termos cruzado o Oceano Pacífico. Esse caminho foi tentado inúmeras vezes nos dois séculos anteriores, mas as investidas sempre foram malsucedidas.

A Inglaterra precisava encontrar um caminho comercial para seus navios alcançarem a Ásia, já que os portugueses e espanhóis dominavam as rotas do Índico e do Pacífico, respectivamente. Mas o que a impediu naquela época foi o gelo, que bloqueava todo o caminho, formado por um conjunto de grandes ilhas, que se localizam ao norte do Canadá.

O primeiro homem que completou a travessia foi Roald Amundsen, em 1906. Esse grande explorador norueguês precisou de três verões para vencer o gelo com a sua embarcação de 21 m, batizada de *Gjoa*. Foi ele também que alcançou a pé pela primeira vez o Polo Sul.

O nosso projeto precisou de muitos anos para amadurecer e, nesse meio-tempo, ainda cruzamos o Oceano Atlântico. Em 2018, tomamos a decisão de retomar a ideia inicial. Nessa época, eu já vinha pesquisando qual barco seria ideal para a travessia. Acabamos comprando um catamarã moderno, construído com fibra de carbono e muita tecnologia para ser leve e forte, já que a região tem pouco vento no verão.

Sabíamos que iríamos encontrar condições difíceis para navegar no Oceano Ártico, pois no verão ainda há muito gelo e uma meteorologia instável. A janela de oportunidades é sempre bem curta, por isso precisávamos de um barco rápido no vento fraco.

ANTES DE PARTIR

No início de junho, viajei para Seattle, nos EUA, juntamente com a equipe de filmagem, para encontrar o Igor no estaleiro, em Port Townsend, próximo da divisa com o Canadá. O nosso propósito era fazer um filme sobre as mudanças climáticas na Calota Polar, a região mais sensível acima do Círculo Polar Ártico.

Passamos alguns dias fazendo os últimos ajustes e testes com o *Igloo* (o nome do nosso catamarã) e logo em seguida começamos uma grande viagem por terra: rebocar o barco por quase 5 mil quilômetros, até Tuktoyaktuk, com um antigo *motorhome*.

Foram 14 dias de estradas maravilhosas, que inicialmente cruzavam a Columbia Britânica, em seguida o Yukon e, finalmente, os Territórios do Noroeste. Os últimos mil quilômetros foram percorridos na lendária Dempster Highway, uma remota estrada de terra, com quase nenhuma assistência.

A nossa estadia em Tuktoyaktuk foi muito mais longa do que imaginamos, pois o verão estava atrasado em três semanas, o que nos deixou muito apreensivos. Havíamos planejado uma viagem de 90 dias, esperando encontrar muitos sem vento, mas acabamos perdendo 20 dias em nosso cronograma, tempo que esperamos para que o gelo abrisse na Baía de Tuk.

DESAFIOS NO MAR

Partimos de Tuk em 20 de julho, depois de uma longa espera, sofrendo os efeitos de um período de muito calor e com uma profusão de insetos famintos.

Logo de cara, tínhamos pela frente um enorme desafio, que era cruzar uma grande área de gelo que estava estacionada em frente ao delta do Rio Mackenzie, 100 milhas mar afora.

Vivemos momentos muito difíceis no segundo dia, quando entramos em um labirinto de gelo, que logo em seguida foi tomado por uma forte neblina e nos deixou com poucas condições de prosseguir. Velejamos quase às cegas por mais de 18 horas. Finalmente, quando a neblina se dissipou, pudemos ter uma ideia de para qual direção velejar.

Tivemos a opção de parar em comunidades Inuítes (membros da nação indígena esquimó) ao longo do caminho, o que ajudou na logística de documenta-











Acima, o catamarã *Igloo*, protagonista da aventura de Igor Bely e Beto Pandiani. Na página ao lado, o cardume de belugas que cercou o barco

ção. Isso porque o Alberto Aldrich e o Ale Socci, nossos cinegrafistas, sempre estavam nos esperando para documentar as chegadas, as partidas e as nossas estadias. Passamos por Paulatuk, Kugluktuk, Cambridge Bay, Gjoa Haven e Artic Bay.

Viajar pelo Oceano Ártico não foi apenas um desafio náutico. Foi uma experiência antropológica, pois pudemos nos relacionar com a população das comunidades que vivem em uma região do planeta de condições muito extremas. Inúmeras vezes, me perguntei por que alguém se submete a viver em um lugar onde não há luz do Sol por dois meses durante o ano, as temperaturas beiram os -50 °C, não existe vegetação e, se você quiser sair de lá, precisará de um pequeno avião, que nem sempre tem condições de pouso.

Para um habitante de um país tropical como o Brasil, é difícil entender a vida no Ártico, mas ela tem a sua beleza, mesmo sendo muito monótona em grande parte do nosso roteiro. A paisagem foi ficando interessante à medida que avançávamos em direção à Ilha de Baffin, onde apareceram os primeiros fiordes e montanhas. A vida animal também surgiu quando nos aproximamos do Oceano Atlântico. Pudemos observar baleias belugas, *bowheads*, narvais, ursos-polares, *musk oxen* (uma espécie de búfalo do Ártico) e muitas aves migratórias.



O que ajudou a quebrar a monotonia da paisagem foi a luz, já que por mais de dois meses tivemos maravilhosos crepúsculos, que tingiam com matizes de laranja os vastos horizontes.

Sofremos um pouco com as baixas temperaturas, pois ficamos expostos na maior parte do tempo, e nos dias de mais vento a temperatura era negativa. Sem nenhuma dúvida, foi a viagem mais desafiadora de todas de que já participei.

O CANTO DAS BELUGAS

No penúltimo dia de viagem, fomos premiados com a presença de mais de 100 belugas, e filhotes, em uma pequena baía, chamada Leopold. Elas se aproximaram do nosso barco durante uma noite e, de muito perto, pudemos ouvir a sua comunicação e a sua respiração. Imagine estar ancorado em um lugar remoto, a 74 graus norte, e se ver cercado por belugas curiosas, em uma intensa comunicação entre si. O que elas falavam? Difícil dizer. Depois dessa experiência, eu posso afirmar que algo mudou dentro de mim.

Partimos de Leopold Bay com um mar de cor esverdeada, que contrastava com uma densa névoa cinza. O vento zunia pelos estais do *Igloo*, que saltava as ondas cavadas do Canal Parry. Depois de algumas horas, pudemos observar a Ilha de Devon, que se estende em direção ao Polo Norte. Na metade do dia, começou a nevar muito forte e o vento foi embora. Ele só voltou algum tempo depois, quando Igor e eu, completamente congelados, passamos a velejar com bastante vento favorável, fazendo o *Igloo* descer jacarés vertiginosos no escuro da noite.

Na manhã seguinte, avistamos um lugar muito desejado: Artic Bay, o destino final da viagem. Terminamos a jornada cansados, mas completamente realizados por termos cruzado a Passagem Noroeste em uma embarcação sem motor e sem cabine. Agora é tempo de trabalhar na edição do filme e do livro fotográfico, que serão lançados em 2023.

Rita Soares

ENTREVISTA

Anfitriã amorosa e grande entusiasta da valorização da cultura alentejana, a idealizadora da Herdade da Malhadinha Nova conta como transformou o hotel em um espaço que é uma referência de hospitalidade, enogastronomia e medidas de sustentabilidade efetivas

POR ERIK SADAO

Valores de família e de respeito à natureza sustentam, como dois pilares fundamentais, a Herdade da Malhadinha Nova, um refúgio de charme que dá um exemplo de boas práticas ambientais e um show de hotelaria no Alentejo, em Portugal. Na região de Albernoa, Beja, a propriedade familiar, regida com cuidado e dedicação pela hoteleira Rita Soares, resgata a cultura local por meio do acolhimento genuíno, da valorização do vinho e da gastronomia e da preservação do meio ambiente e das tradições, conseguindo assim imprimir um novo ritmo ao conceito de férias.

UNQUIET _**A Herdade da Malhadinha oferece uma das experiências enogastronômicas mais admiradas de Portugal. Como surgiu o conceito do hotel?**
Rita Soares: A Malhadinha foi adquirida pela família em 1998, ano em que nasceu a nossa filha mais velha, Francisca. A terra estava abandonada havia mais de 30 anos, embora localizada num espaço de natureza singular, com características endógenas muito especiais e com uma história e cultura muito ricas. Desde o início, ela parecia uma combinação perfeita do nosso imenso respeito pela natureza com a necessidade de preservação dos recursos e da história da região.

Qual a influência da família Soares na trajetória da Herdade da Malhadinha?
Nosso desejo sempre foi melhorar a região e construir uma história de vida baseada em valores fortes. Em resumo, acreditamos em um jeito de viver que atue em importantes áreas, como a criação, a valorização do espaço, a preservação, a conservação e um grande desejo de deixar um legado. A Malhadinha é um projeto independente, personalizado com uma forte visão de sustentabilidade, preservação e com uma enorme vontade desejo de partilhar. Quem nos visita sente que temos a missão de ser um exemplo para outros,







Ao lado, colheita de uvas na vinícola da Herdade Malhadinha e ninhos de pássaros endêmicos da região





Acima, produção de cerâmica e interação com a natureza estão entre as propostas do hotel

de educar sempre com nossas experiências. Todas elas têm esse claro objetivo educacional. Como família, não entretemos os hóspedes, mas queremos educar e entregar valor. Na Malhadinha, eles compreenderão o quanto o seu investimento contribuirá para a contínua melhoria desse espaço e dessa região.

Na sua opinião, o que diferencia a Herdade da Malhadinha de outras experiências enogastronômicas?
Fundamentalmente é o aspecto familiar, que incorpora nossos valores ao dia a dia. O fato de a Herdade não ser apenas um projeto de vinhos ou de turismo, mas um projeto de vida com o "nosso jeito de fazer" em todas as áreas do negócio.

O que irá marcar o hóspede que chegue à Herdade da Malhadinha pela primeira vez?
Na minha opinião, o impacto mais importante é o espaço. O contato com a natureza singular do Alentejo. Há uma paz, sentida imediatamente, ao entrar em contato com a paisagem a perder de vista das terras. Os mimos, o cuidado e o carinho com cada um é outro ponto. Queremos garantir que todos que nos visitem sintam a paixão de nossa família pelo projeto.

Quais são as responsabilidades e obrigações para uma marca contemporânea se instalar em lugares com um frágil ecossistema, como na região do Alentejo?
Sentimos essa responsabilidade em cada momento e em cada passo da nossa trajetória. A Malhadinha está localizada numa das regiões menos povoadas da Europa. O desejo de preservar as características naturais e melhorar o espaço sempre foi a nossa missão. A Malhadinha está inserida numa reserva ecológica natural, uma zona de proteção especial para o desenvolvimento da avifauna local. Nosso desejo era criar uma marca com as características naturais do espaço, somada à cultura e às tradições do Alentejo, promovendo a identidade do território.

Qual é a importância da inclusão e da diversidade na Herdade da Malhadinha?
A filosofia de contribuir para o desenvolvimento da região é muito clara e, por isso, é inevitável que a inclusão seja uma de nossas maiores preocupações. Tudo o que desenvolvemos aqui inclui a comunidade. Por exemplo, são os artesãos os responsáveis pela propagação de conhecimentos ancestrais alentejanos. Nosso projeto de reabilitação de casas nas aldeias próximas para os colaboradores de zonas distantes contribui para o desenvolvimento e crescimento das zonas circundantes. Para nós, tudo isso faz parte de um ciclo, e a consciência a respeito da inclusão e de nossas políticas é natural.

E as práticas de preservação?
Todas elas asseguram a preservação e a conservação e podem ser definidas pelo fato de que os 450 hectares da Malhadinha são utilizados para a produção biológica de vinhos e de todos os produtos consumidos aqui. Nossas iniciativas são desenvolvidas com o intuito de promover um bioma diverso e manter seu equilíbrio natural. Nossa marca carrega valores intrínsecos muito fortes e nossas ações são focadas no respeito pelo ecossistema do Alentejo. O estado frágil e seus atributos e toda a história da região sempre foram de muito interesse para nós. O respeito pela natureza, pela história e pela cultura são fundamentais desde a criação, e para o futuro, da Malhadinha.

Como vocês identificam os melhores profissionais para o trabalho no hotel e na vinícola?
Nós procuramos gente perseverante e apaixonada, com o desejo de se dedicar a um projeto de vida que envolva a promoção e preservação do Alentejo.

Como é feita a escolha das atividades do menu de expedições de vocês?
As atividades têm sempre um objetivo transversal a todas as áreas. Na enologia, na gastronomia ou na arte. A qualidade na transmissão do conhecimento da região e de nossos valores, e o teor educacional das vivências, é o ponto comum entre todas elas.

A arte está presente nos detalhes do hotel e até no rótulo dos vinhos. Como surgiu a ideia de incluir as crianças no projeto?
Nossa filha mais velha nasceu no ano em que compramos a Malhadinha e foi ela que simbolicamente plantou a primeira cepa de vinha do que viria a ser nosso principal vinhedo. A construção do projeto aconteceu simultaneamente à construção de nossa família. O desejo de compartilhar nosso jeito de viver e a emoção de estarmos alimentando um sonho foram concretizados logo no primeiro rótulo do vinho lançado no mercado. Meu marido, João, teve a ideia de utilizar um desenho feito pela Francisca. Para nós, os rótulos de vinhos e azeites, desenhados pelas crianças da família, representam a essência da Malhadinha.

Existe alguma experiência que somente a Herdade da Malhadinha ofereça? ?
Criamos uma olaria para criar produtos com o barro vermelho, abundante e típico da região. A propriedade é repleta de ruínas de fornos a lenha de azinho, onde antes se produzia o barro. Os hóspedes terão a oportunidade de elaborar uma peça de olaria em uma roda de oleiro original, utilizando o barro da Malhadinha, e levar um bocadinho da nossa terra para casa. Além disso, atividades que reúnem os artesãos a artistas locais são também experiências únicas, como aprender a produzir e tocar a tradicional viola campanica ou as botas alentejanas.

Quais são os próximos passos para o hotel e a vinícola? Algum projeto no horizonte próximo?
Sim, estamos nesse momento trabalhando com o arquiteto Manuel Aires Mateus na construção da base para um projeto de bem-estar, uma zona de tratamentos com uma nova marca orgânica dos Açores, chamada Igna. O espaço será o primeiro de outros, que irão nascer em parceria com Manuel Aires em zonas onde ainda existem duas ou três ruínas. Vamos aproveitar melhor um moinho de água e um forno de terracota históricos. Serão suítes integradas em locais ainda mais remotos e inseridos no seio da natureza. Estamos chamando-as de suítes holísticas de bem-estar.

O que é ser UNQUIET para você?
Inquietos é o que nos caracteriza a todos enquanto família. Queremos sempre melhorar, construir e desafiar.

CRÔNICA

O sentido de viajar é o encontro

O melhor destino acaba sempre sendo as pessoas, em especial quando suas almas se sentem livres de pressão

POR EMICIDA

Os Krenak, um povo que originalmente vivia na Mata Atlântica e no baixo Recôncavo Baiano, dentre outras coisas belas, nos presenteou com meu amigo Aílton, que, com suas palavras, escritas ou faladas, tem nos dado chacoalhões mais do que necessários: urgentes. Ele tem em sua visão de mundo uma prática fantástica. Referem-se àquilo que nos ambientes urbanos fomos ensinados a tratar como coisas, em especial os elementos da natureza, como seres vivos, algo que de fato são, e acabam passando desapercebidos, pois seguimos com os olhos sequestrados pelas ciências de alta tecnologia.

A montanha tem seu próprio nome e o Rio Doce (o mesmo que a ganância cega da Samarco soterrou com uma quantidade de lama tóxica, que alcançou o Oceano Atlântico) é chamado de avô, ou Uatu. Certa vez, conversávamos sobre isso, e ele disse que, após esse triste episódio, gerado pela irresponsabilidade da mineradora, seu avô estava muito doente. Inocentemente perguntei mais sobre seu avô e ele, com gentileza, fez com que minha mente se assentasse no chão de sua cosmologia.

Assim entendi que Uatu era o rio, e o rio era o avô de seu povo. Com certeza, meu maior prazer em viajar vem do sentimento que esse tipo de encontro me traz, um encontro que é muito maior do que o encontro entre dois indivíduos humanos. A oportunidade de olhar nossas cidades de fora acaba por permitir também que façamos o mesmo com nossas culturas e com nós mesmos.

Quem troca ideias sempre vai embora com uma a mais do que quando chegou.

Para mim, que estou a cada dia em uma cidade – algumas vezes, cada dia em um país (e há muitos mundos dentro de cada país) –, todo mundo só quer, no final do dia, tocar algo que possa chamar de felicidade. Isso é o que nos iguala enquanto seres humanos, independentemente de a felicidade significar um tênis novo, pescar em um rio limpo, colocar os filhos para dormir, ver a floresta em pé, zerar seus boletos, não ser bombardeado, sair para dançar ou comer mandioca quentinha. É uma busca comum a todos nós.

Sempre vivo situações que me fazem chegar a essa conclusão. Pessoas oferecem seu mundo às outras na intenção de fazer com que todos se sintam em casa. Na verdade, em um lar, pois, como cantou Dom Salvador, "sem amor uma casa é só uma moradia, com ele tudo vira lar". Mesmo quando estamos a quilômetros da nossa própria casa.

Quando estive pela primeira vez em Cabo Verde, viajei pelo interior, nos arredores de Praia. Ali conheci e gravei canções com as batucadoras do Terreiro dos Órgãos. Era um período de muita seca. Neusa, uma das cantoras, me chamou para fora a certa altura e me pediu desculpas pelo tempo seco. Disse que em geral aquela montanha, que estava com uma aparência tão ressecada, era coberta de flores, e ela gostaria que eu tivesse a oportunidade de ver como a montanha coberta de flores era linda. Anos mais tarde, em Portugal, na cidade do Porto, fui recebido pela mãe de um amigo, dona Jacinta, que, ao me buscar no aeroporto em um dia chuvoso, desculpou-se pelo mau tempo, dizendo que a cidade era muito bonita e que ela rezaria para que o sol surgisse nos próximos dias, assim poderíamos ver também a beleza de sua terra.

Em tempos onde a humanidade, amedrontada, se vê seduzida pelas distâncias, pelas fronteiras e pelos muros, caindo nas armadilhas dos confrontos bélicos, numa experiência pós-pandêmica que deixou de alguma forma algum tipo de sequela em todos, o melhor destino acaba sempre sendo as pessoas, em especial quando suas almas se sentem livres de pressão. O outro podendo oferecer o seu melhor. Que compartilha conosco Uatu, a montanha florida que a primavera trará ou as belezas de uma tarde ensolarada numa pracinha do Porto. A vida faz sentido no encontro. É aí que a beleza nasce, e a beleza é o melhor antídoto para afugentar o medo.



Inspiradores



FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO/ ACERVO ZÉLIA GATTAI

ZÉLIA GATTAI (1916–2008)

A personalidade solar de Zélia Gattai era uma de suas características mais marcantes. Ainda que conhecida como a esposa de um dos maiores nomes da literatura brasileira – quiçá mundial –, a paulistana, filha de imigrantes italianos, era uma presença pulsante ao lado de Jorge Amado.

Mesmo que tenham feito da mítica Casa do Rio Vermelho, em Salvador, seu refúgio por 37 anos, o casal viajou o mundo e fez dele a fonte de inspiração de sua obra. Hoje convertido em museu, o número 33 da Rua Alagoinhas guarda a história de vida dos escritores, cujas memórias foram eternizadas em um livro homônimo de Zélia, que estreou na carreira literária aos 63 anos. Ela, grande observadora da alma humana, gostava de conhecer pessoas, culturas e hábitos que, mais tarde, permeariam sua produção literária.

Para entender a vocação exploradora do casal, cujas viagens eram incentivadas principalmente por Zélia, já que Jorge Amado tinha pavor de voar de avião, o espaço Viajantes, do museu, reúne um acervo de objetos garimpados em viagens para mais de 110 países – primeiro durante o exílio na Europa, entre 1948 e 1952, e depois pelo simples gosto de desbravar novos lugares. Durante suas constantes aventuras, Zélia e Jorge colecionaram amigos como Pablo Neruda, Pablo Picasso, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, personagens que, ao longo dos anos, visitariam a casa em Salvador.

Um dos espaços do memorial é, ainda, dedicado à outra paixão de Zélia, a fotografia: o cômodo Zélia, Companheira Graças a Deus, abriga centenas de câmeras, rolos fotográficos e imagens feitas por ela, inclusive em diversas viagens, entre outros objetos.

Há 2 anos ampliando
seus horizontes.

Stay alive. Be UNQUIET

Tech and Soul

Quem sabe ser eficiente na vida financeira, não quer um banco pela metade.

QUEM SABE, SAFRA.

Uma conta completa com
um mundo de serviços do Safra.
Cartão de crédito com experiências exclusivas,
empréstimos, assessoria pra investir
e acesso à Safra Corretora.



ABRA UMA
CONTA COMPLETA
PELO APP.

180 ANOS | Safra



A abertura da conta corrente e a contratação dos produtos de crédito estão sujeitas à análise e aprovação do Banco Safra S.A. Central de Atendimento Safra: 55 (11) 3253-4455 (capital e Grande São Paulo) e 0300-105-1234 (demais localidades) – de 2ª a 6ª feira, das 8h às 21h30, exceto feriados. Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC): 0800-772-5755; atendimento a portadores de necessidades especiais auditivas e de fala: 0800-772-4136 – de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h, e sábado, das 9h às 15h*. Ouvidoria (caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito): 0800-770-1236; atendimento a portadores de necessidades especiais auditivas e de fala: 0800-727-7555 – de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados; ou acesse www.safra.com.br/atendimento/ouvidoria.htm. *Horário de atendimento especial do SAC durante a pandemia (covid-19). www.safra.com.br